

Refletindo a Psicanálise

Ano 03



Organizadores:

Geraldo Jorge Barbosa de Moura
Ana Cláudia Zuanella
Cristina Lúcia Costa M. de Macedo
José Fernando de Santana Barros
Maria Stela Menezes Santana
Sandra Paraíso Sampaio
Silvana Maria de Barros Santos



REFLETINDO A PSICANÁLISE

Ano 03

ORGANIZADORES:

Geraldo Jorge Barbosa de Moura-SPRPE/UFRPE

Ana Cláudia Zuanella-SPRPE

Cristina Lúcia Costa Maurício de Macedo-SPRPE

José Fernando de Santana Barros-SPRPE

Maria Stela Menezes Santana-SPRPE

Sandra Paraíso Sampaio-SPRPE

Silvana Maria de Barros Santos-SPRPE



Sociedade
Psicanalítica do
Recife

FEBRA^{OO}PSI
FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE



INTERNATIONAL
PSYCHOANALYTICAL
ASSOCIATION



Recife, 2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Central, Recife-PE, Brasil

R332 Refletindo a psicanálise: ano 3 / Geraldo Jorge Barbosa de
Moura ... [et al.]. – 1. Ed. – Recife: EDUFRPE, 2024.
295 p.

Vários autores.
Inclui referências.

1. Psicanálise 2. Freud, Sigmund, 1856-1939 3. Inconsciente
4. Energia psíquica (Psicanálise) 5. Libido I. Moura, Geraldo Jorge
Barbosa de

CDD 150.1952

ISBN: 978-65-01-22417-6

SOCIEDADE PSICANALÍTICA DO RECIFE-SPRPE
Biênio 2023/2024

Diretoria:

Presidente: Carolina Cavalcanti Henriques
Secretária: Lígia Maria G. da S. Rodrigues
Tesoureiro: Vítor Hugo Lima Barreto
Diretora Científica: Sandra Paraíso Sampaio
Diretora do Instituto: Ana Cláudia Zuanella

Comissão de Ensino:

Claudia Galamba
José Fernando de Santana Barros
Lígia Maria Gomes da Silva Rodrigues
Maria Crisales Lima Rezende

Conselho Consultivo:

José Fernando de Santana Barros
Maria Stela Menezes Santana
Rosinete Maria de Mendonça Melo

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
Quadriênio 2024/2027

Reitoria:

Profa. Dra. Maria Jose de Sena

Vice-Reitora:

Profa. Dra. Maria do Socorro de Lima Oliveira

Pró-Reitoria de Ensino de Graduação - PREG:

Pró-reitora: Danielli Matias de Macedo Dantas

Pró-Reitoria de Pós-Graduação - PRPG:

Pró-reitor: Rinaldo Aparecido Mota

Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Cidadania – PROEXC:

Pró-reitora: Renata Valéria Regis de Sousa Gomes

Pró-Reitoria de Gestão Estudantil e Inclusão - PROGESTI:

Pró-reitora: Tália de Azevedo Souto Santos

Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas - PROGEPE

Pró-Reitora: Renata Andrade de Lima e Souza

Pró-Reitoria de Administração – PROAD:

Pró-reitor: Rodrigo Gayger Amaro

Pró-Reitoria de Planejamento e Gestão Estratégica – PROPLAN:

Pró-reitora: Manuela Medeiros Gonçalves

REVISORES

Dra. Betânia Cristina Guilherme-UFRPE

Dra. Carmen Roselaine de Oliveira Farias-UFRPE

Dr. Daniel Kupermann-USP

Dr. Geraldo Jorge Barbosa de Moura-SPRPE/UFRPE

Dra. Mabel Cristina Cavalcanti-SPRPE

Dra. Maria Arleide da Silva-SPRPE

Dra. Renata Arouca de Oliveira Morais-SPBsb/FEBRAPSI

Dra. Renata Lira dos Santos Aléssio-UFPE

Dra. Silvana Maria de Barros Santos-SPRPE

Dra. Tereza Cristina C. de Albuquerque-UFAL

Dra. Vanda Maria de Carvalho Pimenta-SPRPE

Dra. Viridiana Canezin Guimarães-SPBsb

Dedicatória



Dra. Ivanise Ribeiro Eulálio Cabral.



Dra. Eldione Amorim de Moraes.

Todos que fazem a SPRPE são gratos pelas grandes e valiosas contribuições ao avanço da Psicanálise no Brasil, em especial, pelo fortalecimento do Departamento de Psicanálise de Criança e do Adolescente na nossa Sociedade.
Obrigado.

PREFÁCIO

"Quem dera a poesia o poeta fossem reconhecidos pelo olhar. Quem dera suas palavras fossem reconhecidas, não como apelos, desabafos, mas como preces. Quem dera cada frase fizesse reviver dentro do leitor, os sonhos adormecidos pelos anseios, e quem dera, cada anseio, fugisse com pressa, para que a fé, a esperança voltasse a reinar. Quem dera os poetas não se calassem quando o que mais precisavam, era falar, era gritar, escrever, ser lido, refletido. O poeta não escreve para um destinatário, o poeta escreve para quem as torne dignas de leituras com sorrisos ou com lágrimas. Quem dera as palavras se tornassem Paz. Quem dera, o poeta conseguisse só por meio de letrinhas afastar toda solidão, todas inverdades, todas desonestidades. Quem dera só por meio da poesia, do poema, dos pensamentos, das palavras, conseguíssemos trazer mais sorrisos, mais simplicidades, mais respostas. Quem dera eu fosse um poeta...escrevesse mais, digo eu" (Patrícia de Oliveira Lima).

Refletir a psicanálise é trazer de si vozes de experiência vivida, metabolizada, elaborada, no tempo disponível de cada um. Poder fazer da experiência construída, um ato de puro prazer ao saber dividir com o outro cada pensar.

Dar voz as vivências internas, nessa passagem que vai do interno para o externo, adentrando esse pensar na escrita criativa, significa além da construção do processo de transmitir, mas ir em direção ao que há de mais rico nesse transitar, ir em busca da nobreza que significa o processo de alteridade. Muito além do pensar sozinho, convidar o outro para ricos momentos de reflexão.

Nesse contexto, temos aqui neste livro, as múltiplas faces de ricos pensadores psicanalistas, distribuindo preciosidades que foram auscultadas ao longo do tempo, e que se dispuseram generosamente, a nos oferecer suas escutas significadas em suas construções internas.

Este terceiro volume do Livro “Refletindo a Psicanálise” apresenta uma rica seleção de temas que exploram a psique humana em profundidade, através de diferentes lentes e contextos contemporâneos. Ao longo de treze capítulos, doze trabalhos completos e uma poesia, os autores investigam questões essenciais como processos identificatórios, a experiência do feminino, a adolescência, os desafios do uso de telas e da conectividade, além de reflexões profundas sobre temas clássicos da psicanálise — neuroses, primitividade humana, as dinâmicas da paternidade e maternidade e as escolhas de objeto — o livro também aborda questões emergentes, como personalidades narcísicas, escolhas de objeto, e o papel da psicanálise na educação.

Cada capítulo oferece não apenas uma análise teórica, mas também convida o leitor a uma auto investigação, promovendo uma compreensão mais ampla das estruturas internas que definem nossa experiência.

Este volume reúne autores que se propõem a abordar as complexas interações entre o desenvolvimento individual e os desafios contemporâneos. Com uma visão que alia o rigor psicanalítico à observação das transformações culturais, cada capítulo permite ao leitor refletir sobre o impacto das relações e valores modernos no desenvolvimento psíquico humano. Trata com veemência, de uma temática da subjetividade e como elas vão se instalando nas diversas configurações psíquicas.

Exploram temas como as tensões da adolescência, mundo digital e as mudanças nas dinâmicas parentais, o livro convida a uma leitura que vai além das teorias tradicionais, aplicando-as a questões do presente.

Além disso, a discussão sobre psicanálise e educação ilumina o papel do saber psicanalítico como um meio de potencializar o desenvolvimento emocional e intelectual. A inclusão de tópicos como personalidades narcísicas e a primitividade humana abre novas portas para compreender as raízes de impulsos e defesas que ainda se manifestam de forma marcante na vida contemporânea.

Esse volume, portanto, não é apenas um guia acadêmico, mas um ponto de partida para que leitores, estudiosos e profissionais ampliem seu entendimento sobre o potencial da psicanálise na compreensão dos fenômenos humanos em sua totalidade.

Que este livro seja, portanto, um convite ao aprofundamento do autoconhecimento e um recurso valioso para estudiosos, profissionais e todos que buscam refletir sobre o inconsciente e suas múltiplas manifestações na contemporaneidade.

A renovação é algo que nos inspira a falar desse precioso trabalho, onde nos sentimos imersos na amplitude da experiência teórica e clínica que seus trabalhos nos inspiram.

Nessa trajetória do volume três, na construção de mais um livro, levamos o nosso agradecimento a todo o corpo editorial, nas pessoas de Silvana, nossa editora e na ilustre parceria de Geraldo Moura, nosso colega psicanalista da nossa sociedade, que na parceria com a Universidade Federal Rural de Pernambuco, levou esse rico projeto a caminhar de mãos juntas, com a força dos colegas escritores, a fertilizar o nosso campo psicanalítico com suas ricas contribuições.

Escrever não é somente um ato de coragem, é também uma atitude de bravura e desprendimento.

Aos poetas um agradecimento sempre, sem eles, como nossas vidas imaginativas seriam?

Que tenhamos o quarto livro em 2025, boa leitura.

Carolina Cavalcanti Henriques

Psicóloga, Psicanalista, Membro Titular e Didata da SPRPE
Presidente da SPRPE (Biênio: 2023-2024)

APRESENTAÇÃO

Apresentar um livro é uma tarefa muito prazerosa, pois significa ter acesso a colheitas de ideias captadas e registradas que abrem espaços para novos significados.

Neste livro, os autores lidam com ideias originais e desarticuladas que, de forma criativa, adquirem sentido quando se associam a outras e mais outras ideias. Assim, na busca de fundamentações teóricas existentes e na criação de novas acontece a expansão da psicanálise.

A escrita deve expandir as ideias para além do que está registrado. A escrita em psicanálise soma as vivências e a elaboração de emoções com as quais os autores se identificam em um processo de elaboração.

Ênfase que escrever em psicanálise significa ter que entrar em contato com angústias pessoais na busca de significados mais criativos e integrados. Por isso a escrita psicanalítica proporciona muitas elaborações.

Nossa gratidão é o reconhecimento aos autores deste livro, que se encontra em seu terceiro ano de publicação, com artigos de colegas que admiro muito, pois nunca perdem a dimensão do sensível.

Iniciamos a apresentação de cada autor e seu capítulo escrito:

O sumário fala por si só. No capítulo I temos um texto que trata do tema, tão difícil de ser abordado, a finitude e os percalços psíquicos, físicos e orgânicos que fazem parte desse processo. É o texto: "Onde me encontro? Não me reconheço!", muito bem elaborado por Maria Tereza Guimarães Lima.

No capítulo II, Silvana Barros nos surpreende com o texto "Um corpo para chamar de seu: contradições entre o feminino, o corpo e mídia na contemporaneidade" que aborda a delimitação de padrões de beleza, mesmo para aqueles que não se enquadram, distanciando e desconsiderando a subjetividade, o que contribui para patologias de transtornos alimentares.

Ana Cláudia Zanella nos oferta, no capítulo III, o artigo “Como está a sua conexão?” para refletirmos sobre o encontro do mundo interno e do externo utilizando os fenômenos da pós-modernidade e suas repercussões sobre o vínculo e a intimidade. O texto nos remete a pensar como sair do autoerotismo para enfrentar as turbulências das diferenças e faltas, indo do virtual ao real buscando a alteridade.

No capítulo IV, Maria Stela Santana nos presenteia com um artigo sobre “Adolescência e contemporaneidade – vicissitudes na construção da identidade”. Esse rico texto convida o leitor a pensar as vivências emocionais do humano, navegando pela onipotência psíquica até as diferenças de gerações.

Geraldo Moura e Colaboradores, no capítulo V: “O homem dos ratos: uma análise das teorias e técnicas psicanalíticas”, realizam uma verdadeira exploração e escavação arqueológica de conceitos e mecanismos psíquicos de defesas fundamentais e definitivos para a psicanálise, como: erotismo infantil, deslocamentos, negação, transferência, ambivalência e, finalmente, pulsões para nos brindar sobre a etiologia da neurose obsessiva.

No capítulo VI, Tiago Durães apresenta o artigo: “Sobre a interpretação e o trabalho do negativo: um ensaio”. O texto nos proporciona o contato com o conceito do negativo de André Green e acesso a outros autores de influência bioniana, fundamentando conceitos como *reverie*, capacidade negativa do analista, além da importância da interpretação psicanalítica pelo viés teórico de Fábio Herrmann, que causa a desacomodação necessária no analisando e de extremo valor na construção da identidade psicanalítica, oferecendo novas maneiras de pensar.

Silvia Ferreira Cabral, no capítulo VII, aborda o período primitivo, desde o corpo erógeno – de Freud e Klein até autores contemporâneos como Bion e Ogden – utilizando conceitos como continência e holding que ressaltam a importância fundamental de outro aparelho psíquico para a constituição de um sujeito pensante de seus pensamentos.

Vitor Hugo Lima Barreto e Carolina Pereira Holanda escrevem o capítulo VIII: "Sujeitos hiperconectados e resignação transicional: uma compreensão psicanalítica". Esse texto reflete o quanto os jovens e adolescentes estão fixados no espaço transicional e como isso compromete seu investimento no mundo real e dificulta o processo de subjetivação. Alertam que a fixação patológica a certos recursos tecnológicos digitais pode impedir o acesso à realidade.

No capítulo IX, Cristina Macedo escreve sobre "O que capto e o que não capto nos olhos do pai: hoje senti gravitar a sua sombra". A autora e poeta nos oferece o pensamento psicanalítico de Betty Joseph sobre o paciente de difícil acesso ao refletir sobre a clínica psicanalítica na contemporaneidade. Considera a importância de releituras de um pensamento como uma ferramenta clínica para favorecer a manutenção do método psicanalítico. Apresenta condições para acessarmos as partes regredidas e frágeis do ego, vítimas da cisão (amputação), e oferece integrações fundamentais para a constituição do sujeito.

Renato Della Santa no capítulo X escreve sobre "A escolha do objeto e suas implicações na melancolia e nas configurações borderline e narcísica", oscila entre dois aspectos patológicos – depressão e melancolia. O autor reflete sobre a escolha de objeto e suas implicações na estruturação do ego para o funcionamento psíquico.

No capítulo XI, Lenira Vasco dos Santos escreve sobre o "Objeto em Freud", de forma minuciosa e precisa – como costuma fazer em sua escrita bem articulada – mostra passo a passo a investigação e o desenvolvimento do conceito de objeto em Freud.

José Jacinto, no capítulo XII, apresenta o texto "Psicanálise e educação: o aprender e o não aprender da criança, no processo de escolarização no ambiente escolar". Somos brindados com um trabalho atento ao processo de aprendizado que respeita a subjetivação. Com maestria, Jacinto chama atenção para importância de a psicanálise ser levada em consideração frente à condição emocional e o quanto pode contribuir para auxiliar no processo educativo.

O capítulo XIII, "Um diálogo entre almas", Michael A. Henriques da Silva nos oferta um lindo e sensível poema na expressividade da palavra escrita que a transforma em infinitos significados. Quando os códigos de comunicação extraem emoções eles se superam em si mesmos tal como o humano.

Por fim, concluo minha apresentação com o desejo de que " guardemos" este livro para usá-lo, manuseá-lo, fitá-lo e folheá-lo no sentido da poesia de nosso saudoso Antônio Cícero, poeta brasileiro que nos deixou agora em 2024.

Guardar

*Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.
Em cofre não se guarda coisa alguma.
Em cofre perde-se a coisa à vista.*

*Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por
admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.*

*Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por
ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela,
isto é, estar por ela ou ser por ela.*

*Por isso melhor se guarda o voo de um pássaro
Do que um pássaro sem voos.*

*Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica,
por isso se declara e declama um poema:*

Para guardá-lo:

Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:

Guarde o que quer que guarda um poema:

Por isso o lance do poema:

Por guardar-se o que se quer guardar.

Cícero, Antonio. (1996). Guardar: poemas escolhidos. Record.

Sandra Paraíso Sampaio

Membro efetivo e diretora científica (2023-2024) da
Sociedade Psicanalítica do Recife (SPRPE).

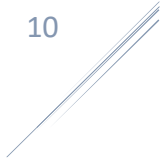
sandra.psi@uol.com.br

SUMÁRIO

I	ONDE ME ENCONTRO? NÃO ME RECONHEÇO! Maria Tereza Guimarães Lima	10
II	UM CORPO PARA CHAMAR DE SEU: AS CONTRADIÇÕES ENTRE O FEMININO, O CORPO E MÍDIA NA CONTEMPORANEIDADE Silvana Maria de Barros Santos	34
III	COMO ESTÁ A SUA CONEXÃO? Ana Cláudia Zuanella	52
IV	ADOLESCÊNCIA E CONTEMPORANEIDADE VICISSITUDES NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE Maria Stela Menezes Santana	66
V	O HOMEM DOS RATOS: UMA ANÁLISE DAS TEORIAS E TÉCNICAS PSICANÁLITICAS Geraldo Jorge B. de Moura; Leticia Costa Moura; Roberta Míriam B. de Moura; Renata Baltar da Silva	98
VI	SOBRE A INTERPRETAÇÃO E O TRABALHO DO NEGATIVO: UM ENSAIO Tiago Durães Araújo	129
VII	UMA VISÃO DO PERÍODO PRIMITIVO Sílvia Farrapeira Cabral	143

VIII	SUJEITOS HIPERCONECTADOS E RESIGNAÇÃO TRANSICIONAL: UMA COMPREENSÃO PSICANALÍTICA Carolina Pereira Holanda; Vitor Hugo Lima Barreto	157
IX	O QUE CAPTO E O QUE NÃO CAPTO NOS OLHOS DO PAI: HOJE SENTI GRAVITAR A SUA SOMBRA Cristina de Macedo	201
X	A ESCOLHA DO OBJETO E SUAS IMPLICAÇÕES NA MELANCOLIA E NAS CONFIGURAÇÕES BORDERLINE E NARCÍSICA Renato Fabio Alberto Della Santa	229
XI	OBJETO EM FREUD Lenira Vasco dos Santos	251
XII	PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO: O APRENDER E O NÃO APRENDER DA CRIANÇA, NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR José Jacinto Silva Santos	281
XIII	UM DIÁLOGO ENTRE ALMAS Michael A. Henriques da Silva	294





CAPÍTULO I



ONDE ME ENCONTRO? NÃO ME RECONHEÇO!

Maria Tereza Guimarães Lima¹

¹Psicanalista. Membro efetivo da Sociedade Psicanalítica do Recife-SPRPE. Psicóloga graduada pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE.

RESUMO

A autora descreve aspectos inerentes ao momento de vida dos idosos. Discorre acerca dos efeitos que incidem sobre eles em relação aos processos psíquicos, físicos e orgânicos. Apresenta comentários clínicos do mundo interno de alguns longevos ao revelarem as suas angústias diante da aproximação da finitude. Aborda como a angústia e a depressão encontram-se presentes nessa etapa de vida. Busca na poesia versos que interajam com a sua argumentação.

Palavras-chaves: Angústia; Depressão; Finitude; Idoso; Luto.

“Sinto os passos da Dor, essa cadência
Que é já tortura infinda, que é demência!
Que é já vontade doida de gritar!
E é sempre a mesma mágoa, o mesmo
tédio a mesma angústia funda, sem
remédio, andando atrás de mim, sem me
largar!” (Sem Remédio, Florbela
Espanca, p. 64).

“Doutora, voltei para fazer análise, pois tenho receio de perder minha memória e gostaria de entender algumas coisas que não ficaram claras para mim até hoje”. Escutei essa frase de um senhor em torno dos seus setenta e oito anos de idade.



De repente, estamos diante desse momento que parecia tão distante. Presenciamos a transformação do tempo através dos nossos pais, da nossa sociedade e do nosso corpo, das formas como olhamos e pensamos a respeito de nossas vidas, limitações e ideais. Cada ciclo finito remete ao nosso próprio caminhar e, assim, avançamos embalados pela melodia Envelhecer – Arnaldo Antunes, Ortinho e Marcelo Jeneci (2009).

“A coisa mais moderna que existe nessa
vida é envelhecer
A barba vai descendo e os cabelos vão
caindo pra cabeça aparecer
Os filhos vão crescendo e o tempo vai
dizendo que agora é pra valer
Não quero morrer pois quero ver
Como será que deve ser envelhecer
Os outros vão morrendo e a gente
aprendendo a esquecer
Eu quero é viver pra ver qual é
E dizer venha pra o que vai acontecer”

Nos tempos atuais, com o crescimento da expectativa de vida, muitas vezes o envelhecer ocorre diferentemente de outrora, do tempo em que o idoso convivia de forma mais próxima com seus filhos e netos. Porém, ainda não sabemos como definir a real condição no presente, que talvez seja acelerado demais e não permite espaço para contemplá-lo, pois



não mais observamos aquele idoso em uma cadeira de balanço como antes acontecia. Raul Seixas sintetiza a imagem na sua canção Ouro de toro (1973).

“Eu é que não me sento
No trono de um apartamento
Com a boca escancarada cheia de dentes
Esperando a morte chegar...”

Atualmente, o longevo deseja adquirir novos conhecimentos e relações, apesar das adversidades inerentes a essa etapa de vida, como preconceitos e isolamento, muitas vezes dentro da própria família. Além disso, também é frequente ver-se paralisado em relação à sua vida profissional ou por doenças orgânicas e psíquicas. Mesmo que presenciemos mudanças no comportamento do idoso, como a participação em atividades semelhantes às praticadas pelos mais jovens, há um descompasso típico das diferenças entre as gerações.

Existe um tempo interno que marca a diferença, dividido em dois aspectos: em um deles, o indivíduo vislumbra um futuro promissor, sonhando com suas conquistas, enquanto, no outro, o indivíduo se depara com a própria finitude, com a constatação de que todo tempo tem um prazo, convivendo com pensamentos que apontam para o desfecho da vida. O desconhecido sempre



assusta, assombra, incomoda com a possibilidade de não termos mais esse domínio e não podermos enquadrar os sonhos no tempo cronológico. O tempo é determinante, implacável e cruel nesse sentido. O desamparo está estampado.

Nos nossos consultórios, escutamos aquilo que o íntimo do idoso expressa por meio da sua angústia diante da constatação da realidade, do convívio com as recordações que ficaram no passado, dos lamentos em relação àquilo que se desejou e não foi possível realizar, do olhar voltado para si no tempo de outrora. Vive-se em dois tempos, passado e presente. Contar com o futuro já não é possível; é estranho não se contar mais com ele, não encaixar os projetos no tempo distante.

Surge a pergunta: como lidar com os desejos? Com o vazio? O que escrever nessa tela em branco que reflete o inalcançável? Oportuno lembrar o poeta Chico Buarque (1976) nos seus versos em O que será (À flor da pele).

“O que será que me dá
Que me bole por dentro, será que me dá
Que brota à flor da pele, será que me dá
E que me sobe às faces e me faz corar
E que me salta aos olhos a me atrair
E que me aperta o peito e me faz
confessar
O que não tem mais jeito de dissimular”.



Nos tempos em que vivemos, apesar do inexorável envelhecer, existem recursos que favorecem a melhoria da qualidade de vida. Eles vão desde o cuidado com a saúde física com os avanços da medicina – procedimentos cosmetológicos, cirúrgicos, diagnósticos precoces e tratamentos medicamentosos mais efetivos –, passando pelo cuidado nutricional, fisioterapêutico, fonoaudiológico, com o incremento de atividades físicas, até o cuidado com a saúde mental através de tratamento psiquiátrico, psicoterápico e psicanalítico. Tudo isso contribui para a extensão do tempo de nossas vidas, favorecendo a manutenção de uma mente produtiva, enquanto auxilia a postergar o inevitável declínio físico e biológico.

Importante salientar que o psíquico segue seu caminho mais frequentemente em consonância com o avanço biológico do estado corporal. “Entretanto, é necessário não confundir os dois registros em pauta. O organismo é de ordem estritamente biológica, sem dúvida. Em contrapartida, o corpo é de ordem sexual e pulsional” (Birman, 2001, p. 58).

A partir do momento em que o idoso se depara com as dificuldades, também vivencia a restrição da liberdade e da autonomia, das referências, e a perda do trabalho que é tão importante para a sua vida, o seu sustento e a sua identidade.



Surgem as angústias e os medos; vive-se o desamparo, a ameaça do fim dos afetos e da própria existência. Fica-se vulnerável ao tema da morte, da própria morte. Tal experiência de perda é capaz de remeter à tristeza, podendo chegar aos estados depressivos e às vivências de luto.

Recentemente passamos por um período inusitado, um tempo pandêmico. Diante do panorama que fomos forçados a participar, assistimos cenas horrorosas, as quais nos deixaram assustados, sem palavras, suscitando emoções nunca experimentadas e que não tínhamos sequer a capacidade de nomear.

Uma calamidade dessa dimensão remete-nos a uma mudança catastrófica na vida pessoal e social como um todo, algo traumatizante e que resulta no aparecimento de transtornos psíquicos, sociais e econômicos. Os momentos experimentados diante do inesperado levam-nos a vivenciar a perda, seja da liberdade, da saúde, dos nossos familiares, amigos ou desconhecidos, vitimados por variadas mortes, as quais são intensificadas pela permanência prolongada da pandemia.



Remetem, ainda, à nossa condição humana de desamparo, solidão, dependência e incerteza. O filósofo pré-socrático Heráclito de Éfeso, em torno de 500 anos a.C. na Grécia Antiga, já apontava que “nada é permanente, exceto a mudança”, acreditando que tudo o que existe está em constante mudança ou transformação.

Lidamos com o trauma social e o pessoal, assim como nos deparamos com o trauma coletivo e participativo, compartilhado através das mídias sociais de forma exacerbada.

Na perspectiva social, o trauma é fruto de uma vivência catastrófica coletiva, que desorganiza os sistemas de significação base da identidade cultural dos indivíduos. Em tempos de catástrofe, a vida cotidiana e a dignidade dos homens são ameaçadas em proporções nunca pensadas (Barros, E.M., Barros Neto & Barros, E.L., 2020, p. 48).

Os distúrbios psíquicos são expressos por meio de comportamentos sociais incoerentes e confusos, podendo, em casos extremos, levar ao caos emocional. “Em consequência dessa desorganização de sentido, os indivíduos são ameaçados de perda da identidade, fruto de uma desintegração do ego que,



por sua vez, gera um sentimento de solidão” (Barros, E.M., Barros Neto & Barros, E.L., 2020, p. 48).

Em 1916, no seu artigo Sobre a Transitoriedade, Freud falou-nos sobre um tempo semelhante ao que agora vivemos:

Um ano depois irrompeu o conflito que lhe subtraiu o mundo de suas belezas. Não só destruiu a beleza dos campos que atravessava e as obras de arte que encontrava em seu caminho, como também destroçou nosso orgulho pelas realizações de nossa civilização, nossa admiração por numerosos filósofos e artistas, e nossas esperanças quanto a um triunfo final sobre as divergências entre as nações e as raças. Maculou a elevada parcialidade da nossa ciência, revelou nossos instintos em toda a sua nudez e soltou de dentro de nós os maus espíritos que julgávamos terem sido dominados para sempre, por séculos de ininterrupta educação pelas mais nobres mentes. Amesquinhou mais uma vez nosso país e tornou o resto do mundo bastante remoto. Roubou-nos do muito que amáramos e mostrou-nos quão efêmeras eram inúmeras coisas que considerávamos imutáveis (1916/1976, p. 347).



Na condição de seres humanos, não queremos perder nada, seja nossa saúde, pessoas queridas, sonhos. Perder dói mesmo. Precisamos de recursos internos para enfrentar a dor, assim como necessitamos do outro para nos ajudar a elaborar toda angústia e sofrimento.

Observamos que muitos de nossos idosos, tendo vivido o isolamento de forma mais rigorosa e em proximidade da finitude, com suas condições orgânicas e psíquicas comprometidas e mais fragilizadas, apresentaram uma intensificação dos quadros ansiosos e melancólicos. Além de lidarem com sentimentos de tal natureza, tiveram, diante dessa forçada reclusão, o reforço materializado através da experiência viva, que intensificou suas angústias pré-existentes, as quais se tornaram mais visíveis. Podemos pensar que esse momento estampou a “cara da morte”, como disse Cazusa através da composição Boas Novas (1988).

“Senhoras e senhores
Trago boas novas
Eu vi a cara da morte
E ela estava viva
Eu vi a cara da morte
E ela estava viva – viva!



Direi milhares de metáforas rimadas
E farei
Das tripas coração
Do medo, minha oração
Pra não sei que Deus “H”
Da hora da partida
Na hora da partida...”

Em seus textos psicanalíticos, Freud mencionou a palavra *Angst*, que etimologicamente é traduzida por angústia ou ansiedade e, outra vezes, por pânico ou terror.

Assimilada a ‘algo sentido’ da ordem do desprazer, a angústia é um estado de afeto provocado por um acréscimo de excitação que tenderia ao alívio por uma ação de descarga. Significa um sentimento de inquietação e de sofrimento diante de uma ameaça real ou imaginária, que tanto pode ser específica e determinada, quanto indeterminada e não específica (Rocha, 2000, p. 37).

Quando se refere à ansiedade, a forma como a angústia surge é inteiramente indeterminada, remetendo à dimensão da expectativa ansiosa de uma inquietação, apesar de não se saber o que é e nem o que será. Em qualquer um dos casos, a angústia



constitui uma reação a um perigo sentido pelo sujeito, sem que com isso ele consiga apreendê-la ou tampouco explicá-la para si mesmo.

Dependendo do grau da sua intensidade, nada garante que a angústia seja realmente uma defesa contra a ameaça de perigo, podendo, ao invés de facilitar a fuga, paralisar o sujeito, deixando-o incapaz de se defender (Lima, 2004).

Uma das formas de manifestação da ansiedade é o medo, que remete a um objeto definido. O medo aproxima-nos da nossa vulnerabilidade e fragilidade, necessitando ser elaborado em suas inúmeras formas para então ser mais bem integrado em nosso ego.

Dentro de tal perspectiva, Freud falou que a angústia é uma reação ao perigo inteiramente compreensível, podendo, “portanto, ser considerada uma manifestação espontânea da pulsão de autoconservação” (Rocha, p. 83).

A vivência desses sentimentos debilitados remete à história de vida de cada indivíduo. Nesse momento, são acionadas todas as representações ameaçadoras que fizeram parte da história do sujeito e que podem levá-lo à paralisação, comprometendo a sua capacidade de sentir, pensar e representar.



Como consequência da pandemia, os idosos manifestaram um elevado índice de sintomas depressivos, tais como estados de abatimento, desesperança e desinteresse pela vida, parecendo estar desligados em termos afetivos, o que era uma forma de defesa contra o sofrimento. Podemos deduzir que já existia tal condição em certo grau nos idosos devido à evolução natural do seu momento de vida, com todas as manifestações no âmbito físico e psíquico que se instalam por causa da evolução do ser humano. Contudo, tal estado foi agravado com a pandemia, diante da ameaça do invisível vírus que devastou a vida de milhões de pessoas, deixando um rastro de morte e sequelas ainda a serem estudadas. Ressalto que o isolamento social vivido pelos idosos foi de extrema gravidade, fomentando transtornos em todas as áreas das suas vidas.

A segregação vivenciada no tempo do lockdown evidenciou como os laços sociais são importantes na vida dos indivíduos, mostrando que os vínculos afetivos alimentam a identidade no que se refere à representação de si mesmo. A ausência da convivência com o outro, da troca do afeto, da comunicação olho no olho, do toque sentido pelo acolhimento do abraço, da condição de admirar o sorriso ou mesmo contemplar a emoção da lágrima revelando o sentimento: todas essas vivências



suspensas acabaram machucando, permanecendo em grande medida naquele momento sem a compreensão do alcance do seu real sofrimento.

Os familiares presentes nas vidas dos idosos, por receio do contato, optaram pelo distanciamento, evitando que eles convivessem com os netos e amigos. Essa condição foi vivida pelos idosos como uma separação que remeteu ao estado de luto. Penso que tal luto pela morte de uma parte viva da vida fomentou a instalação dos estados depressivos ou mesmo a depressão, pois muitos sucumbiram aos estados cronicados de melancolia e desvitalização.

Nas situações depressivas, a dor parece estar predominantemente ligada a um distanciamento do que se é e, ao mesmo tempo, constitui uma aproximação aos modelos de perfeição idealizada. As pessoas sofrem por não estarem à altura dos ideais outrora construídos. A dor psíquica do existir é percebida no corpo, revelando sensações e sentimentos não elaborados.

O sentimento é de perda, desencadeando a sensação de luto.



O processo de luto é uma etapa natural e necessária que, quando terminada, promoverá um maior nível de integração e amadurecimento da personalidade.

Em alguns idosos, esse tempo já comprometido trouxe dificuldades em relação à volta ao estado anterior, além de problemas de locomoção, alterações cognitivas e instalação de quadros de ansiedade, depressão e fobia, culminando no aparecimento de doenças orgânicas, tais como alterações respiratórias, trombozes, parosmia, cefaleias, entre outras.

Nos nossos consultórios, recebemos pacientes cujas sequelas da pandemia marcaram suas existências. Esse período aproximou-os mais da consciência da finitude, ensejando reflexões sobre o tempo que ainda possuem para viver a vida. Iniciei o texto lembrando de um paciente que comentou no seu retorno ao processo analítico: “gostaria de entender algumas coisas que não ficaram claras para mim”. Em que medida temos essa clareza em relação às nossas vidas, aos nossos desejos, às nossas omissões e culpas, enfim, em relação ao que vivemos?

Em alguns idosos, devido à sua experiência de vida, observamos a possibilidade de contemplação, de serenidade em



relação a determinados aspectos. Porém, há um acentuado sofrimento relacionado ao remorso pelo que foi realizado e, principalmente, por aquilo que não se conseguiu fazer.

Vários desejos não foram contemplados, muitos diálogos não foram travados, inúmeros lugares não foram visitados, uma grande quantidade de vidas não foram vividas em sua plenitude. No final das contas, o tempo de viver é o presente, esse tempo tão citado pelos poetas que nos trazem belas melodias, como a música Resposta ao tempo, de Cristóvão Bastos e Aldir Blanc (2005).

“Batidas na porta da frente
É o tempo
Eu bebo um pouquinho pra ter
Argumento
Mas fico sem jeito, calado
Ele ri
Ele zomba de quanto eu chorei
Porque sabe passar
E eu não sei...”

Enfatizo a importância da escuta de um profissional que possa interagir com os desejos e sentimentos dos idosos, proporcionando que eles mantenham a chama da vida acesa, encantados com o amanhecer de cada dia, com a alegria dos netos e bisnetos, com os cantos dos pássaros, com o som da



chuva caindo lá fora, isto tudo apesar das mãos trêmulas, da diminuição da capacidade de locomoção, da confusão mental, do esquecimento das palavras, da dificuldade de expressar os pensamentos. Existe um desejo pulsante, como dizia o senhor aos seus setenta e oito anos, “voltei para fazer análise, pois tenho receio de perder minha memória...”, de entrar em contato consigo mesmo, para não se perder diante da certeza da finitude.

Reconciliar-se consigo mesmo e com os outros para buscar o entendimento dos próprios atos, pensamentos e vivências e, assim, poder um dia partir em paz, sendo capaz de se perdoar dos possíveis deslizes, recordar as boas lembranças, exaltar o que foi vivido com muita alegria e desejo, trazendo o passado para ajudar o presente a lidar com aquilo que se aproxima no futuro, que é a convicção da morte. Lidar com essa consciência permite o convívio com o medo que existe em todos nós.

O desejo é que possamos chegar ao nosso ato final cantando, alegres, ao som da composição *Começaria tudo outra vez* (1976) de Gonzaguinha.

“Começaria tudo outra vez



Se preciso fosse, meu amor
A chama em meu peito ainda queima
Saiba: Nada foi em vão
A Cuba-libre dá coragem em minhas
mãos
A dama de lilás me machucando o
coração
Na sede de sentir seu corpo inteiro
Coladinho ao meu
E então eu cantaria a noite inteira como
já
Cantei e cantarei
As coisas todas que já tive, tenho e sei,
um dia terei
A fé no que virá e a alegria de poder
olhar pra trás
E ver que voltaria com você de novo
Viver nesse imenso salão
Ao som desse bolero, vida, vamos nós
E não estamos sós, veja, meu bem
A orquestra nos espera
Por favor, mais uma vez, recomeçar”

O desejo nos mantém vivos, pois é através dele que nos reconhecemos diante da vida. Relembro algumas vivências com pessoas que tiveram a possibilidade de elaborar questões específicas na sala de análise.

Certa vez, uma senhora de 77 anos relatou com intensa angústia: “perdi um dente, e a partir daí não consigo mais me



olhar no espelho, tentei e tomei um grande susto. Não posso me deparar com essa perda. Nunca pensei que poderia perder um dente de forma espontânea. Lembrei de quando fui criança.” A falta estampada através da imagem no espelho remeteu à angústia de castração, fazendo a paciente deparar-se com a ausência, com a perda, com o fato de não ter o que se deseja, com o sofrimento por sentir o vazio que gera angústia.

É a castração vivida de forma cruel, que reforça o desamparo. Esse tempo, que é o tempo da espera, revela um movimento introspectivo, percebido pelo olhar distante, pela ausência das palavras, pelo silenciamento do mundo interno, em busca do alívio da tensão, da angústia, das dores, do medo que remete ao princípio de Nirvana (“Denominação proposta por Barbara Low e retomada por Freud para designar a tendência do aparelho psíquico de levar a zero ou pelo menos reduzir o mais possível em si toda a quantidade de excitação de origem externa ou interna”) (J. Laplanche/J.B. Pontallis, 1998, p. 465).

Freud afirma em seu artigo Além do princípio do prazer:

Ademais, é possível especificar esse objetivo final de todo o esforço orgânico. Estaria em contradição à natureza conservadora dos instintos que o objetivo da vida fosse um estado de



coisas que jamais houvesse sido atingido. Pelo contrário, ele deve ser um estado de coisas antigo, um estado inicial de que a entidade viva, numa ou noutra ocasião, se afastou e ao qual se esforça por retornar através de tortuosos caminhos ao longo dos quais seu desenvolvimento conduz. Se tomarmos como verdade que não conhece exceção o fato de tudo o que vive, morre por razões internas, tornar-se mais uma vez inorgânico, seremos então compelidos a dizer que o 'o objetivo de toda a vida é a morte', e, voltando o olhar para trás, que 'as coisas inanimadas existiram antes das vivas' (1920/1976, p. 55-56).

A consciência da aproximação do tempo derradeiro fomenta sentimentos difíceis de suportar. No entanto, muitas vezes esse temor tende a declinar com a aceitação serena da realidade do seu desaparecimento e do caráter definitivo da sua ausência.

Outra senhora, de 80 anos, procurava entender a razão de não conseguir parar de tomar seu whisky todas as noites. "Por que não consigo parar? Acho que é porque assim tenho momentos alegres e escondo a tristeza, não lido com o sofrimento. Morrer talvez seja tomar um grande porre, até que



é uma boa saída para não sentir nem a morte chegar e, se tiver samba, melhor ainda”.

Como dizem os sambistas Ataulfo Alves e Paulo Gesta (1962) na melodia “Na cadência do samba”:

“Quero morrer numa batucada de
bamba.
Na cadência bonita do samba.
Quero morrer numa batucada de bamba.
Na cadência bonita do samba”

Enquanto não escutamos a batucada de samba, que possamos seguir favorecendo o cérebro para a construção de novos caminhos, reduzindo o peso que carregamos, em um movimento que necessita de construção diária, por meio da ativação da neuroplasticidade com aprendizados inéditos sem a cobrança severa dos tempos anteriores. É preciso priorizar os encontros com os outros, seguir mais suave por essa nova etapa da existência, estimulando nossa rede de afetos além das famílias e amigos. A velocidade de hoje não necessariamente deverá ser o nosso ritmo, precisamos ser seletivos para apreciar e sentir a vida.

A Psicanálise poderá contribuir para a construção desse caminho, em um encontro singular na sala de análise, no tempo



próprio de cada um e na confluência de todos os tempos. A revelação dos desejos, fantasias e conflitos diante da verdade na relação afetiva do par analista e analisando é importante, assim como a possibilidade de se deparar com as descobertas e ressignificar sentimentos, pensamentos e lembranças para o apaziguamento do mundo interno. Apesar do tempo cronológico apontar para a finitude, temos um tempo psíquico no qual, como falou o paciente no início do texto, “gostaria de entender algumas coisas que não ficaram claras para mim”, em busca do significado da vida de hoje, de ontem e no amanhã. A junção dos três tempos determinantes da existência do ser humano, passado, presente e futuro, encontra-se no campo psicanalítico.

“Viver, talvez como morrer, é recriar-se: a vida não está aí apenas para ser suportada nem vivida, mas elaborada. Eventualmente reprogramada. Conscientemente executada.” Muitas vezes, ousada (Lia Luft, 1938/2021).

REFERÊNCIAS

- Alvez, A. & Gesta, P. 1962. Na cadência do samba, [Música gravada Philips Records].
- Antunes, A., Ortinho & Jeneci, M. 2009. Envelhecer, [Música gravada Rosa Celeste]. In Lê lê lê.
- Barros, E.M.R., Barros Neto, A.M.R. & Barros, E.L.R. 2020. Potencial traumático da pandemia de Covid-19. Revista Brasileira de Psicanálise, 54(2), 45-57.

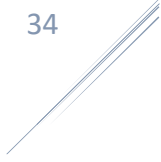


- Bastos, C. & Blanc, A. (2005). Resposta ao tempo, [Música gravada Lua Music]. In Vida noturna.
- Buarque, C. (1976). O que será, [Música gravada Philips Records]. In Meus caros amigos.
- Cazuza (1988). Boas novas, [Música gravada Philips Records]. In Ideologia.
- Espanca, F. (1991). Sonetos, (24. ed.). Lisboa: Bertrand.
- Birman, J. (2001). Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação, (3. ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- Freud, S. (1976). Além do princípio do prazer. In Freud, S. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1920)
- Freud, S. (1976). O Ego e o Id. In Freud, S. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1923)
- Freud, S. (1976). Sobre a transitoriedade. In Freud, S. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1916)
- Gonzaguinha. (1976). Começaria tudo outra vez, [Música gravada Emi]. In Começaria tudo outra vez...
- Luft, L. (2004). Pensar é transgredir. Rio de Janeiro: Record.
- Laplanche, J. & Pontalis, B. (1988). Vocabulário de psicanálise, (10 ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Lima, M.T.G. (2005). A evolução do conceito de angústia na obra de Freud. In Conferência Nacional de Psicanálise. Recife.
- Lima, M. T. G. (2004). Algumas notas sobre a angústia na obra de Freud. In SPRPE. Rocha, Z. (2000) Os destinos da angústia na psicanálise freudiana. São Paulo: Escuta. Seixas, R. (1973). Ouro de toro, [Música gravada Philips Records]. In Krig-ha, Bandolo!

Fonte: Lima, M.T.G. Onde me encontro? Não me reconheço!
Revista de Psicanálise da SPPA, v. 29, n. 3, p. 461-473, dezembro 2022 (ISSNe 2674-919X).







CAPÍTULO II



UM CORPO PARA CHAMAR DE SEU: AS CONTRADIÇÕES ENTRE O FEMININO, O CORPO E MÍDIA NA CONTEMPORANEIDADE

Silvana Maria de Barros Santos¹

¹Doutora em Análise do Discurso pela Universidade Federal de Alagoas, Mestre em Psicologia Clínica na Universidade Católica e Pernambuco e Psicanalista pela Sociedade Psicanalítica do Recife (SPREPE)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir as questões relacionadas ao corpo magro, saudável e jovem, delineado em academias, suplementos, intervenções cirúrgicas e exposto nas mídias sociais como um padrão de beleza da contemporaneidade. E refletir, por um lado, sobre os aspectos sociais, históricos e ideológicos que influenciam o papel do feminino ao longo do tempo e sua relação com o corpo para tentar compreender a exposição desse “corpo feminino perfeito” (magro, saudável e jovem) na mídia, e, por outro, apresentar as consequências físicas e afetivas de jovens mulheres, decorrentes dos transtornos alimentares, especialmente a anorexia, que vem crescendo assustadoramente no mundo inteiro. Enfim, compreender essa relação entre o sujeito, corpo e o mundo na contemporaneidade assegurado por laços sociais e virtuais (mídias sociais). Nessas representações sobre a relação entre o feminino, o corpo e a mídia, a reportagem da Revista Veja, “A nova forma de magreza: a estética do risco”, foi de suma importância como fonte de pesquisa, além de estudos teóricos de diferentes autores apresentados ao longo do texto.

Palavras-chaves: Feminino; Corpo; Mídia; Cultura; Sociedade.

Introdução

Para compreender melhor o corpo como objeto de estudo, é importante situá-lo num processo histórico-social através do



tempo. Nesse sentido, pode-se ressaltar que o corpo se configura como uma invenção teórica recente, pois até antes do século XX ele se resumia a um papel secundário; o papel principal pertencia à alma (Courtine, 2013).

Na Idade Média, os discursos religiosos destacam-se como uma forma de pensamento sobre o corpo, separando-o entre o sagrado e o pecador. O corpo sagrado é o sublime, o glorioso, e o pecador é “o profano, o humano que se entrega às paixões, à orgia, aos vícios, onde o castigo e a tortura são eficazes como punição ao corpo” (Courtine, 2013, p. 19).

Quanto à Modernidade, pode-se destacar a influência da medicina, significativa para a vida em sociedade por ser um meio investigativo, de prevenção de epidemias e doenças. Também se instituiu a educação corporal mediante a criação de hábitos higiênicos, tanto individuais como coletivos. O corpo é alvo de diagnósticos, manuseios e cirurgias – um objeto a se observar, em nome do cientificismo da época.

É interessante constatar a fascinação sobre corpo belo, ou questões relativas à censura, como o rigor das relações sexuais, valorosas no mundo moderno. Mas o corpo não fica restrito apenas a esses aspectos, ele interage com o modo de



produção capitalista, que necessita de um corpo como ferramenta de trabalho. Segundo Cunha (2014), Marx e Engels sustentavam que, na Revolução Industrial, o corpo operário, pelo desgaste das condições de vida e do trabalho, na maioria das vezes, tornava-se deformado, mutilado e doente. Havia o corpo atlético, definido pela musculatura com os esportes, o corpo burguês. As modalidades esportivas eram prazeres da época e se estruturavam com base em objetivos morais, sociais e ideológicos (Corbin, 2008).

Na contemporaneidade, o corpo ganha espaço na sociedade, é transformado em ícone de consumo e em um ideal contemporâneo que dita estilos de vida, aparência e embelezamento.

Existem dois aspectos importantes, nesse sentido.: O primeiro é a apresentação da mulher com o corpo perfeito – relacionado à transição entre submissão e emancipação feminina sustentadas pelas condições históricas e da ideologia vigente. Nesse contexto, muitas mulheres se iludem de que são emancipadas, por terem independência financeira, quando de fato ainda são oprimidas no trabalho, sob a exigência de obterem um bom desempenho na profissão, sem que sejam gratificadas por isso. Também pagam um alto preço para serem



trabalhadoras, já que sempre foram classificadas como submissas por serem mulheres, sofrendo caladas a violência dos assédios morais e sexuais, além dos ditames da moda e do consumo. Não se pode esquecer que, muitas vezes, decorre daí a compulsão por exercícios físicos, dietas mirabolantes, aumento exagerado do consumo de cosméticos, procedimentos físicos e estéticos. Dessa forma, essas mulheres tentam delinear um corpo perfeito, que é a representação falsa de si mesmas.

O segundo ressalta a associação entre o fetiche e o consumo referente ao corpo feminino na atualidade, que pode ser definido, segundo Cunha (2014), como uma concepção meramente econômica, surgida no tempo através do discurso sobre luxo, produção e consumo. Um dos colaboradores para a expansão do termo “fetiche” foi o desenvolvimento industrial da época, que se alicerçava no excesso de produção e na procura de bens que formalizaram, de certa maneira, “a mentalidade consumista”. Mais tarde, os meios de comunicação de massa se ligaram ao desenvolvimento industrial para estimular o consumo através de informações veiculadas em jornais, revistas, televisão e, atualmente, nas mídias sociais e digitais. Foi depois da segunda guerra mundial que se deu a revolução



do consumo propriamente dita, passando a influenciar o modo de vida do indivíduo e da sociedade.

Essas questões constituem o tema deste trabalho, que tem como referência a reportagem de capa da Revista Veja, “A nova forma da magreza: a estética do risco” (2013). Essas jovens são denominadas de influenciadoras digitais, por manterem diários na rede, ditando regras sociais e postando fotos e modos de vida para pessoas que se vinculam aos seus perfis nos blogs e no Instagram. O tema central da reportagem citada na Veja, nos blogs e no Instagram das supermodelos, é a obsessão por um corpo magro e musculoso, e, como pauta diária, os produtos a serem comercializados/consumidos e os conselhos para se alcançar o objetivo proposto, que requer investimentos físicos e financeiros vultosos. Algumas mulheres se adaptam a esse modo de vida com dietas restritas, exercícios físicos pesados para alcançar o corpo magro e musculoso, são mulheres de vitrine para ser olhadas e cobiçadas. Outras adoecem, na maioria, por problemas de transtornos alimentares.

Os fatores sociais e culturais determinam, em cada época, um padrão de beleza e, na atualidade, esses padrões são reforçados pela mídia que se utiliza de instrumentos significativos para que a lógica capitalista prevaleça.



O indivíduo, o corpo e laços virtuais na contemporaneidade

É interessante constatar que na contemporaneidade, iniciou-se uma nova ordem social, política e cultural que tornou o indivíduo centrado em si mesmo, mudando seu jeito de pensar, agir e sentir. O individualismo e o consumismo se constituíram como regras essenciais nessa sociedade.

Atualmente, além da possível falência das instituições, há outro ponto importante a destacar sobre o sujeito contemporâneo e sua relação com o meio social que é a estreita relação dual entre ele e o corpo. Dessa forma, o imaginário narcísico é fortalecido, e academias, cosméticos, técnicas cirúrgicas e suplementos vitamínicos contribuem para a formação do corpo contemporâneo.

Le Breton (2011) esclarece que numa sociedade em que a preocupação e a ascensão individual são significativas, as pessoas redobram as atenções com o corpo, cuidando dele ou cultuando-o. O corpo passa a ter um símbolo de poder e a ser um fetiche.

A partir da relação, possivelmente conflituosa entre o corpo e o sujeito na atualidade, evidencia-se o consumo desenfreado a que o indivíduo é submetido para se convencer que é



adequado ao padrão imposto pela sociedade atual, pois, muitas vezes, essas situações de consumo de cosméticos, dietas mirabolantes, exercícios físicos intensos e a submissão aos procedimentos cirúrgicos são artifícios para o indivíduo querer se mostrar belo de corpo e rosto, e isso o leva a uma imagem falsa de si mesmo.

Não se deve esquecer que o sujeito e o corpo sofrem do mal da transitoriedade, nada é belo, perfeito sempre e infinito. Pode-se dizer que a angústia da finitude é negada ou “apagada”, devido à substituição promovida pelas dietas mirabolantes, pelos exercícios físicos intensos, procedimentos cirúrgicos nessa desenfreada busca do corpo ideal e perfeito.

Um dos suportes para que o corpo tenha esse destaque tão amplo na atualidade, é o desempenho do papel da mídia. Considera-se que a mídia se constitui como uma corporação, um poder que invade, penetra e interfere na formação da opinião pública através de meios impressos e digitais. Fixa ideologias como forma de traduzir as necessidades de uma sociedade e operam para “reproduzir a ordem do consumo e conservar hegemonias constituídas” (Moraes, 2013, p. 21).



Enfim, o sistema desempenha um papel de ser representante da globalização e tenta propagar estilos, valores ou modos de vida relacionados ao mercado e aos padrões sociais estabelecidos e se configura como um agente econômico que domina um conglomerado empresarial de informação e entretenimento.

Nesses termos, o sujeito é “moldado” com base nessas representações que circulam na mídia, e não se pode esquecer que, a partir desses acontecimentos, se cria um mal-estar que é contemporâneo. É bem verdade que a circulação incessante desses anúncios, blogs ou propagandas fazem o indivíduo vivenciar uma tensão entre o que se configura como ser o que é ou o que se deve ser, pois a insistência de modelos identitários veiculados na mídia tentam determinar como um sujeito deve agir, pensar e sentir, conforme o que é imposto socialmente. São as chamadas “identidades clones” (Gregolin, 2007).

Tudo isso se desdobra na “cultura do espetáculo” (Debord, 1967/2013) que se configura com a exibição de si mesmo e a performance de imagens perfeitas do sujeito e corpo como palco de cena e adoração do outro pelo que é exposto. Nesse sentido, a mídia se destaca como elemento fundamental e instrumento ideológico para a exaltação do sujeito e a cultura



da imagem, chamada também de “cultura da estetização” (Birman, 2016).

O adoecimento do corpo na atualidade

A mulher sempre sofreu “marcas de exclusão e inferioridade. Cristalizada pelas formas de pensar de uma sociedade masculina” (Del Priore, 2013, p. 177), por um lado, a subordinação da mulher fazia e faz com que ela se apresente como inferior, reprodutora e débil; por outro, a mulher se apresenta como a senhora da beleza e sensualidade. Ultimamente, as mulheres estão ligadas freneticamente aos cuidados com a beleza do rosto e do corpo, pois a tirania da beleza física a levou a buscar uma identificação com blogueiras, anúncios de beleza ou conselhos sobre uma boa alimentação, e não uma identidade, a ser senhora de si mesma, capaz de escolhas e de atitudes. Observa-se que a mulher está sempre ligada à tirania masculina ou ao do consumo num contexto de dominação e exploração.

Cunha afirma que “a sociedade de consumo ocidental requer de uma mulher que ela combine os principais traços tradicionais com características que eram apanágio dos homens, e ainda com padrões de beleza valorizados” (2014, p.



124). Por um lado, os meios de consumo pedem que as mulheres sejam independentes e profissionais, e por outro, infantis, maternais, jovens, brancas, lindas e magras, para que possam aparecer em anúncios publicitários, revistas, televisão etc.

É interessante considerar que há mulheres jovens que não se enquadram nos moldes de um corpo magro e perfeito. Essas jovens se acham gordas, mesmo estando bem magras ao se olharem no espelho. É o que chamamos de distorção corporal, que pode ser proveniente de uma insatisfação com a imagem corporal associada à baixa autoestima e ao aparecimento das perturbações alimentares, especialmente bulimia e anorexia. As jovens que sofrem esses transtornos não fazem uma distinção entre a imagem do corpo real e a imagem do corpo ideal. Elas brigam todo tempo com a imagem distorcida que reflete o quanto são gordas e impõem a necessidade de emagrecer (Cunha, 2014).

A anorexia é um transtorno alimentar que acomete o físico e o psíquico do indivíduo, constituindo um dos males da contemporaneidade. Retorna-se à psicanálise, novamente, para notificar que Freud, em 1893, registrou os primeiros escritos da psicanálise sobre os problemas alimentares, especialmente quando ele tratava de uma paciente que desenvolveu um



processo anoréxico depois do nascimento de cada um dos três filhos. Depois de cada parto, ficava impossibilitada de amamentá-los devido aos vômitos, distúrbios gastrointestinais e depressão. Freud denominou esse caso de “Histeria de ocasião”, enfatizando a dimensão melancólica. A ilustração desse caso clínico evidencia a relação entre as questões da feminilidade, maternidade e função alimentar desempenhada pelo corpo da mulher.

Com o tempo, as transformações na teoria freudiana foram acontecendo, tanto que Freud, mais tarde, introduziu nos estudos sobre os problemas alimentares a importância das adições, também na bulimia e na obesidade, como forma de defesa contra o sofrimento, porém classificando os transtornos alimentares como perturbações narcísicas. Posteriormente, outras contribuições psicanalíticas foram importantes, como a dos pós-freudianos, para a compreensão dos problemas alimentares.

A anorexia relança, atualmente, o enigma da feminilidade e da sexualidade feminina, como a histeria nos levou, há algum tempo, a entender a feminilidade. A anorexia é uma forma atualizada de traduzir a revolta à submissão dos padrões ditos “femininos”. Enquanto a histeria se configurava como um teatro



do corpo, em que as paralisias e dores predominavam como sintoma, a anorexia priva esse corpo de alimento, como uma forma masoquista de obter prazer.

Um importante ponto a salientar é que, na modernidade, a histeria surge na Europa, quando a mulher começa a ter uma instrução maior, a não querer ficar submissa ao homem; isso coincide com sua entrada no mercado de trabalho. Quanto aos transtornos alimentares, são doenças do contemporâneo, em que as mulheres já estão inseridas no mercado de trabalho e vivem atreladas ao consumo.

É fundamental pontuar que essa magreza exagerada pela perturbação alimentar nada tem de glamorosa; é um transtorno afetivo e social que passa a ser estigmatizado e mostrado como falta de saúde. Dessa maneira, há uma separação entre a magreza ideal do corpo que se apresenta como desejável, e a outra, a magreza da anorexia, que é marginalizada. Tudo que tem a marca de desfiguração ou incapacidade física ou mental é estigmatizado em nossa sociedade, pois o que impera é o corpo perfeito, saudável e jovem, determinado socialmente e propagado como ideal de felicidade.



Considerações Finais

O projeto de vida saudável feminino, o valor da aparência de um corpo magro, musculoso e sua exposição na mídia no século atual não destoam do papel de esposa como suporte da família burguesa e da maternidade. Esses papéis sociais, mesmo contraditórios, são representações das vivências femininas e destacam a subordinação da mulher à sociedade. Isso se configura como a relação entre o mundo das coisas e a constituição do sujeito (Mariani & Magalhães, 2011).

Essas contradições fazem o estilo de vida feminino. Há muito tempo que a preocupação com a beleza do rosto e do corpo é mais um item marcado no imaginário da mulher, só que recentemente esse estilo se acha mais evidente devido à exposição do corpo da mulher na mídia e, também, ao crescimento da indústria de cosméticos e fitness. Os concursos de beleza feminina, as conselheiras de beleza que invadiram a imprensa nas décadas de 1950 e 1960, juntamente com o discurso higienista tão ativo nos anos de 1920 e 1930 instigaram a noção de corpo como algo a ser cuidado para manter-se saudável. O belo rosto e o corpo bem cuidado constituíram o protótipo da mulher nos séculos XX e XXI (Del Priore, 2013).



A formação da identidade feminina na atualidade é configurada com base no rosto e corpo de várias mulheres; não há uma singularidade, pois se estabelece que devem seguir um padrão socialmente estabelecido. É o desafio maior dessas mulheres possuírem um único rosto e um corpo para chamar de seu. As cirurgias plásticas condicionam esse padrão de rosto e corpo único, sem levar em conta as nuances físicas e os desejos de cada mulher, mas é um corpo perfeito e delineado, um corpo vitrine para chamar de seu.

O corpo feminino, segundo Baudrillard (1982), sob o signo da libertação física e sexual, passa a ser o objeto mais precioso, deslumbrante, expoente máximo da publicidade, moda e cultura de massa, como também de vida saudável, prática de exercícios físicos e dietas para a melhoria do corpo.

Vive-se numa época em que o sujeito expressa uma maneira própria de inscrever suas angústias e conflitos no seu corpo e com a sua alimentação. Atualmente pode-se observar, por um lado, as cobranças sociais por um corpo magro e perfeito, e, por outro, um número crescente de patologias alimentares.



REFERÊNCIAS

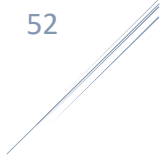
- Alves, A. L. (2015). Configurações contemporâneas da feminilidade: um olhar psicanalítico. *Perspectivas em psicologia*, 19(10), 35-37.
- Baudrillard, J. (1982). *A sociedade de consumo*. Edições 70.
- Birman, J. (Org.) (2002). *Feminilidades*. Contracapa.
- Birman, J. (2012). *O sujeito na contemporaneidade*. Civilização Brasileira.
- Birman, J. (2016). *Mal-estar na atualidade*. Civilização Brasileira.
- Biroli, F. (2018). *Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil*. Boitempo.
- Bruno, C. A. N. B. (Org.). (2012). *Distúrbios alimentares - uma contribuição da psicanálise*. Imago.
- Corbin, A. (Org.). (2008). *História do corpo* (Vol. 2; 3). Vozes.
- Courtine, J. J. (2013). *Decifrar o corpo*. Vozes.
- Coutinho, A. (2008). A escuta analítica, o corpo e a contemporaneidade em *Revista Tempo Psicanalítico*, v. 40, n. 2, Rio de Janeiro.
- Cunha, M. J. (2014). *Corpo e imagem na sociedade de consumo*. Clássico.
- Debord, G. (2013). *A sociedade do espetáculo*. [versão digitalizada]. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.com/eLibris/socespetaculo.html>. Acesso em 19 de junho. (Trabalho original publicado em 1967)
- Del Priore, M. (2011). *História do corpo no Brasil*. Ed UNESP.
- Del Priore, M. (2013). *Histórias e conversas de mulheres*. Planeta.
- Del Priore, M. (2000). *Corpo a corpo com a mulher: pequenas histórias das transformações do corpo feminino no Brasil*. SENAC.
- Freud, S. (1972a). Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 19). Imago. (Trabalho original publicado em 1925)
- Freud, S. (1972b). O inconsciente e os instintos e suas vicissitudes. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 14). Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1972c). Mal-estar na civilização. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 16). Imago. (Trabalho original publicado em 1930[1929])



- Freud, S. (1972d). Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise. Conferência 32: Feminilidade. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 22). Imago. (Trabalho original publicado em 1932)
- Freud, S. (1972e). Três ensaios sobre a sexualidade. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 16). Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Garcia-Roza, L. A. (2005). Freud e o inconsciente. Zahar.
- Gregolin, M. R. (2007). Análise do discurso e mídia: a (re) produção da identidade. *Comunicação, mídia e consumo*, 4(1), 11-25. Pontes
- Hernandes, N. (2004). A revista *Veja* e o discurso do emprego na globalização – uma análise semiótica. Edufal.
- Kehl, R. (1998). Deslocamento do feminino. Imago.
- Lacan, J. (1998). O estádio do espelho. In J. Lacan, *Escritos*. Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1949)
- Lacan, J. (1982a). O seminário. In J. Lacan, *O avesso da psicanálise* (Livro 17). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1960-1970)
- Lacan, J. (1982b). O seminário. In J. Lacan, *Mais ainda* (Livro 20). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1972-1973)
- Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1967). *Vocabulário de psicanálise*. Imago.
- Le Breton, D. (2011). *Antropologia do corpo e modernidade*. Vozes.
- Mariani, B. & Magalhães, B. (2011). Eu quero ser feliz. In F. Indursky (Org.), *Memória e história na análise do discurso*. Mercado das letras.
- Minerbo, M. (2017). O tédio e a clínica do vazio. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 51(3), 53-63.
- Minerbo, M. (2009). *Neurose não é neurose*. Casa do Psicólogo.
- Moraes, D. (2013). *Mídia, poder e contrapoder*. FAPERJ.
- Roudinesco, E. (2016). *Sigmund Freud: na sua época e em nosso tempo*. Zahar.
- Serrano, P. (2013). Outro jornalismo possível na internet. In D. Moraes (Org.), *Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação*. Boitempo; FAPERJ.
- Soler, C. (2005). *O que Lacan dizia das mulheres*. Zahar.
- Veja* (2013). A nova forma de magreza: a estética do risco (23.ª ed., ano 46, n. 45, Abril).
- Weil, P. & Tompakow, R. (2015). *O corpo fala*. Vozes.







CAPÍTULO III



COMO ESTÁ A SUA CONEXÃO?

Ana Cláudia Zuanelle¹

¹Membro Efetivo, didata e docente da SPRPE. Mestre em Psicologia Clínica pela UNICAP. Autora do livro *A paixão e seus Destinos Pathológicos* Ed. Blücher, 2024. Assessora da editoria do Livro Anual de Psicanálise 2024.

RESUMO

Buscando autores tais como Byung-Chul Han, Pelbart, Turkle, com suas ideias a respeito da atualidade, para fazê-los dialogar com a psicanálise, a autora busca, através desse encontro entre o mundo interno e externo, discorrer sobre fenômenos da pós-modernidade. O ponto central desse artigo é se deter em fenômenos causados pelo imediatismo do mundo virtual e em como ele afeta a criação da intimidade. Com vistas a ilustrar seu ponto de vista teórico, a autora traz duas históricas clínicas para aproximar suas argumentações ao nosso fazer analítico.

Palavras-chaves: Pós-modernidade; Mundo virtual; Imediatismo; Intimidade.

Há algum tempo, a pergunta que dá título à essa comunicação remeteria à indagação de como estão os nossos laços, nossas relações de intimidade; porém, para qualquer pessoa da geração Z (1997 – 2010) em diante, a primeira ideia que lhe virá à mente ao lhe ser feita a mesma pergunta será sobre a sua conexão de rede, o *wi-fi*.



Da intimidade anímica para a conectividade tecnológica, muitas mudanças aconteceram. Como elas afetam nossas relações é o que pretendo discorrer hoje.

Num outro século, quando um jovem partia para um intercâmbio, a distância espacial e temporal era subjetivada de maneira bem demarcada. A comunicação acontecia por meio de cartas que demoravam uma média de uma semana para ir e outra para a resposta voltar. Eram necessários, por baixo, quinze dias para se completar essa troca de notícias. Os telefonemas eram raríssimos devido ao alto custo das ligações. As fotos, tão esperadas numa viagem, demoravam dias para sair do rolo de filme e serem “reveladas” num desvelar-se envolto em expectativa.

Atualmente, o imediatismo impera, tempo e distância adquiriram uma outra representação devido aos tantos aplicativos criados para driblar esperas. As mãos servem para teclar, não mais para redigir. Um telefonema pode ser ao vivo e em cores, sem custo adicional algum. Não há nada que dificulte duas pessoas em continentes diferentes se falarem quando bem entenderem... desde que haja uma boa conexão de internet entre elas. A boa conexão que interessa hoje em dia se dá entre máquinas e não entre pessoas.



A tecnologia mudou a forma de experimentar a distância, o espaço e o tempo: passado e futuro parecem condensados num presente que nunca acaba, como nos diz Pelbart (1996).

Dentre os efeitos dessa mudança na experiência da distância, um deles, como pontua Byung-Chul Han (2018), é a erosão da distância entre o público e o privado levando à superexposição da intimidade. Han aponta como a era digital é aquela da onipresença e da subversão da temporalidade. O mundo virtual é um mundo da presença, o tempo reconhecido é o do presente imediato.

O mundo e a vida se transformaram numa grande rede que se comunica freneticamente. Tal comunicação à velocidade da luz, ou da potência do *wi-fi*, é um reflexo e um propulsor para a rapidez que vigora em quase todos os setores da nossa vida no século XXI, produzindo não apenas uma ansiedade generalizada, mas também uma intolerância à frustração e um modo de funcionamento mental no qual o tempo hábil para simbolização encontra-se bastante prejudicado uma vez que o reconhecimento da falta tão necessário a este processo está cada vez mais solapado.



Foi uma dissociação que levou Éter (Filho de Chronos que é o deus do Tempo na mitologia grega) a buscar análise há alguns anos. Essa jovem de, então, 20 anos foi trazida pela mãe, encaminhada pelo psiquiatra após um episódio em que perdeu o controle das pernas, as quais ficaram dormentes a ponto dela não conseguir caminhar. Ela havia brigado com o melhor amigo e naquele momento chorava e gritava muito. Foi hospitalizada sem conseguir falar, permanecendo assim por 24 horas. Também apresentou sensação de ausência, em que mal ouvia o que os outros diziam e não conseguia reagir. Os exames descartaram um quadro neurológico ou de qualquer outra natureza física. Episódios semelhantes já haviam ocorrido, em intensidade bem menor, nas situações em que Éter se via diante de alguma frustração.

Éter concordou em iniciar um tratamento e, no transcorrer da análise, foi falando mais de sua sensação de não pertencimento, reclamando de se sentir totalmente deslocada na sua família e de precisar estar sempre próxima do seu melhor amigo, com o qual já tinha “ficado” várias vezes. Precisava dele para sentir que existia. Ela dizia que não sabia qual era sua “essência” (sic) e que se sentia muito misturada ao amigo/paquera a ponto de não suportar ficar sem notícias dele



por pouco tempo que fosse, uma vez que se falavam o dia todo por WhatsApp. Quanto às relações afetivas, dizia ser a “puta da turma” (sic), pois ficava com quem quisesse, homens e mulheres, e à hora que tivesse vontade.

O processo analítico caminhou até que sua mãe descobriu droga na sua mochila e a tirou da análise para levá-la a um especialista em adições. A paciente concordou com a interrupção dizendo que precisava acalmar sua mãe, não a contrariando.

Dez semanas depois do primeiro contato com Éter, chegou Anankê (Esposa de Chronos, segundo a teogonia órfica, deusa da inevitabilidade) ao consultório, uma adolescente de 19 anos, acompanhada pela mãe e encaminhada pela psiquiatra após o que foi denominado de “surto de pânico”. O surto foi descrito por Anankê da seguinte forma:

“estava andando distraída pela faculdade, sem pensar em nada, quando meu amigo me deu um susto, não foi um susto grande, foi um susto de nada. Tive taquicardia que não parou até a segunda aula, daí liguei pro meu pai e fiquei sentada no banquinho esperando ele me buscar (sic). Então minhas pernas começaram a ficar dormentes e eu



cheguei cambaleando ao carro. Quando entrei só conseguia gritar. Não sei dizer por quê. Meu pai me levou para o hospital, tive que entrar de cadeira de rodas, pois não andava mais. Eu também não conseguia falar; fiquei assim um dia inteiro e o outro também, as palavras não saiam. Fiquei meio alheia o dia todo, como se não estivesse ali”.

Nesta entrevista inicial, Anankê contou que era muito “doidinha” e fazia tudo que lhe desse à cabeça, se quisesse dançar no meio da rua, dançava, se quisesse caminhar às 11 da noite pela rua deserta, caminhava. Não acreditava em relações amorosas, nunca se relacionou com ninguém, fazia sexo apenas pela “coisa carnal”, quando batia vontade. Tal qual Éter, se dizia bissexual. Referia não se dar bem com sua mãe e se sentia uma estranha dentro de casa, por isso estava muito feliz com sua viagem marcada para outro país dentro de dois meses.

Não foi possível iniciar um trabalho analítico com Anankê, mesmo assim, ao ouvi-la nesta primeira entrevista me veio à mente a semelhança com os sintomas de Éter, chamando minha atenção a menção de ambas sobre a liberdade para fazer o que quisessem, ao mesmo tempo que perdiam, ocasionalmente, a



singela autonomia de andar e falar. Tão livres, mas tão presas. Tão adolescentes, mas tão recém-nascidas.

Pensar em Éter e Anankê com suas paralisias, gritos intercorrentes, afonias e ausências sem uma causa física especificada, me traziam à recordação os fenômenos históricos do início da psicanálise; no entanto, o vazio existencial, a necessidade da presença do outro para se sentirem existindo, a extrema dificuldade frente à frustração, me levavam a conjecturar uma forma de funcionamento para aquém do recalque.

Eu vislumbrava o mecanismo da recusa (Verleugnung) permeando os relatos das pacientes, a recusa a aceitar a realidade da castração, fazendo-as criar a ilusão de tudo poderem. Para manter ambas as realidades coexistindo se fazia necessário o uso de um mecanismo mais incisivo que o recalque. Na falha desse mecanismo havia o colapso do arranjo interno e a realidade vinha com a inerente parcela de sofrimento, um sofrimento que essas garotas não tinham capacidade para reagir de uma forma mais elaborada, onde faltavam representações para verbalizar o que sentiam, nesse caso a via de comunicação se via regredida à não palavra.



A questão da bissexualidade me fazia pensar, nesse contexto específico, numa referência a uma completude ilusória, fantasiada como um ser andrógino, ou até um hermafrodita, fazendo-as crer que a si se bastavam, numa união perene consigo mesmas.

Refletindo mais sobre esses casos para escrever esta comunicação, me veio a hipótese de que nos seus discursos, havia também a indicação do uso de fetiches para tamponar a falta insuportável. Com Éter, penso que o objeto fetiche era o amigo/paquera ao qual ela recorria para se sentir inteira; era uma pessoa que exercia várias funções sendo ora apenas amigo, ora paquera, ora ficante, revezando-se nesses papéis com toda onipresença necessária para denegar a castração.

Os próprios relatos de como viviam a sexualidade me apontavam a mesma linha hipotética, a referência à vida sexual desmedida e sem apego me soava como como mero meio de descarga perene e sem barreiras, que servia para lhes garantir a falácia do prazer permanente e sem contrapartidas. Assim eu vejo a sexualidade funcionando, ela mesma, como fetiche. Ao invés de liberdade e desejo sexual, penso mais na sexualidade vivida como necessidade sexual, enfatizando seu aspecto compulsório e aprisionante.



As características que permeiam os dois casos acima são, em grande parte, aquelas atribuídas aos tempos atuais, a era da pós-modernidade.

Jameson (1997), um pensador sobre era contemporânea, enumera a fragmentação, a superficialidade, a existência de verdades relativas e a coexistência de discursos contraditórios como fenômenos dos tempos atuais.

Turkle (1997) compara os traços do pós-modernismo com aqueles da nova estética do computador, qual seja: a prevalência da superficialidade, da simulação, do jogo. Ela defende que o computador nos oferece um novo modelo do pensar e um novo meio onde projetar nossas ideias e nossas fantasias, onde há uma erosão das fronteiras entre o real e o virtual, desembocando numa cultura pós-moderna da simulação. Simulação esta que me parece bastante próxima da construção onírica, com a diferença que os neuróticos entendem que estavam dormindo e sonhando, voltando à regência do princípio da realidade ao acordarem.

Em 1981, Baudrillard lançou seu livro “Simulacro e Simulação”, bem antes, Debord (1967) havia publicado “A sociedade do espetáculo” e em 1979 Lasch escreveu “A cultura



do narcisismo”. São três autores com obras seminais que se ocuparam de entender a nova forma de funcionamento da pós-modernidade. Eles enfatizaram como a cultura ocidental está tomada pelo exibicionismo, pelo afastamento do mundo real, pelo consumo desenfreado, nos tornando mercadorias, que trouxe a reboque a banalização do narcisismo patológico.

Compartilho da acurada percepção desses autores, e acrescento que em termos psicodinâmicos já não falamos apenas do narcisismo exacerbado. Está em jogo, também, a banalização da perversão, no sentido exposto por Lebrun (2004), aquele do prejuízo na elaboração da realidade psíquica do sujeito como consequência da dificuldade da introjeção da lei paterna.

Alguns grandes pensadores como Giddens (1993, 2002) e Bauman (1998, 2021) preferem não usar o termo pós-modernidade para o conjunto de mudanças da nossa era, eles afirmam que o projeto da modernidade não foi atingido, por isso o “pós” não se adequa, preferem falar em modernidade fluida, ultramodernidade (Bauman), modernidade alta ou modernidade tardia (Giddens).



Acredito que tampouco o projeto pós-moderno será atingido. Esse segundo tempo de um movimento que não chegou ao seu objetivo, traz consigo uma meta ainda mais inalcançável, a de subverter a realidade, a verdade, a coesão identitária com a pretensão de fazer do sujeito um ser independente de regras, alheio ao mundo real e principalmente às limitações que o convívio com a alteridade pressupõe.

Essa aspiração me lembra o Admirável mundo novo (Huxley, (2014 [1932])), no qual uma das formas de garantir a felicidade permanente, era o não desenvolvimento de qualquer tipo de apego, de usar o sexo como forma de descarga, com a troca compulsória de parceiros; para os inevitáveis momentos de angústia, uma dose de Soma era necessária. Assim, entre compulsões, desapego e entorpecentes buscava-se o impossível: a felicidade eterna.

Em O mal-estar na civilização, Freud (2011 [1930]) aborda a busca pela felicidade como o propósito da vida dos Homens, mas adianta “não há possibilidade alguma de ele ser executado; todas as normas do universo são-lhe contrárias” (p.95).

Em tempos digitais encontramos alguma facilidade em subverter regras universais, o que pode nos levar a acreditar



que não há fronteiras para a realização do desejo. A ideia falaciosa do tudo poder, ao invés de trazer mais conforto, apenas acarreta mais frustração, uma frustração tanto maior quanto for a certeza de sua realização. No lugar de realização, há maior sofrimento, maior fragmentação e menos meios adequados para suportá-los. Podemos até celebrar o advir de uma sociedade menos neurótica, entretanto corremos o risco de ver surgir uma sociedade um tanto mais infeliz. Aceitar os limites impostos pela castração ainda é a maneira mais funcional de vivermos uma parcela sustentável de felicidade. A incompletude é a contrapartida do desejo que nos faz sujeitos.

REFERÊNCIAS

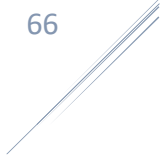
- Baudrillard, J. (1981). *Simulacros e simulação*. Lisboa, Editora Relógio d'água.
- Bauman, Z. (1998). *O mal-estar na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, Zahar Editora.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro, Zahar Editora.
- Byung-Chul, H. (2018). *No enxame*. Petrópolis, Editora Vozes.
- Debord, G. (2007). *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro, Editora Contraponto. Texto original publicado em 1967.
- Freud, S. (2011). *O Mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro, Penguin e Cia das Letras. Texto original publicado em 1930.
- Guiddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: amor, sexualidade e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo, Editora UNESP.
- Guiddens, A. (2002). *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro, Zahar Editora.



- Huxley, A. (2014). Admirável mundo novo. Rio de Janeiro, Biblioteca Azul. Texto original publicado em 1932.
- Jameson, F. (1997). Pós-modernismo – A lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo, Editora Ática.
- Lasch, C. (1979). A cultura do narcisismo: a vida americana em uma era de expectativas decrescentes. São Paulo, Fósforo Editora.
- Lebrun, J.P. (2004). Um mundo sem limite: ensaio para uma clínica do social. São Paulo. Cia de Freud.
- Pelbart, P.P. (1996). O tempo não reconciliado. In: KATZ, C.S., ed. Temporalidade e Psicanálise. Petrópolis, Editora Vozes.
- Turkle, S. (1997). A vida no ecrã: a identidade na era digital. Lisboa, Editora Relógio d'água.

Nota: Trabalho apresentado na VI Jornada de Psicanálise da SPFOR e Atividade preparatória do 29º Congresso da FEBRAPSÍ realizada em 21 e 22 de outubro de 2022.





CAPÍTULO IV



ADOLESCÊNCIA E CONTEMPORANEIDADE VICISSITUDES NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Maria Stela Menezes Santana¹

¹Médica, Pediatra, Especialista em Medicina de Adolescentes, Psicanalista, Membro Titular e Analista Didata da Sociedade Psicanalítica do Recife, Membro da Federação Brasileira de Psicanálise e da International Psychoanalytical Association.

RESUMO

A onipotência, a negação da alteridade, das diferenças, da finitude, são padrões da cultura contemporânea. Na adolescência, os limites entre pais e filhos, ficam muitas vezes indefinidos. A diferença geracional é apagada e a rivalidade edípica necessária transforma-se em batalha narcísica. Quais os efeitos psíquicos dessas mudanças nos processos de identificação e subjetivação? A partir de referenciais teóricos de Freud e psicanalistas contemporâneos, a autora tece considerações sobre a evolução destes processos na adolescência ilustrando-os com vinhetas clínicas.

Palavras-chaves: Narcisismo; Adolescência; Identidade; Contemporaneidade.

*Em cada silêncio do corpo identifica-se
a linha do sentido universal
que à forma breve e transitiva imprime
a solene marca dos deuses
e do sonho.*

A Metafísica do Corpo (Drummond)



Introdução

“Sinto vontade de me aproximar das meninas, mas tenho medo. Não sei o que acontece... quando vou às festas, me pego olhando mais para os meninos. Às vezes me pergunto: será que eu sou gay?” (Adriano, 17 anos).

“Estou ficando com uma menina e o pior é que estou gostando... Eu já fiquei com meninos, tive até um namorado, mas achava tudo muito sem graça. Com essa menina é diferente, eu gosto muito, a gente se entende. O problema todo é minha mãe, ela disse que se eu continuar vou ter que sair de casa, que preferia me ver morta a ter uma filha sapatão” (Penélope, 17 anos).

A cultura contemporânea, eminentemente narcísica tem como traço principal a negação da alteridade, a exaltação do próprio eu. A escolha do objeto é do tipo narcísica o que permite evitar o confronto com a diferença do outro.

A onipotência, a negação da finitude, da alteridade, das diferenças, são padrões da vida pós-moderna.



As transformações socioculturais ocorridas na pós-modernidade provocam mudanças na estrutura familiar. Crianças são levadas precocemente a escolas e creches e ficam a mercê de babás-eletrônicas. Novas configurações familiares surgiram, famílias monoparentais, fertilizações in vitro, produções independentes.

Na adolescência, os limites entre pais e filhos ficam muitas vezes indefinidos.

Na era pós-moderna o virtual ocupa o lugar do real. A mídia exerce grande influência entre crianças e adolescentes ao difundir as ideias de potência, virilidade, sensualidade e muitas vezes a sexualidade promíscua. A mídia torna-se a prótese identificatória para crianças e adolescentes.

A internet torna-se o cenário de relacionamentos virtuais onde se podem “viver fantasias ilimitadas”.

A competição exagerada, as exigências da sociedade de consumo tornam escassos o contato e as experiências afetivas entre pais e filhos.

Quais os efeitos psíquicos dessas mudanças nos processos de identificação e subjetivação?



O que acontece quando os pais de adolescentes não abandonam a própria adolescência e não podem preencher o papel parental?

A diferença geracional é apagada e a rivalidade edípica necessária transforma-se em fraternização trágica e batalha narcísica. Ao invés do confronto é instaurada a provocação, a evitação ou rejeição do limite geracional, perturbando o processo de constituição da identidade.

A primeira condição necessária para ocorrência de um confronto geracional é a presença do outro como alteridade, nem frouxa, nem arbitrária que torna possível o eclodir de uma tensão capaz de ativar os processos de identificação-desidentificação-reidentificação que se desenvolve ao longo da vida particularmente na adolescência.

Ao entronizar o culto da imagem corporal e a exaltação infundável da eterna juventude, a ideologia pós-modernidade narcísica as ligações e apaga as diferenças geracionais.

A sociedade atual encoraja os pais e pensar e agir como adolescentes ao enaltecer a eterna juventude.

Pais adolescentes estabelecem vínculos confusos com seus filhos, não são capazes instituir a função parental na



dinâmica familiar. Consequentemente não fazem o corte na díade mãe criança. Assim os processos de reorganização das identificações ocorrem em sistemas narcísicos e edípicos conflitantes.

A sexualidade humana

“A sexualidade humana é inerentemente traumática. A noção de um “outro” – de um objeto separado do self – lentamente adquirida, surge a partir da frustração e de uma forma primitiva de depressão que todo bebê vivencia em relação ao objeto primordial de amor e desejo” (McDougall, 1997).

Como lidar com o desejo impossível de ser e ter os dois sexos?

O reconhecimento da alteridade é seguido pela descoberta, igualmente traumática, da diferença entre os sexos. A angústia despertada pela constatação da diferença sexual, entretanto, quando elaborada, leva ao amadurecimento (diferente para os dois sexos).

A crise edípica é em suas dimensões, homossexual e heterossexual e força as crianças a chegarem a um acordo com



o impossível desejo de encarnar os dois sexos e de possuir ambos os genitores. A descoberta da diferença sexual contribuiu para a representação, lentamente adquirida, de gênero “nuclear” (Stoller, 1968).

Sobre essa base a criança poderá vir a identificar-se como “masculina” ou “feminina”, por meio de representações mentais que, mais do que provenientes de dados biológicos, são predominantemente criados pelas injunções do inconsciente biparental e pelos conceitos transmitidos pelo ambiente social e cultural ao qual os pais pertencem.

Na medida em que as orientações sexuais são moldadas pelas experiências infantis, a psicanálise tem uma contribuição específica a fazer para o estudo das construções da identidade de gênero nuclear e dos distúrbios relacionados à identidade do papel sexual. Um bebê do sexo masculino tem sensações anatômicas diferentes das do bebê do sexo feminino, todavia, esse “dado” não implica que alguma representação psíquica de identidade de gênero nuclear seja inata. Freud (1905) enfatizou que os objetos do desejo sexual não são inatos, mas tem que ser “encontrados”. Propôs também que os sentimentos de self e de orientação sexual, ainda que estabelecidos no início da



infância, são “redescobertos” em sua força total, logo após a puberdade.

Conforme Lichtenstein (1961) observou, o desenvolvimento do nosso sentido de identidade pessoal é semelhante a Janus em suas construções, por um lado, englobando “aquilo que se assemelha a mim”, e, por outro “aquilo que é diferente de mim”. “A identidade do animal é fixa, enquanto o homem tem de lutar para sempre com a necessidade de definir a si mesmo, de criar uma identidade que não lhe é basicamente inerente à força de automatismos inatos”.

É evidente que a aquisição de um sentimento seguro de identidade tanto pessoal, quanto sexual vai exigir uma série de processos de luto, a fim de abandonar o desejo de possuir “aquilo que é diferente de mim”. Estes passos de amadurecimento não se dão sem dor e sofrimento.

Freud (1905) considerava que os desejos bissexuais estavam universalmente presentes na infância. As crianças se sentem libidinalmente atraídas por ambos os genitores dando origem ao desejo de obter o amor exclusivo de cada um deles. Toda criança quer possuir os misteriosos órgãos sexuais e o fantasiado poder, tanto de seu pai quanto da sua mãe, de homem



e de mulher. A obrigação de chegar a um acordo com o destino homossexual de cada um constitui uma das graves feridas narcísicas da infância.

Como integrar essas exigências bissexuais à estrutura psíquica e assumir, ao mesmo tempo, a identidade anatômica predestinada?

As descobertas revolucionárias de Freud sobre a dinâmica da sexualidade humana na vida da criança e do adulto, há mais de um século foram desenvolvidas por seus seguidores. Psicanalistas contemporâneos continuam tecendo críticas às limitações conceituais de Freud, sobretudo no que se refere às suas teorias sobre a sexualidade feminina. De todos que estudaram o funcionamento da mente humana ele foi o primeiro a interessar-se séria e cientificamente pela sexualidade das mulheres. Com sua típica honestidade foi o próprio Freud quem primeiro expressou sentimentos de profunda insatisfação e incerteza a propósito de suas teorias sobre a mulher e a natureza do seu desenvolvimento psicosssexual.

Em seu artigo “Feminilidade” (1933), escreveu: “... a psicologia... é incapaz de resolver o enigma da feminilidade e observou que o desenvolvimento da menina até ela tornar-se



uma mulher é mais difícil e complicado, uma vez que inclui duas tarefas a mais, às quais nada há que corresponda no desenvolvimento do homem". As "tarefas" se referem a dois importantes conceitos de Freud a propósito das dificuldades de alcançar a condição de mulher, primeiro a menina tem de chegar a um acordo com a sua configuração anatômica e efetuar a troca do órgão de excitação, do clitóris para a vagina; em segundo lugar, tem de efetuar a troca de objetos.

Embora essas "tarefas" representem genuínos desafios à consecução da feminilidade, elas estão longe de ser exaustivas como correntes explicativas.

Psicanalistas pós freudianos concordam quanto ao fato de que a inveja do pênis do pai é apenas uma explicação parcial das dificuldades encontradas pela menina em seu caminho em direção à situação da mulher adulta.

A inveja e admiração do corpo e da sexualidade da mãe, por parte do menino são similares a inveja e a admiração que a menina tem em relação ao pênis e as proezas sexuais dos pais. As crianças de ambos os sexos se dão conta de que a mãe corporifica o poder mágico de atrair o pênis do pai e de fazer os bebês que os dois desejam.



A configuração anatômica da menina apresenta para ela vicissitudes específicas em seu desenvolvimento psicosssexual e a inveja do órgão visível do menino é apenas um dos aspectos de suas preocupações.

Karen Horney (1926) assinala que em vista das sensações vaginais, a criança do sexo feminino... “Deve desde o início, ter um vívido sentimento deste caráter específico de seu papel sexual; seria difícil dar conta de uma inveja do pênis primário com a força daquela postulada por Freud”.

Klein (1945) formulou a noção de que a posse de um pênis é narcisicamente aniquiladora para o menino por causa da sua visibilidade e de sua facilidade de representação mental. Em contraste, a menina pequena não consegue ver sua vagina e tem dificuldade de visualizar seu clitóris. Embora intimamente se aperceba das sensações clitorianas e vaginais, vivencia seu órgão como faltando, em comparação com o órgão visível do menino e do pai. É preciso que espere até a puberdade para ganhar a confirmação visual da sua própria identidade sexual singular, por meio do crescimento dos seios e do início das menstruações. Com essas mudanças externas, vem a tranquilização narcísica de que seu corpo e seu genital feminino



são projetados para despertar desejo, e trazem a promessa de gerar bebês.

Judith Kestenberg (1968) em seu artigo sobre a distinção entre configurações anatômicas “de dentro” e “de fora” chama a atenção para a importância que a menina tem de seu genital como espaço interno, a qual afeta sua experiência total de feminilidade e de suas relações sexuais.

Boa parte da representação inconsciente que tem de seu corpo e de seus genitais deve-se à natureza da relação mãe-filha, do investimento libidinal e narcísico materno e de quanto os temores inconscientes relativos às funções sexuais e corporais foram transmitidas da mãe para a filha.

Conflitos que se originam dos medos e dos desejos inconscientes dos pais podem gerar uma imagem frágil ou prejudicada do corpo da criança como um todo. Se, mais tarde, isso foi corroborado por um discurso parental depreciativo ou ameaçador a propósito da sexualidade, a imagem narcísica e a existência da criança como indivíduo podem ser prontamente transportados para o self sexual e para o significado atribuído à feminilidade. Isso, por sua vez, deixa uma marca duradoura na



identidade de gênero nuclear e do papel sexual, que todo ser humano constrói desde a infância.

Adolescência e identidade

O sentimento de identidade é altamente flutuante, dependendo do tipo de experiência corpórea e psíquica que predomine em cada momento. A relativa estabilidade alcançada durante os anos de latência, mantida à custa da repressão das fantasias sexuais, dos mecanismos obsessivos e das dissociações, entra em crise quando irrompe a puberdade no início da adolescência com as mudanças físicas bruscas e inesperadas, tudo é confusão e dá lugar a novas e variadas dissociações como defesa.

O adolescente é envolvido pela dor mental provocada pela aguda sensibilidade em relação ao seu mundo interior e pelo clamor do mundo exterior, bem como, pela complexidade das emoções e das sensações diante das quais têm escassas capacidades de controle.

Diferentemente da criança, que pode recorrer à sua inesgotável capacidade de inventar teorias, com as quais ela observa o ambiente circunstante e o manipula fantásticamente utilizando seus próprios poderes mágicos, ele só pode



defrontar-se com seus próprios fantasmas; fantasmas cada vez mais difíceis de produzir e de alimentar, porque exigem um volumoso mundo ideal indispensável para ele poder ser. Só gradativamente poderá chegar a substituir os fantasmas pelas suas próprias experiências pessoais uma vez que na experiência da adolescência o fazer e o conhecer não podem coincidir.

Na adolescência o indivíduo se defronta com modificações corpóreas e estruturais tão rápidas e impetuosas que o tornam desconhecido, estranho a si próprio. Nesta fase, ao desenvolvimento físico corresponde um tormento psíquico global que envolve toda a pessoa e a realidade exterior.

Peter Bloss (1966) integra a observação da teoria do segundo estágio de Freud (1905) e o desenvolvimento psicosexual na puberdade, enfatizando as diferenças no adolescente do sexo masculino e do sexo feminino. Estas são previstas, segundo ele, pela maciça repressão da pregenitalidade que a menina tem que fazer antes que ela possa entrar na fase edípica. Ele considera essa repressão como um pré-requisito para o desenvolvimento normal feminino.



A menina, ao afastar-se da mãe devido a desapontamentos narcisistas, vivenciados em si mesma, e na mulher castrada, reprime as pulsões libidinais intimamente relacionadas ao cuidado materno e à administração de seu corpo, ou seja, a contensão total da pregenitalidade.

Ruth Marck Brunswick (1940), em seu artigo sobre A Fase Pré-edípica do Desenvolvimento da Libido, afirma: “Uma das maiores diferenças entre os sexos é o enorme período em que a sexualidade infantil é reprimida na menina. Exceto em estados profundamente neuróticos nenhum homem recorre a qualquer repressão similar de sua sexualidade infantil”.

A menina que não pode manter a repressão de sua pregenitalidade encontra dificuldades no seu desenvolvimento. Em consequência, a menina adolescente normalmente exagera seus desejos heterossexuais e liga-se aos meninos, frequentemente, em frenética sucessão.

Helen Deutsch (1944), observa: “Na puberdade das meninas, a ligação com a mãe representa um perigo maior que a ligação com o pai. A mãe é um obstáculo maior ao desejo da menina de crescer, e sabemos que a condição de infantilismo psíquico encontrado em muitas mulheres adultas, representa o



resultado de uma ligação não resolvida com a mãe durante a puberdade”.

A menina luta contra as relações objetais de maneira mais intensa durante sua adolescência; as prolongadas ações que utiliza para romper vínculos com sua mãe constituem a principal tarefa dessa fase.

A menina precisa arrancar de sua mãe o direito de ser ela própria, identificando-se com sua mãe em seu mundo psíquico interno, mas também precisa de sua mãe, externamente como guia, como consoladora e auxiliadora na adolescência e nos anos que se seguem.

O mundo psíquico feminino é habitado por “mães internas” diferentes: uma é adorada, outra desejada, outra desperta ressentimento, outra é profundamente temida.

Após o término da adolescência, se tudo correr bem é frequente que, ao tornar-se ela própria, a filha reconcilia-se com a mãe com um apego renovado, numa relação adulta.

Segundo Bloss (1966), a observação mais importante sobre o menino no início da adolescência é sua fuga do sexo oposto, logo que os primeiros esforços da puberdade aumentam a pressão da pulsão e desfazem o equilíbrio entre ego e id,



alcançado durante o período da latência. Gratificações libidinais do objeto aparecem bloqueadas e são frequentemente resistidas. A pulsão agressiva torna-se dominante e encontra expressão tanto na fantasia, atividade de jogos, *acting out*, ou conduta delincente. O papel contrafóbico da ousadia física é reconhecido como um esforço para amenizar o medo da castração.

Diferentemente de Freud, Ferrari considera a constelação edípica como uma configuração dinâmica que tende constantemente ao equilíbrio, alcançável quando a imago “eu, mãe e pai” encontra no interior do indivíduo uma colocação própria em relação ao grau de desenvolvimento psíquico conquistado. Ferrari concorda com Melanie Klein (1945) sobre a origem muito precoce da constelação edípica, mas segundo ele, ao invés de “se resolver com o aparecimento da latência, prossegue de formas e modos diversificados durante toda a vida e só se conclui com a morte do indivíduo”

“É tarefa fundamental do adolescente assumir a responsabilidade da inexaurível busca da própria identidade”.



Concordo que a maioria dos processos que se iniciam na infância nunca estão completamente estabelecidos e continuam sendo elaborados pelo crescimento ao longo da adolescência e da vida adulta.

Ferrari (2000) postula a existência de uma feminilidade e masculinidade de base, presente nos indivíduos de ambos os sexos, consideradas por ele, como uma preconcepção transmitida filogeneticamente e inerente a diferença entre os sexos, dotada de uma mensagem relativa ao funcionamento dos sistemas homem e mulher.

A feminilidade e masculinidade de base estão sujeitos, junto com a constelação edípica, a um impulso filogenético durante a primeira infância. A partir da latência há um enfraquecimento do impulso filogenético e um fortalecimento do impulso ontogenético, no interior do qual o processo de construção de identidade vai recaindo cada vez mais sob a responsabilidade do sujeito.

Nas situações harmônicas, a feminilidade e masculinidade de base podem funcionar de acordo com o patrimônio genético reforçando a identidade de gênero, ou então favorecendo as



identificações com o outro sexo, num processo que enriquece a personalidade.

“As modalidades femininas e masculinas podem ser imaginadas, representadas e vividas por cada indivíduo segundo suas possibilidades pessoais. É nesse terreno que cada um de nós, conforme sua estória e suas peculiaridades inventa sua solução pessoal para a gestão de seu patrimônio genético” (Ferrari, 2000).

Na adolescência, as experiências vividas a partir de uma curiosidade e de um desejo de conhecimento de sua própria sensualidade-sexualidade, contribuem para a escolha em nível psíquico de sua identidade sexual. É durante a adolescência, com a elaboração edípica, própria dessa fase, que se podem ver aspectos de conduta feminina no rapaz e masculina na moça, que são as expressões de uma bissexualidade não resolvida (Aberastury – Knobel – 1991).

Na elaboração edípica, no rapaz, aparecem idealizações do pai que adquirem então as características de um ser bom e poderoso que possibilita visualizar os sentimentos que o adolescente tem em relação ao seu pai real e que vai poder manejar na relação adulta com o mesmo. Pode identificar-se



então com os aspectos positivos do pai, superar o temor à castração por meio de realizações e conquistas diversas, aprimorar seus estudos ou sua aprendizagem do trabalho, aceitar seus progressos, que poderão lhe mostrar que é realmente o próprio adolescente, o que também tem potência e capacidade criativa.

Na moça acontece algo similar, já que na elaboração edípica pode aceitar a beleza de seus atributos femininos, sentir-se admirada e desejada, realizar-se no trabalho ou no estudo de uma maneira feminina, aceitando que seu corpo lhe pertence, podendo então identificar-se com os aspectos positivos de sua mãe.

É norma que, na adolescência, apareçam períodos de predomínio de aspectos femininos no rapaz e masculinos na moça. É preciso ter sempre presente o conceito de bissexualidade e aceitar que a posição heterossexual adulta exige um processo de flutuações e aprendizagem em ambos os papéis.

Na busca de definição genital o adolescente costuma passar por períodos de homossexualidade, que podem ser a expressão da bissexualidade perdida e desejada, em outro



indivíduo do mesmo sexo. Desta maneira, poderia o adolescente, na sua fantasia, recuperar o sexo que está se perdendo em seu processo de identificação genital.

Segundo Aberastury, Knobel (1991) a masturbação, como fenômeno normal da adolescência permite ao indivíduo passar pela posição esquizoparanóide de sua personalidade, considerar seus órgãos genitais como alheios a si mesmo, tentar recupera-los e integrá-los e, finalmente, realizar o processo depressivo através de uma angústia, primeiro persecutória e logo depressiva, e integrar seus órgãos genitais a todo o conceito de si mesmo, formando realmente uma identidade genital adulta com capacidade procriativa, independência, e capacidade de formar um par estável em seu próprio espaço e em seu próprio mundo.

Fragmentos de análises

“Estou ficando com uma menina e o pior é que estou gostando... Eu já fiquei com meninos, tive até um namorado, mas achava tudo muito sem graça. Com essa menina é diferente, eu gosto muito, a gente se entende. O problema todo é minha mãe, ela disse que se eu continuar vou ter que sair de casa, que preferia me



ver morta a ter uma filha sapatão”
(Penélope, 17 anos).

Penélope foi trazida à psicoterapia pela mãe. Muito ansiosa, entre soluços e lágrimas, a mãe dizia não se conformar mais com o que estava acontecendo à filha, acabara de descobrir que Penélope tinha um caso com uma mulher queixava-se de dor, de vergonha, provocados, por esta opção da filha. Acusava o pai, “que sempre estava em casa enquanto ela trabalhava para sustentar a casa”, de não ter percebido o que estava acontecendo, de ter sido “sempre permissivo”, “de não colocar limites na filha”.

Penélope cedeu ao desejo da mãe de fazer psicoterapia, mas deixou claro logo na entrevista individual qual era o seu desejo. “Assumir a relação com a parceira”. “Ela me compreende, com ela eu tenho o que nunca tive em outros relacionamentos”.

Durante as sessões, Penélope se queixava da mãe, “minha relação com ela sempre foi difícil, ela é muito autoritária, não me escuta, não me compreende, também, como é possível? Ela não convive com a gente, trabalhava o dia todo e quando chegava em casa só dava ordens. Meu pai, um homem fraco,



sempre obedece a ela e nunca toma posição, não é carne, nem peixe”.

Penso que na relação com essa mãe namorada, Penélope encontrou a gratificação de suas necessidades maternas. No desenvolvimento feminino, a fase da organização pulsional da adolescência inicial é dominada por defesas contra a mãe-pré-edípica, isso é refletido muitas vezes nos conflitos que surgem entre mãe e filha.

Com a progressão da adolescência emergem os esforços edípicos que são inicialmente deslocados e gradativamente extintos no processo de remoção de objeto. Aprisionada na relação dual com a mãe sentida como controladora e um pai “que não é carne, nem é peixe”, Penélope não conseguia avançar na resolução dos conflitos edípicos narcísicos.

Sofia (16 anos), uma adolescente que apresentava anorexia e bulimia, tinha muito medo de se aproximar dos meninos, seus relacionamentos eram sempre virtuais. Sentia-se muito constrangida quando os meninos olhavam para ela ou lhe faziam um elogio “acho que eles querem se aproveitar de mim e me considerar uma menina fácil.” Durante a análise revelou o



quanto sofria quando seus pais brigavam e sentia-se culpada pelas constantes brigas entre eles.

Em uma das sessões fala:

“Estou me sentindo péssima, minhas roupas não estão entrando, acho que engordei..., por quê? Não aceito engordar, não mesmo! E para completar a minha raiva, a minha mãe começou a brigar comigo, a me dizer o que eu tinha que fazer, acho que ela vai me deixar louca... eu a odeio e odeio minhas gorduras...que gordura é essa? De onde ela vem?”

Ferrari (1996) observa que as adolescentes anoréxicas apresentam frequentemente um substrato do tipo claustrofóbico em que a anorexia tem claras funções defensivas. A adolescente anoréxica é prisioneira de uma teoria segundo a qual, o corpo deve ser trancado e controlado. A adolescente vive um conflito, pode apenas observar as mudanças corpóreas e tem sobre elas escassas capacidades de controle. É testemunha de modificações contínuas e não previsíveis que podem levá-la a sentir o corpo como estranho, uma fonte de angústia o que a impele a vivê-lo de modo persecutório. Substitui então o aspecto claustrofóbico pelo



claustrofílico como garantia de que o corpo deverá permanecer bloqueado.

A anoréxica acredita que é possível o controle onipotente quer do seu espaço mental, quer, sobretudo, de sua dimensão física, usando alternativamente a função claustrofóbica ou claustrofóbica.

Sofia se sente prisioneira do seu próprio corpo, sente-se, pois, claustrofobicamente fechada em sua existência de mulher, e é justamente esta existência de mulher que ela deseja negar.

Sofia se mostra presa no interior de uma constelação edípica arcaica e se julga capaz de atacar os seus pais se emergirem nela o prazer e os desejos sexuais, a sua feminilidade. Para ela era difícil enfrentar o crescimento, diferenciar-se e enfrentar os conflitos com a outra mulher: a mãe. O bloqueio no plano da constelação edípica pode estar ligado a um obstáculo na assunção da identidade e da identidade de gênero. Os desejos sexuais não podem ser reconhecidos, a não ser através dos sentimentos de culpa e de uma depreciação da feminilidade.

O ódio e os ataques dirigidos à mãe tinham como alvo a feminilidade, a condição a qual se sente indissolúvelmente



ligada e condenada e que, por consequência, ataca e gostaria de apagar, uma destruição da figura feminina, seja enquanto função, seja enquanto destino (Ferrari, 1996).

“Sinto vontade de me aproximar das meninas, mas tenho medo. Não sei o que acontece... quando vou às festas, me pego olhando mais para os meninos. Às vezes me pergunto: será que eu sou gay?” (Adriano, 17 anos).

Adriano, durante uma sessão, ao mirar um quadro no consultório do analista, fala:

“Aquele olho, ali no seu quadro, parece um rosto, tem um nariz, um traço que parece boca, mas não dá para saber se é homem ou mulher, aquele carinho ali sou eu...”.

“... Eu sinto que falta alguma coisa dentro de mim e eu não consigo entender...”.

Adriano procurou análise em virtude de sentir muita angústia e desespero por estar tendo ideias de ser penetrado por homens, o que lhe deixava em dúvida sobre sua sexualidade e gerava grande medo persecutório de que pudesse verbalizar



seus pensamentos e ser ridicularizado pelos amigos e pela família. Filho de pais separados tinha uma relação difícil com o pai não se sentia amado e reconhecido por este. Com a mãe tinha uma relação de ódio e amor intensos, uma relação sem limites, brigavam e se agrediam mutuamente, mas por outro lado Adriano confessava “não existir sem ela”.

Seus 2 primeiros anos de análise foram marcados por dificuldades de tolerar os limites do setting, como horários de início e término das sessões, feriados, férias do analista. Toda separação era sentida com muita agressividade, gerando reações violentas e atuações dentro e fora do setting, e contratransferencialmente provocando muita desesperança e desânimo no analista. As supervisões foram clareando a tentativa do paciente de manter uma relação indiferenciada com o analista. A projeção maciça de angústias e destrutividade no analista provocavam neste, sonolência e cansaço durante e após as sessões.

Ao longo da análise Adriano revelou que sofria impotência sexual, o que reforçava suas dúvidas sobre a masculinidade e incrementava sua fantasia onipotente de ser criança, não ser responsável, não precisar de limites e não crescer.



“Não posso ir para locais abertos como multidão, pois as humilhações são muito fortes, estou internado na minha própria casa, que sofrimento desgraçado! Não aguento mais! Estou à beira de um suicídio...”

Esses fragmentos da fala de Adriano retratam sua gradativa percepção da realidade e o contato com ele mesmo: *“Como vou me suportar? Eu não quero viver minha vida, eu quero viver a vida de outra pessoa, parece que falta tudo em mim...”*

“Sabe de uma coisa que eu percebo, que quando eu estou só eu percebo melhor minhas mudanças, não é uma viagem? Mas não quero ficar só, posso entrar em choque”

“Eu me esforço, mas não acredito que possa mudar, não tenho fé”.

Aprisionado numa relação simbiótica com a mãe, Adriano não pode vivenciar a triangulação edípica, individualizar-se, crescer. Sem a representação interna de uma figura materna e paterna que cumpram as funções de conter e lidar com a dor, e



de figuras de identificação, faltava a Adriano referenciais inclusive sobre as diferenças sexuais.

Como ressaltam diversos autores contemporâneos, especialmente Britton (1988), a aceitação dos pais como casal sexual, separados da criança, e com sua relação exclusiva própria, é um dos aspectos mais difíceis de serem elaborados no complexo de Édipo e o fracasso dessa elaboração está na raiz dos distúrbios de identidade sexual e de diversas formas de psicopatologia.

Adriano não tinha amigos e tinha medo de relacionar-se com as meninas. Além dos conflitos de identidade sexual, o próprio sentimento de identidade subjetiva estava ameaçado.

“O problema da identidade vai muito além da identidade de gênero; identidade entendida como reconhecer-se um ser entre os seres, processo para o qual concorrem vários elementos, junto com peculiares características biológicas e psíquicas, que nos acompanham no curso de nossa vida”. (Ferrari, 2000)

A estruturação da identidade comporta em ambos os sexos um aumento da agressividade e da destrutividade. O adolescente enfrenta a culpa e a perseguição ligados a



constelação edípica (Ferrari 2000). Quando ocorre a separação dos pais os filhos de ambos os sexos deverão enfrentá-las em relação ao genitor que ficou sozinho. A definição de sua identidade torna-se assim mais complexa, há como escapatória a solução de comportamentos homossexuais.

As fantasias de Adriano de uma mãe fálica e pais confusos evocavam as imagens parentais distorcidas. Os fantasmas inventados por ele se relacionavam com o ódio e a destrutividade interior, com fantasias de morte “Não aguento mais! Estou à beira de um suicídio”.

Gradativamente foi possível ao analista conter as angústias e sensorialidades primitivas do paciente e através da função *reverie* (Bion, 1966) transformá-las em emoções e pensamentos.

Bion (1962, 1965) sugere que o psicanalista se ofereça ao paciente como um receptor continente, capaz de acolher e transformar as emoções intoleráveis do paciente em pensamentos, capaz de pensar o que se encontra no limiar pensável do paciente.

O êxito da transformação da emoção dolorosa intolerável (emoção não significada) numa emoção tolerável e pensável



dependerá, portanto, de acordo com esse modelo, das qualidades transformadoras da mente do analista (capacidade de *reverie*, função α) e do tipo de relação que se estabelece na dupla analista-analisando.

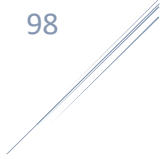
REFERÊNCIAS

- Aberastury, A. Knobel, M. (1991). *Adolescência Normal*. Porto Alegre, Artes Médicas.
- Bion, W. R. (1962). *Uma Teoria do Pensar in Estudos Psicanalíticos Revisados*. Rio de Janeiro. Imago, 1994.
- Bion, W. R. (1962). *Aprendendo com a Experiência*. Rio de Janeiro. Imago, 1991.
- Bion, W. R. (1965). *As Transformações*. Rio de Janeiro. Imago, 1991.
- Birman, J. *Marcas Identitárias in Revista Viver Mente e Cérebro - O Olhar Adolescente*, nº 1. Duetto.
- Bloss, P. (1979). *Transição Adolescente*, Porto Alegre, Artes Médicas.
- Brunswick, R. M. (1940). *The Preodipal phase of libido development in Bloss, P. Transição Adolescente*.
- Deutsch, H. (1944). *The psychology of woman in Bloss, P. Transição Adolescente*.
- Ferrari, A. B.; Stella, A. (2000). *A Aurora do Pensamento*, São Paulo, ed. 34.
- Ferrari, A. B. (1995). *O Eclipse do Corpo Uma Hipótese Psicanalítica*. Rio de janeiro. Imago.
- Ferrari, A. B. (1996). *Adolescência - Segundo Desafio*. São Paulo. Casa do Psicólogo.
- Ferrari, A. B. (2004). *Vida e Tempo Reflexões Psicanalíticas*. São Paulo. Casa do Psicólogo.



- Freud, S. (1905). Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade in Obras Completas, vol. VII, Rio de Janeiro. Imago, 1989.
- Freud, S. (1933). Feminilidade in Obras Completas, Vol. XXII, Rio de Janeiro. 1989.
- Freud, S. (1925). Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos in Obras Completas vol. XIX, Rio de Janeiro Imago, 1989.
- Grinberg, L. R. (1993). Identidad e Cambio. Buenos Aires. Paidós.
- Horney, K. The Flight from Womanhood in McDougall - As Multiplas Faces de Eros.
- Kestenberg, J. (1968). Outside and Inside, male and female in McDougall - As Multiplas Faces de Eros.
- Klein, M. (1945). O Complexo de Édipo à Luz das Ansiedades Arcaicas in Obras Completas, Vol. III.
- Lichtenstein, H. (1961). Identity in Sexuality in McDougall - As Múltiplas Faces de Eros.
- McDougall, J. As Multiplas Faces de Eros. São Paulo. Martins Fontes, 1997.
- Stoller (1968). Sex and Gender in McDougall - As Multiplas Faces de Eros.





CAPÍTULO V



O HOMEM DOS RATOS: UMA ANÁLISE DAS TEORIAS E TÉCNICAS PSICANÁLITICAS

Geraldo Jorge Barbosa de Moura¹; Letícia Costa Moura²;
Roberta Míriam Barbosa de Moura³; Renata Baltar da Silva⁴

¹Analista Associado da Sociedade Psicanalítica do Recife-SPRPE. Pós-doutor em Comportamento pela Universidade do Porto-Portugal. Professor e Pesquisador da UFRPE. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq-1D. Titular da disciplina "Psicanálise e Ensino" do Doutorado da Rede Nordeste de Ensino-RENOEN.

²Psicóloga em Formação pelo Centro Universitário Franssinetti do Recife-UNIFAFIRE. Bolsista de Iniciação Científica-PIBIC da UNIFAFIRE. Estágio em Psicologia no IMIP, Hospital Alfa-SES e Canto do Brincar-SES. Aluna do Espaço Freud da Sociedade Psicanalítica do Recife-SPRPE.

³Analista em Formação pelo Círculo Psicanalítico de Pernambuco-CPP. Fisioterapeuta especialista em Fisioterapia Cardiorespiratória de UTI. Intensivista do Real Hospital Português e do Hospital São Marcos.

⁴ Aluna do Espaço Freud da Sociedade Psicanalítica do Recife-SPRPE. Fisioterapeuta, Mestre em Patologia e Doutora em Ciências Médicas. Intensivista do Hospital das Clínicas da UFPE-EBSERH e do Agamenon Magalhães-SES.

RESUMO

O Homem dos Ratos, pseudônimo de Ernst Lanzer (1878-1914), representa um extraordinário caso clínico atendido por Freud entre outubro de 1907 e julho de 1908 que coloca luz em teorias e técnicas ainda em construção na recente psicanálise, trazendo à tona questões sobre diversos aspectos, a exemplo da fase anal do desenvolvimento psíquico-sexual humano, erotismo infantil, deslocamento, negação, transferência, ambivalência das pulsões e principalmente sobre a etiologia das neuroses obsessivas. Resumidamente, o caso se refere a um jovem advogado que apresentava como principal distúrbio o medo de que algo ruim ocorresse com as pessoas que lhe são caras, especialmente seu pai e uma dama que muito admirava. Esse temor que o apavorava decorre da ambivalência de sentimentos que nutria principalmente por essas duas pessoas que estão sempre no centro da sua neurose obsessiva, geralmente associados a fantasias com



ratos, o que justifica o nome do caso. Destacamos que este relato representa o único caso bem-sucedido de Freud, o seu primeiro paciente que realmente teve “êxito” a partir da análise conduzida através da sua técnica psicanalítica de “associação livre” que, embora ainda estivesse em aperfeiçoamento, se mostrou bastante eficiente como teoria e técnica na elucidação deste caso.

Palavras-chaves: Neurose obsessiva; Fase anal; Erotismo infantil; Deslocamento; Ambivalência das pulsões.

O caso clássico “O Homem dos Ratos” refere-se à experiência clínica de Freud ao atender Ernst Lanzer durante aproximadamente dez meses, entre outubro de 1907 e julho de 1908 que, resumidamente, o procurou por apresentar pavor resultante de ideias fixas de que acontecimentos ruins poderiam fazer mal às pessoas que lhe são caras.

Freud passou cerca de um ano em processo de construção textual deste caso, sendo publicado apenas em 1909, como exemplo didático de um caso bastante elucidativo das neuroses obsessivas (Freud, 1996a). Foi publicado inicialmente como “Notas Sobre Um Caso de Neurose Obsessiva” e apresentado por Freud em quatro congressos subsequentes da Sociedade Psicanalítica de Viena (dois em 1907 e dois em 1908) e no primeiro congresso psicanalítico internacional em Salzburgo (27 de abril de 1908) que muito o ajudou a disseminar a



psicanálise no início do sec. XX. Freud, nesta ocasião com cinquenta anos de idade, fazendo uso da sua maturidade como analista e pesquisador, usou as suas interpretações desse caso como exemplos de suas teorias sobre a fase anal do desenvolvimento psíquico-sexual humano, erotismo infantil, negação, deslocamento, transferência, ambivalência das pulsões e, principalmente, sobre a gênese das neuroses obsessivas (Gale, 2005).

É o segundo caso clínico publicado por Freud, um pouco após o famoso caso Dora que foi publicado em 1904 (Freud, 1996b), isto é, desconsiderando os casos de histeria publicados no final do século XIX. É o primeiro caso com uso exclusivo do método/técnica mestre da psicanálise proposta por Freud, “associação livre versus interpretação do discurso multimodal do paciente” (Freud, 1996a) que, embora ainda estivesse em testes e aperfeiçoamento, mostrou-se robusta e promissora a partir da elucidação deste caso.

Segundo Mezan (1998), a grande questão da neurose obsessiva que vem à tona a partir do caso “O Homem dos Ratos” refere-se ao que se faz com o ódio em relação a ambivalência dos sentimentos. No decorrer do desenvolvimento deste



trabalho todos entenderam o porquê e a importância dessa citação de Mezan.

Ernst Lanzer, protagonista do caso “O Homem dos Ratos”, no dia 1 de outubro de 1907, com 29 anos, procurou Freud alegando queixas típicas de transtorno obsessivo-compulsivo (TOC). De forma inusitada, ele narra logo em sua primeira sessão alguns dos sintomas que o aflige, um pouco da sua história familiar e um fato que explica o porquê do pseudônimo homem dos ratos, fatos que passaram a ser melhor entendidos por Freud ao longo do desenrolar das sessões, aqui discutidos posteriormente. Esse primeiro contato com Ernst deixou Freud bastante entusiasmado para atendê-lo nas sessões subseqüentes, pois embora não esteja escrito em seus relatos, podemos especular que a genialidade de Freud enxergou nesse caso uma oportunidade para exemplificar algumas de suas teorias e conseqüentemente aumentar a credibilidade da psicanálise no início do século XX, período ainda de muitos ataques e divergências ideológicas a esta ciência (teoria e método-técnica) ainda em fase de organização.

Em relação aos principais sintomas que levaram Ernst ao consultório de Freud, podemos destacar alguns núcleos principais, percebidos e relatados por Ernst ou detectados por



Freud no decorrer das sessões: a) pavor resultante de ideias fixas de que ratos selvagens ou perigos inimagináveis pudessem causar algum mal às pessoas que amava, em especial a seu pai e a uma moça pela qual sempre foi apaixonado; b) recorrentes ideias suicidas, a exemplo dos desejos constates de cortar os pulsos ou a garganta com uma lâmina ou se afogar, como forma de fugir da angústia que o atormentava diariamente, angústia essa ligada a necessidade compulsiva e escravizaste de realizar rituais com o intuito de livrar as pessoas que ama de possíveis riscos ao seu bem-estar; c) gosto por funerais e ritos de morte; d) masturbação consciente tardia, iniciando a prática masturbatória genital a partir de 20 anos de idade e vivenciando sua primeira relação sexual apenas com 26 anos, ambas as experiências sempre seguidas de grande culpa e angústia; e) por ocasião de tempestades, ao ver um raio, parava todos os afazeres para contar o tempo transcorrido em segundos até o barulho do trovão, fazendo uma estimativa dos períodos de tempo acumulados entre os relâmpagos e os trovões que presenciava compulsivamente desde o final da sua adolescência; f) dividia palavras em sílabas e associava essas sílabas a seus significados em diferentes idiomas; g) frequentemente para se livrar de pensamentos obsessivos repetia orações específicas



diversas vezes e em alta velocidade, a exemplo de “Gisela amém, Giselamém...Giselamém...Giselamém...Giselamém...”; h) fantasias de que estava sendo chamado pelo pai falecido durante as noites; i) necessidade de constatar a presença do seu pênis ligada ao corpo, com receio frequente da possibilidade de perdê-lo; j) medo e pavor de ser rotulado pela sociedade, em especial pelos seus colegas de trabalho, como uma pessoa desonesta; k) fixação com a expressão e simbologia associada a “RATOS”, construindo discursos que apresentavam algumas palavras substituídas por essa expressão (ratos).

Alguns desses sintomas derivam da ambivalência de sentimentos, do sentimento de culpa e da necessidade de evitar seus medos fantasmáticos ou reais, o que configura o transtorno obsessivo compulsivo. Essas compulsões e obsessões já estavam prejudicando a sua vida social e profissional, o que o motivou a se colocar aos cuidados analíticos de Freud.

Ernst Lanzer (1878-1914), advogado nascido em Viena, é o quarto de uma família judaica de sete filhos, seus pais eram da classe média alta e frequentavam sempre eventos da alta sociedade vianense. Embora ele fosse considerado um profissional bem-sucedido e um rapaz dotado de grande



capacidade intelectual, concluiu a graduação tardiamente aos 29 anos, passando nove anos para concluir o curso de direito, um período bem acima da média para os estudantes da época que se formavam em direito no máximo após 5 anos de universidade.

Ernst ressalta que sua mãe pertencia a uma família tradicional bastante rica, porém sem mais detalhes, especialmente no que se refere a forma com que se relacionava com a mãe, isso durante todos os dez meses de análise, podemos dizer que a mãe dele nunca foi protagonista de nenhuma história trazida por ele ao divã.

O mesmo não podemos afirmar sobre seu pai, que ocupa um lugar central nos relatos de Ernst. Ele era um homem com excelentes qualidades para a sociedade da época, suboficial do exército e conservador, embora eventualmente extremamente repressor e violento. Vale ressaltar que sempre foi viciado em jogos, perdendo grandes montantes de dinheiro seu e da companhia que trabalhava em apostas, fato que o deixou com uma péssima reputação entre seus colegas militares, em especial com as pessoas que lhe emprestavam dinheiro e ele não conseguia honrar os pagamentos. No que se refere a sua interação com Ernst, desde que não tivesse relação com



sexualidade de qualquer tipo era amigável, porém o seu pai sempre se colocava como um grande obstáculo ao desenvolvimento de sua vida erótica o que desencadeou uma série de situações tensas e traumáticas para Ernst, e mesmo diante de todas as situações turbulentas, Ernst demonstrava muita admiração pelo pai, e sempre tinha fotos dele na carteira, que inclusive foram apresentadas a Freud durante uma das sessões.

Vamos constatar, à medida que acessamos novos aspectos desse caso, que Ernst reprimia um grande ódio pelo seu pai desde criança, e em oposição ao amor que julgava obrigatório sentir pelo pai, passa a alimentar o núcleo da neurose obsessiva, uma vez que cada temor é um desejo reprimido que atribui veracidade do oposto. A culpa gerada por esses sentimentos antagônicos se manifesta, às vezes, através do desejo de Ernst pela morte do seu pai, o que gera instantaneamente muita culpa que, como uma bola de neve, cresce e torna-se cada vez mais destruidora.

Em análise Ernst relata uma brincadeira recorrente que sua mãe sempre fazia com seu pai, destacando que seu pai tinha uma queda pelo mundo desprivilegiado e de poucas posses, pois segundo ela, ele havia sido apaixonado por uma moça pobre que



morava na vizinhança da sua casa quando solteiro. O pai nega essa história e reafirma que sempre foi apaixonado pela mãe de Ernst. O fato é que lembranças dessa história, por identificação ou não, sempre estiveram na mente de Ernst, o que pode explicar ou não (fantasia de Ernst) a aparente irritabilidade ocasional do seu pai.

Ainda na temática de relacionamentos amorosos com final triste, Ernst relata em análise que desde os doze anos foi apaixonado por Gisela Adler, uma bela jovem de família com poucas posses pela qual cultivou nobres sentimentos desde a adolescência, sentimentos que foram motivo de grandes conflitos familiares, uma vez que seu pai não aceitava o seu relacionamento com Gisela e exigia que, assim que Ernst se formasse como advogado, se casasse com uma jovem prima de sua esposa, de família rica, para assim aumentar o patrimônio da família. Ernst destaca que, segundo sua mãe, o seu pai viveu situação similar, pois quando jovem também foi apaixonada por uma linda dama da sociedade vianense, porém foi obrigado pelo seu pai a esquecê-la e a se casar com uma mulher rica que se tornou, não se sabe a que preço pago pelo seu pai, a mãe de Ernst.



Diferente do pai quando jovem, Ernst revolta-se e não aceita esta imposição e a partir desse desacordo é travada uma batalha parcialmente velada de pai e filho. Porém, para surpresa de Ernst, Gisela afirma não ter interesse nele e que seu coração está à espera de um grande amor, o que o deixou tomado de raiva e decepção. A conjuntura resultou num grande afastamento temporário do casal, pois eles ficaram anos sem manter contato. Uma questão que também contribuiu para Ernst aceitar a separação, foi o fato de Gisela adoecer seriamente e ter que fazer uma histerectomia parcial, ou seja, retirar o útero, tornando-se estéril e assim o possível casamento indesejado já estaria fadado a não gerar herdeiros, o que enfraqueceu fortemente os argumentos de Ernst para continuar tentando convencer seu pai e família a apoiar seu casamento com Gisela. Desta forma, eles se afastaram, até porque esse era o desejo de Gisela na época.

Freud acredita que a forte repressão/castração/dominância exercida pelo seu pai na infância, adolescência e início da fase adulta de Ernst, lhe trouxe diversas consequências ao desenvolvimento saudável do seu aparelho psíquico. E, logo após a morte do seu pai devido a um enfisema, em 1895, Ernst que estava dormindo foi avisado rapidamente e



veio correndo para o lado de seu pai. Por essa ocasião Ernst tinha 17 anos e começou a desenvolver uma série de sintomas bastante elucidativos do caso, a exemplo de um certo gosto por ideias suicidas, funerais e ritos de morte, acompanhados de uma culpa permanente, ao ponto de se intitular um criminoso pelo fato de ter escolhido ir dormir em seu quarto e não ter ficado ao lado do seu pai por ocasião de sua morte.

Em uma das interpretações apresentadas por Freud, ele ressalta que a demora de Ernst para concluir o curso de direito tem forte relação com o casamento prometido com a prima rica após a sua formatura como advogado. Pois desde sua adolescência se discutia, ainda com a participação do seu pai, que Ernst se casaria com uma prima rica assim que concluísse o curso de direito, e como esse casamento não fazia parte de seus planos, ele tentou inconscientemente ou não o boicotar. Surpreendentemente Ernst não questionou essa ideia de Freud, como costumava fazer após todas as suas interpretações.

Outro sintoma de muita significância é que ele pressentia e escutava fantasiosamente o seu pai, mesmo já falecido, o chamando e vindo visitá-lo durante as noites em que ficava estudando até tarde. Em sua fantasia, o pai batia na porta da casa e todas às vezes ele se dirigia para abri-la com a certeza



de que o pai estava lá, sempre retornava obviamente sem falar com o pai. O que o faria se deparar com a realidade negada, que é a ausência concreta do pai. Essa tentativa de buscá-lo gerava mais sofrimento, pois a cada angústia por constatar a ausência ele sofria uma nova perda do pai.

Esta situação repetitiva o deixava tão apavorado que, ao voltar para o seu quarto em busca de tentar dormir, passava por um grande espelho e se despia para constatar se seu pênis ainda estava no lugar de origem, pois alegava muito medo de perdê-lo e ao constatar a presença do pênis, se masturbava, às vezes mais de uma vez consecutiva, em busca de aliviar a tensão constante que sentia compulsivamente. A presença fantasiosa do pai lhe arremetia medo de perder o pênis ou medo de perder sua funcionalidade normal e conseqüentemente a capacidade de sentir prazer, a exemplo da capacidade de ereção, e tornar-se incapaz de se relacionar com as mulheres. Fazendo alusão a posição que seu pai sempre ocupou de se interpor entre ele e o gozo, em especial o gozo erótico-genital.

Essa passagem relatada é ideal para percebermos a dualidade de sentimentos que Ernst cultivava pelo pai, pois ficar estudando até certas horas da noite tem o intuito inconsciente de agradá-lo e, quando o pai vem durante sua fantasia



reconhecer seu esforço e parabenizá-lo, a fantasia não se concretiza. O ódio que o liga ao pai por sempre ter se colocado como um obstáculo ao seu desenvolvimento sexual também mobiliza muita energia inconsciente e ele extravasa observando seu pênis e se masturbando no espelho, constatando o fracasso do seu pai em relação a castrá-lo de prazeres sexuais, o que finaliza gerando muita culpa e angústia por cultivar tanto amor e tanto ódio pela mesma pessoa, sendo um dos núcleos mais fortes e evidentes de sua neurose obsessiva.

Outro núcleo de ambivalência de sentimentos se forma em relação a Gisela, a senhorita que Ernst ama desde criança e o fez brigar com toda a família em função desse amor, até então não correspondido. Ela o despreza quando adulto em detrimento de outro homem que ainda nem existe, que ela acredita estar por vir. Experiências que geram a mesma dualidade de sentimentos que vivencia em relação ao pai, ou seja, o sentimento de amor e ódio pela mesma pessoa.

Em relação a detalhes pontuais do convívio de Ernst e Gisela, dois fatos merecem atenção para ilustrar o fio condutor de suas ideias neuróticas. Corresponde a um passeio de barco que Ernst fez com Gisela no final de uma tarde fria. Ernst por julgar que estava esfriando sugeriu que Gisela usasse um



chapéu para se proteger do frio, Gisela se recusou e ele a obrigou e, com grande rispidez, colocou o chapéu em sua cabeça para ela não adoecer, a fazendo chorar e criando uma maior distância entre eles.

Outra passagem que podemos destacar é quando Ernst aguarda Gisela chegar de carruagem e observa uma pedra na rua, associando logo a uma cadeia de acontecimentos ruins que podem ocorrer com Gisela, desde ela cair da carruagem e até morrer. Assim, ele tira a pedra e se depara com as ideias de que estava exagerando e que esse medo não tem fundamento e coloca a pedra novamente no local, desta vez é tomado pelas ideias de que se algo acontecer, não é porque tinha uma pedra no meio da rua, mas sim porque ele a colocou e assim se torna o causador do acidente, o que o faz retirar novamente a pedra. Esses casos exemplificam de forma bastante didática a posição de Gisela, que a coloca junto com o pai, no centro dos pensamentos neuróticos de Ernst.

Ernst relata um fato bastante elucidativo em uma das sessões, conta que quando criança sempre tinha o desejo de matar seu irmão, destacando que durante uma das brincadeiras se realizou com uma espingarda de brinquedo que usou para atirar na cabeça do seu irmão. Embora nada tenha acontecido,



essas lembranças sempre o perseguiram e ele se culpava pelo desejo e principalmente pelo prazer em executá-las, pois cultivava bons sentimentos para com o irmão. Colocando o irmão na mesma condição do pai e de Gisela, no centro de seus pensamentos neuróticos, porém de forma menos intensa comparado ao pai e Gisela.

Outro relato que ele traz para análise e que merece destaque aqui para posteriormente entendermos a interpretação analítica do caso, são duas surras que ele levou do pai quando criança. A primeira foi quando o pai o flagrou supostamente se masturbando. Supostamente porque, segundo Freud em nota de rodapé da publicação original, nem Ernst, nem a mãe lembravam conscientemente do real motivo dessa primeira surra. A segunda foi fruto dele ter mordido sua babá, Ernst não lembra, mas desta vez sua mãe conta com detalhes a história da esquecida mordida.

Ao narrar os fatos, Ernst exterioriza uma frase dita pelo pai por ocasião da segunda surra após Ernst xingá-lo ingenuamente pelos mais diversos nomes de objetos domésticos (“guardanapo”, “lâmpada”, “mesa”, “cadeira”, etc...), “ou esse menino será um grande homem ou será um bandido”. Ernst, tomado por medo de se tornar um marginal, passa a vida



lutando realisticamente e fantasmaticamente através de suas neuroses obsessivas para se tornar um homem de bem.

Durante algumas sessões de análises, Ernst xinga Freud por discordar de algumas das suas interpretações, porém logo em seguida se arrepende, se enche de culpa e pede para ser punido por ele como penitência. Como sempre fez, consciente ou inconsciente, quando o pai o contrariava e eles entravam em conflito. O que representa mais um dos núcleos desencadeadores de sua neurose obsessiva, associado sempre a pessoas que ama, a exemplos marcantes de seu pai, Gisela e um dos seus irmãos, a culpa pelas suas ações do passado, a reparação e proteção excessiva do presente e do futuro, evidenciando uma oscilação típica da alternância entre a posição esquizoparanóide e a posição depressiva segundo afirma Klein em 1932 (Klein, 1997).

Em sessões sucessivas, Ernst relata fatos que evidenciam um despertar precoce da sua sexualidade contida pelas figuras de autoridade, a exemplo de quando ele tinha de quatro a cinco anos, e a governanta de sua casa, Senhorita Fräulein Peter, após um acordo de segredo e sigilo total, deixou que ele entrasse embaixo de sua saia e tocasse seus órgãos genitais. Essa experiência foi um marco na vida de Ernst, pois a partir



desse momento ele passou a ter um interesse avassalador pelo corpo feminino. Uma outra governanta tinha o costume de trocar de roupa em frente a um espelho e ficar admirando seu corpo o que deixava Ernst extremamente curioso e obcecado pelos corpos das mulheres.

Ernst, em análise, relata que a partir dos seis anos tinha ereções incontroláveis e desconcertantes fruto de imaginações relacionadas a mulheres reais ou imaginárias, o que sempre foi fortemente combatido pelo pai, a exemplo da possível primeira surra relatada anteriormente. Toda essa problemática era vivida com a impressão de que seus pais poderiam acessar seus pensamentos e que essa desobediência, pelo menos mental, uma vez que ele não controlava os seus pensamentos e desejos, poderia resultar em acontecimentos ruins, a exemplo da morte do seu pai.

No que se refere a explicação do porquê do seu pseudônimo, vale destacar que durante treinamentos militares fruto de uma possível guerra que se anunciava, Ernst estava em um campo de concentração e escutou uma história de seu superior, um capitão bastante agressivo (Sr. Novati), que muito repercutiu no seu equilíbrio psíquico. A história refere-se a um ritual de tortura muito utilizado nas guerras com os soldados



mentirosos do próprio pelotão, ladrões e soldados adversários capturados para se acessar as informações desejadas. A técnica consiste em se pegar um homem despido, colocá-lo no chão em decúbito ventral e amarrar suas pernas e braços bem abertos e esticados para evitar movimentação. Em seguida se coloca um balde com a abertura voltada para as nádegas do homem amarrado e calmamente se coloca ratos selvagens e famintos dentro de balde. Após se colocar vários ratos, se aquece o fundo do balde que está para cima e os ratos entram em desespero, desta forma eles tentam sair e acabam mordendo as nádegas e forçando uma entrada no ânus do homem torturado.

Após Ernst escutar o ritual de tortura apresentado pelo capitão, passou a lembrar de forma frequente que seu pai e os funcionários da casa que morava quando criança encontravam ratos e os matavam a paulada, especialmente batendo na cabeça ao ponto de quebrar e abri-la. A cadeia associativa neurótica de Ernst ligou essas ideias as surras que levou do pai quando criança e ele se sentia esse rato que era esfolado vivo, se reconhecendo como uma pessoa suja, asquerosa, que furioso poderia morder e digna apenas de morrer, como os criminosos da época que também eram mortos por pauladas



nas guerras. E ele culminava a associação de ideias lembrando-se da expressão que o pai falou por ocasião de uma das surras: “ou esse menino será um grande homem ou será um bandido”, constatando de forma fantasmática que sempre foi um criminoso, por isso as surras, e associando qualquer pensamento ou postura menos digna a figura dos ratos, a exemplo das pessoas que não pagavam suas dívidas, ladrões, adúlteros e criminosos em geral (Freud, 1996a).

Essas histórias narradas por Ernst lhe assombravam há vários anos, pois ele não parava de pensar, principalmente na possibilidade de seu pai e Gisela serem submetidos à tamanha atrocidade de tortura. Após esse relato, a sessão chega ao fim, e Freud se despede cheio de ideias e possibilidades para explicar a história em questão.

Complementando o entendimento da importância que a narrativa dessa técnica de tortura teve como fonte de significado simbólico para a neurose obsessiva de Ernst, merece destaque o fato de que quando Ernst resolve ir ao cemitério para colocar flores no túmulo do seu pai, se apavora ao ver um rato próximo, e sua cadeia de ideias neuróticas associou imediatamente a fantasia de que o rato estava se alimentando do corpo do seu pai, o que lhe gerou grande



angústia, crise de pânico e o deixou mais fixado ainda em realizar pensamentos e ações que evitem, ou seja, neutralizem essa fantasia.

Nas sessões subseqüente, Freud relembra o fato do pai de Ernst sempre ter apresentado um desvio de caráter em função do vício do jogo associado ao não pagamento das suas dívidas, o que sempre gerou vergonha na família e receio dele ser apanhado e maltratado pelos cobradores que as vezes eram agressivos, seja por apostas de jogo não pagas ou agiotas que lhe emprestavam dinheiro para jogar. O que permitia a Ernst comparar o pai a ratos e constatar que merece qualquer tipo de castigo por essa postura moralmente inadequada, o que culminava em grande medo e compromissos psíquicos para evitar que seu pai seja tratado como ratos.

Mesmo o pai estando morto, fato em negação, ele se preocupava continuamente com a possibilidade dele ou até mesmo de Gisela também serem pegos e torturados com a técnica dos ratos, o pai pelo desvio moral de conduta e Gisela por não ter escolhido construir uma família com ele. E mesmo conscientemente sabendo que o pai estava morto e Gisela bem distante, ele continuava com os mesmos pensamentos, os quais lhe colocavam num quadro neurótico obsessivo compulsivo,



pois ele estava escravo de rituais que mentalmente evitassem que pessoas que lhe eram caras, especialmente o pai passasse por situações desfavoráveis. Essa história foi fruto de interesse de Freud por várias sessões, e embora o enredo pudesse mudar, o pano de fundo era sempre o mesmo.

Uma outra questão que merece destaque é a história dos óculos que Ernst encomendou através de mensagem por telégrafo do campo de concentração. A empresa mandou no dia seguinte, tendo sido recebido por um colega que repassou para o capitão, o qual entregou em mãos. Ernst agradeceu e embora soubesse da resposta, perguntou a quem deve reembolsar o valor pago pelos óculos, após receber a informação do seu superior de que os óculos foram pagos pelo Tenente Alex, foi tomado por frações de segundo pela ideia de não pagar ao Tenente Alex o valor devido e ter a vantagem de não gastar esse dinheiro, o que lhe gerou muita culpa associada as lembranças de que o pai não efetuava com honestidade o pagamento das suas dívidas. Desta forma, foi desesperadamente em busca de sanar sua dívida.

Ao encontrar o Tenente Alex, constatou o que já havia suspeitado, que ele não tinha efetuado o pagamento dos óculos, pois quem cuida do recebimento é o Tenente Brown. Em busca



de encontrar o Tenente Brown, não aguantava os pensamentos que lhe assombravam a mente, pelo fato fantasioso de não poder pagar o débito e alguém da sua família, em especial seu pai ou Gisela ou seu irmão serem presos e até torturados com a técnica dos ratos por ele não ter efetuado o pagamento dos seus débitos.

Ao encontrar o Tenente Brown, constatou o que também já suspeitava, que ele não tinha realizado o pagamento, e deduziu o óbvio que estava sendo negado por ela. Ou seja, o pagamento foi realizado pela moça dos correios que recebe inicialmente todas as encomendas e que, por sinal, flertava com Ernst desde que se conheceram, o que não o deixava tranquilo devido ao compromisso fantasioso que ele insistia em manter com a Gisela, ele considerava qualquer pensamento sobre isso uma traição a Gisela, embora essa traição agradasse seu pai que gostaria que ele se afastasse de Gisela e se casasse com a prima rica supracitada.

Desta forma, para ele se livrar dos pensamentos atormentadores sobre a possibilidade de não pagar a dívida, resumidamente ele colocou o valor correspondente num envelope e encaminhou para a moça do posto dos correios, desta forma pagará o débito sem ter que encontrá-la. Todos



esses acontecimentos foram acompanhados de muita instabilidade emocional, pois ele também lembrava das dívidas que o pai tinha, e que nem mesmo após sua morte cobradores deixaram de incomodar seus familiares.

A fixação que Ernst tinha com a “história dos ratos” e ratos em geral era facilmente perceptível em seu discurso livre, pois ele utilizava a palavra ratos em substituição a outras palavras, a exemplo de valores monetários, falando dois ratos no lugar de dois dólares, ou substituindo xingamentos ou palavras que agregam valor negativo aos nomeados por ratos, a exemplo de expressões como insultos morais.

No que se refere as ações de Freud como psicanalista responsável pelo caso, fazendo uma comparação entre a postura de Freud e o uso da técnica psicanalítica entre o “Caso Dora” (Freud, 1996b) e o Caso do Homem dos Ratos (Freud, 1996a), constatamos um Freud menos impessoal e mais acolhedor, assim como no que se refere a técnica da livre associação, um Freud também menos sugestivo, e interpretando primordialmente com base exclusivamente no discurso do paciente. O que mostra o amadurecimento de Freud e da técnica psicanalítica de associação livre (Monzani, 1989).



Uma questão que muito chama a atenção de todos é o fato de Freud procurar explicar a Ernst Lanzer conceitos da teoria e da técnica psicanalítica, a exemplo de transferência, deslocamento, resistência, repressão, entre outros. Também ressalto o fato de Freud fazer perguntas a Ernst e quando ele apresentava dificuldades para responder, seja por não lembrar da resposta ou por ser algo desconhecido, Freud solicitava que ele pensasse depois da análise ou conversasse com outras pessoas e trouxesse a resposta na próxima sessão.

O que ficamos nos perguntando é: quais eram os objetivos de Freud em oferecer durante a análise a explicação desses conceitos e deixar perguntas predeterminadas para serem respondidas a posteriori? Especialmente porque não é uma prática encontrada na literatura freudiana nem de nenhum teórico pós-freudiano (Etchegoyen, 1987). O que nos permite especular se não é mais um experimento de Freud durante o processo de aperfeiçoamento de suas ideias alternativas em relação a técnica da associação livre.

Vale destacar que, embora Freud não tenha comentado sobre seus objetivos frente a pergunta anterior, ele afirma nos seus escritos técnicos que essas estratégias não são válidas, porém sem explicação alguma. Podemos especular com base



em outros textos de Freud que, pela certeza das principais questões a serem resolvidas numa análise estarem associadas ao ID e a compreensão de conceitos estarem momentaneamente no EGO consciente, o domínio cognitivo de informações conteudistas não farão diferença no processo analítico (Freud, 1996c).

Merece ressalva “O Caso do Homem dos Ratos” por ser considerado o único caso bem-sucedido de Freud, ou seja, o primeiro paciente atendido por Freud que realmente teve “êxito” na análise, “curando-se” pelo menos no que se refere aos sintomas iniciais que o trouxeram para a análise, ao ponto de receber alta dos atendimentos de Freud.

Ernst Lanzer após concluir sua análise em julho de 1908 com 28 anos, se aproxima novamente de Gisela e com 30 anos (em 1910) se casam, construindo uma vida harmoniosa. Em 1914, por ocasião da primeira guerra, retoma sua posição no exército e morre em combate aos 34 anos.

Um aspecto que nos chama atenção, é o fato de Freud em nenhum momento do caso O Homem dos Ratos, ou em notas de rodapé de outros escritos, ou em suas palestras e conferências abordar o tema castração e complexo de Édipo associado ao



caso de Ernst Lanzer aqui discutido, embora seja evidente sua relação fruto da excessiva autoridade do pai marcada por uma alternância de ódio-amor (possivelmente sendo o complexo de Édipo como núcleo de toda neurose). A partir de 1910, percebemos nos escritos da obra freudiana uma universalização do Édipo e da castração, que nas publicações prévias a esse ano, a exemplo do “Caso Dora” e do “Caso do Homem dos Ratos”, não estava presente como teoria universal no discurso de Freud.

Por outro lado, Freud foi brilhante na detecção da relação das dívidas de jogo do pai com os ratos e com os conflitos da relação pai e filho, assim como com todos os sintomas iniciais do transtorno obsessivo compulsivo de Ernst, que após a interpretação de Freud recebida normalmente com muita discordância e agressividade, o que evidencia uma negação e a transferência feita do paciente para seu analista no que se refere a sua relação com o pai (Laplanche, 1998). Ernst julga que Freud faz uso de informações privilegiadas contadas por ele em análise para tentar manipulá-lo, como exemplo fantasioso, ele afirma que Freud manda sua filha ficar de forma sedutora na porta de sua casa no momento que ele chega para a análise, relato intercalado de insultos e muita agressividade para com



Freud. Em um momento de calma, Ernst relata que teve um sonho com a filha de Freud e a via com os olhos cheios de cocô de vaca.

Vale destacar que durante as sessões mais tensas, como as anteriormente citadas, Ernst tornava-se inquieto e levantava-se do divã, passando a andar compulsivamente pelo consultório. A partir dessas sessões mais conflitivas, Ernst melhora significativamente da escravidão mental decorrente da neurose obsessiva que o consumia mentalmente desde seus dezessete anos e, o melhor, reconhece essa melhora e a descreve para Freud.

Desta forma, podemos constatar que a única técnica utilizada por Freud neste caso foi a associação livre que se mostrou altamente eficiente, além deste caso ter sido um bom exemplo dos transtornos psíquicos relacionados à sexualidade infantil, em especial a masturbação infantil, embora nem Ernst, nem a sua mãe tenham relatado essa relação nos seus discursos.

Resumidamente, podemos ressaltar que a neurose obsessiva é apenas uma forma de retorno do reprimido, não através de conversão como observamos na histeria que se



manifesta através do corpo, mas pelo pensamento, através de cadeias associativas de ideias, que se liga o núcleo desencadeador da neurose, ou seja, no caso de Ernst a ambivalência de sentimentos opostos principalmente pelo seu pai e Gisela se conecta aos sintomas trazidos por ele. Afirma Freud em 1909: "Podemos considerar o recalçamento do ódio infantil contra o pai como o evento que colocou todo o seu modo de vida subsequente sob domínio da neurose", impossibilitando que o ódio se integre aos componentes amorosos, permanecendo desconectado da libido (Freud, 1996a).

Ou seja, em nível teórico podemos usar esse caso para conceber as neuroses como transtornos psíquicos sem substrato anatômico detectável. Estando sua sintomatologia relacionada a expressões simbólicas de um conflito intrapsíquico entre ideias fantasmáticas inconscientes associadas normalmente ao complexo de Édipo e as defesas que elas provocam, tendo como padrão raízes infantis (Freud, 1996a).

Inda sobre a estruturação das neuroses, as ideias suicidas de Ernst não são sintomas obrigatórios de depressão ou ansiedade como muitos erroneamente julgam ser, mais sim um sintoma da neurose obsessiva que o afligia, embora não exista



uma ligação clara desse sintoma com o núcleo clínico da neurose obsessiva ou histeria. Outro exemplo que ajuda a elucidar essa lógica é quando hoje falamos em frigidez, fibromialgia, anorexia, entre outras doenças psicossomáticas, normalmente tendemos a hipotetizar várias possíveis estruturações diagnósticas e, às vezes, a histeria pode ser esquecida, uma vez que o que liga o sintoma ao núcleo da neurose é uma cadeia associativa de ideias dinâmicas em constante ampliação, estando a lógica de ligação das ideias disponíveis apenas para o neurótico em questão ou não, uma vez que a essência desse fio condutor ideológico pode sim ficar restrito ao inconsciente (Roudinesco & Plon, 1998).

Desta forma fica evidente a importância histórico-clínica que o caso “O Homem dos Ratos” teve na estruturação e robustez da psicanálise Freudiana. Obrigado, Ernst Lanzer e Sigmund Freud por elucidar um pouco mais o misterioso e fascinante mundo do psiquismo humano.

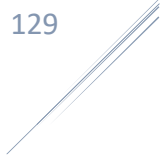
REFERÊNCIAS

- Etchegoyen, R. H. (1987). Fundamentos da Técnica Psicanalítica. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Freud, S. (1996a). Notas sobre um caso de neurose obsessiva. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud,



- vol. X. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1909)
- Freud, S. (1996b). Fragmento da análise de um caso de histeria. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1904)
- Freud, S. (1996c). O ego e o id. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923)
- Gale, T. (2005). 'Notes Upon a Case of Obsessional Neurosis' (Rat Man). International Dictionary of Psychoanalysis.
- Klein, M. (1997). A psicanálise de crianças (L. P. Chaves, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1932)
- Laplanche, J. (1998). Vocabulário da psicanálise. Trad. de Pedro Tamen. 3a. Edição. São Paulo: Martins Fontes.
- Mezan, R. (1998). Escrever a clínica. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Monzani, L. R. (1989). Freud: o movimento de um pensamento. Campinas: Editora da UNICAMP.
- Roudinesco, E.; Plon, M. (1998). Dicionário de Psicanálise. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar.





CAPÍTULO VI



SOBRE A INTERPRETAÇÃO E O TRABALHO DO NEGATIVO: UM ENSAIO

Tiago Durães Araújo¹

¹Psicanalista, membro associado da SPRPE.

RESUMO

O trabalho faz uso do conceito de trabalho do negativo, de autoria de André Green, para construir uma ideia de interpretação psicanalítica mais abrangente, que envolva a própria construção da identidade psicanalítica. Descrevem-se as vicissitudes do trabalho do negativo, no desenvolvimento do aparelho psíquico, relacionando-as ora com a formação plena da capacidade representativa, ora com seus distúrbios. Autores bionianos são referidos para fundamentar os conceitos de *reverie* e capacidade negativa do analista e formulações sobre o papel do trabalho do negativo para a estruturação desta capacidade são aventadas. Também fica enaltecido o lugar da interpretação na psicanálise, a partir de Fábio Herrmann, como o método psicanalítico em si, a provocar uma 'crise representativa' no analisando, sob a égide da propriedade negativa das representações e da inibição dos objetivos sexuais diretos das pulsões. A interpretação, então, põe para girar a roda das representações, antes engessada nas formas sintomáticas do analisando.

Palavras-chaves: Interpretação; *Reverie*; Crise de identidade.

O constante debate sobre a Interpretação, no decorrer da história da psicanálise, reflete seu papel central, para dizer o mínimo, dentro do estudo da teoria da técnica analítica. Compreendida como o instrumento fundamental de atuação do analista, seu conceito quase sempre se restringiu à ideia de



uma comunicação verbal sobre uma 'verdade psíquica' da qual, por ora, parecia alienado o analisando. Freud a definia como a revelação de um significado oculto, subjacente às manifestações dos pacientes, e cujo objetivo consistiria em tornar consciente o inconsciente. Mais recentemente, entretanto, a interpretação como um enunciado verbal da 'verdade' teve seu valor questionado por psicanalistas ditos 'subjetivistas', ao apontarem a relativização da noção de 'verdade' e o sentido de seus conteúdos guardarem íntima relação com a subjetividade de cada analista (Renik, 2000). Autores como Fábio Herrmann ainda outorgam lugar de relevância à interpretação, chegando mesmo a situá-la como o método psicanalítico em si (Herrmann, 2001), o que estende seus domínios para muito mais além da comunicação de enunciados verbais.

O presente ensaio se valerá de algumas reflexões acerca de leituras recentes em autores como Herrmann, Ignácio Paim, André Green e Bion, para defender a tese de que a interpretação é mais do que um ato do analista, senão a própria configuração de sua identidade psicanalítica, a qual restará transmitida para o analisando, ao término de uma análise. Os desenvolvimentos de Green sobre a questão do trabalho do negativo, assim como



produziram revisões e novas perspectivas a conceitos psicanalíticos clássicos, podem também ser tomados de empréstimo para repensar a interpretação em seus múltiplos vértices. Isso porque o trabalho do negativo parece sugerir uma construção teórica útil para fundamentar, do ponto de vista metapsicológico, o paradigma desta identidade psicanalítica e da própria psicanálise, enquanto método científico.

O trabalho do negativo

Paim, no seu livro *Metapsicologia: um olhar à luz da pulsão de morte*, advoga, ao considerar ideias de Hypollite, Hegel e Green, sobre a relevância da negatividade para a configuração de afirmações determinadas. Ele lembra que o homem ao se negar à predeterminação natural de seus destinos - negativa esta impossível às demais espécies animais - cria a condição de transformar a natureza e conformá-la segundo seus intentos. No aparelho psíquico humano, também a possibilidade de 'negar' se associa à promoção de um espaço vazio com potencial para a configuração de novas formas representativas. Paim chama a atenção ainda para a repressão, mecanismo mental estruturador de um mundo interno de representações que, como se aprendeu de Freud, ao mesmo tempo expressa e barra a descarga libidinal pela via da construção simbólica



(Paim Filho, 2016). A repressão congrega, pois, a afirmação do desejo sexual tanto quanto a sua negação nas famosas formações de compromisso simbólicas, os sintomas neuróticos por excelência. Aliás, Muniz de Rezende, ao tratar do simbolismo na obra bioniana, destaca uma propriedade dos símbolos denominada analogia, a qual determina que, se um símbolo é aquilo que representa, ele também 'não' o é (Rezende, 1993). Essa negativa traduz a ineficiência do símbolo em expressar o desejo sexual, que busca então novas formas de se fazer representar. O trabalho do negativo configura a condição para 'manter girando a roda de representações', ou seja, configura a condição para a própria capacidade de simbolizar em si.

Já quando o trabalho do negativo não se completa e a negativa se realiza insuficiente, falha o mecanismo de repressão e aquele espaço potencial do 'não', necessário à simbolização, se esmaga. Novamente Paim, em seus estudos sobre os primórdios do psiquismo, avança a hipótese de a negação suceder uma fase de 'expulsão', quando as experiências internas do bebê são projetadas externamente nos objetos (Paim Filho, 2016). A ideia remete à Melanie Klein e seu conceito clássico de identificação projetiva. Impedida a negativa,



os objetos externos se encarnam dos atributos projetados pelo sujeito e passam a funcionar como 'a coisa em si' – as equações simbólicas de Segal (Segal, 1957) – ao invés de ganharem representação no espaço interno psíquico. Os objetos ficam rígidos, estereotipados, condenados a repetir compulsivamente os papéis que lhes são outorgados, se a eles falta o 'não' característico das representações simbólicas mentais.

Parece haver, de fato, uma correlação entre a insuficiência do trabalho do negativo e as relações precoces da criança com o seio materno. As limitações para o estabelecimento de um espaço interno da negativa podem se associar às dificuldades do bebê em tolerar o vazio deixado pelas ausências da mãe. Como parece propor Bion, no lugar de um não-seio, o bebê alucina um seio mau, que o protege das experiências dolorosas de separação às custas do não desenvolvimento do espaço potencial representativo (Zimmerman, 2003). Para escapar do 'vazio mortífero', Green sugere haver sempre uma necessidade de projetar exteriormente a existência de um objeto mau, um fenômeno comum nas chamadas 'patologias do vazio' (Green, 1975).

A instauração da negatividade no psiquismo depende, em sua origem, das relações primitivas objetais. É a mãe quem, no



exercício de sua propriedade de continência, incorpora os conteúdos expelidos pelo bebê, via identificação projetiva, faz uso de seu aparelho mental para elaborar esses conteúdos e, por fim, os devolve ao bebê com um 'nome' capaz de representar, no psiquismo incipiente infantil, a experiência projetada (Zimmerman, 2003). Graças à continência e elaboração maternas, a experiência 'nomeada', objeto de introjeção pelo bebê, já não carrega a mesma intensidade ameaçadora anterior que lhe havia motivado a projeção. Já congrega a marca do 'não' e, como símbolo, representa, mas não é a coisa representada. Da perspectiva da teoria pulsional, a ligação com o objeto, cuja comunicação primitiva se dá através de identificações projetivas pelo lactente, é fundamental para que a mãe 'desperte' a pulsão de vida que submeterá a pulsão de morte (Paim Filho, 2016). Tanatos constitui a grande ameaça à sobrevivência do bebê, nos primeiros instantes de vida, e sua submissão à Eros consiste em condição necessária à estruturação das vicissitudes da repressão e representação no aparelho psíquico. A marca do 'não' no mecanismo de repressão pode ser compreendida como um corolário da fusão entre as pulsões, contida no símbolo representativo.



A interpretação e o trabalho do negativo

À interpretação caberia, em consideração ao explanado até aqui, criar um contexto favorável ao desenvolvimento do trabalho do negativo e assim 'fazer girar a roda de representações'. O giro é o que permite ao analisando construir novas formas de representar a si e ao mundo exterior, modificando, aos poucos, o caráter rígido e estereotipado com que usualmente se percebia em sua realidade. Mais além dos enunciados verbais clássicos aprendidos desde Freud, embora sem negá-los, a interpretação demanda a adoção, pelo analista, de uma espécie de identidade particular, que constituirá o próprio contexto analítico e que acabará por ser transmitida ao analisando no término do tratamento. Bion, por exemplo, fornece um ponto de orientação para os analistas sobre essa identidade ao recomendar-lhes o exercício de uma disciplina pessoal que vise à busca de um estado psíquico 'sem memória e sem desejo' (Bion, 1967). Tal estado coloca o analista diante da atitude de 'não saber' previamente acerca do discurso do analisando. Deixa-o, de fato, no 'escuro', onde, segundo este autor, alguns fenômenos ficam mais perceptíveis, descartada a 'luminosidade ofuscante'. As formas prévias do saber podem, portanto, ofuscar a percepção do analista para fenômenos



novos, nunca antes percebidos. A condição de perceber novos fenômenos é a condição para a criação de novas representações mentais simbólicas. E essa condição de 'não saber' no contexto analítico, Bion denominou capacidade negativa do analista (Zimerman, 2003). Talvez seja ela um tipo de homólogo à noção de ausência ou de espaço potencial, em Green, necessários à construção de significados nunca antes pensados (Green, 1975). A capacidade negativa exige do analista uma atitude de fé e esperança no surgimento do 'novo' dentro do contexto analítico. Fé e esperança emergidas do trabalho do negativo, o qual rechaça a rigidez e a concretude das representações do analisando, sustenta a crença no 'não' das representações simbólicas e sugere haver sempre um algo mais a ser representado. Fábio Herrmann, em consonância com essas ideias, afirma que a interpretação, como expressão do método psicanalítico em si, provoca uma 'crise na crença das representações', por parte do analisando, que vai então a procura de novas maneiras de representar-se (Herrmann, 2001). 'Ruptura de campo' é o termo cunhado por ele (Herrmann, 2001) para descrever a experiência na qual determinada representação do paciente se põe em cheque, abrindo 'espaço' para novas representações, o insight e a mudança.



Interpretar abrange, assim, mais do que um ato ou uma comunicação feita pelo analista, uma identidade psicanalítica forjada na perspectiva da função psíquica de representar as experiências, uma função 'sempre começada e nunca terminada' (Green, 1975), tendo como fundamento o trabalho do negativo, o qual reconhece o espaço do 'não' simbólico e 'põe para girar a roda de representações'. A capacidade negativa, na medida em que recomenda a abolição de saberes prévios (pré-conceitos), cria um contexto no qual, de maneira gradual na transferência, o analisando vai podendo fazer contato e depositar no analista experiências psíquicas antes retidas ou jamais pensadas. Bion usa o termo *reverie*, em referência à habilidade da mãe em conter as experiências emocionais projetadas pelo bebê, empatizar com elas, elaborá-las em seu aparelho mental e devolvê-las a ele 'com um nome', de forma que lhe possam propiciar a estruturação de um mundo interno representativo e de relações objetais (Zimmerman, 2003). *Reverie* e capacidade negativa estão inter-relacionados no contexto analítico, onde o espaço para o novo, para o ainda não vivenciado pelo analisando pode 'surgir' e 'ganhar nome' na mente do analista que então o comunica. Já Green, ao abordar a ideia de ausência, lembra que o 'pai' se torna presente, no contexto analítico, mesmo ausente dele, como uma espécie de



presença potencial (Green, 1975). A interpretação realiza a introdução do 'pai' na relação 'mãe-bebê', já que ela 'nega' a satisfação direta das pulsões na relação analítica – a regra da abstinência também compõe a atitude interpretativa – e, inibido em seu objetivo, o desejo sexual encontra um caminho de descarga, na análise, através da elaboração psíquica e representação simbólica. Tanto a *reverie* de Bion quanto a introdução do pai de Green pressupõem a inibição do objetivo das pulsões; afirmam um 'não' à descarga direta pulsional, ao jogo de papéis estereotipados proposto pelo analisando na transferência, em favor do desenvolvimento da capacidade de simbolizar.

Esta forma de exercer a atividade interpretativa, associada à construção de uma identidade psicanalítica, está longe, no entanto, de ser uma constante na análise. Diversos fatores em voga no contexto, quer sejam do analista, do analisando ou, mais comumente, da dupla, podem influenciar a capacidade do analista de manter uma capacidade negativa. Robert Capier, em seu interessante artigo Sobre a dificuldade de fazer uma interpretação mutativa, em referência ao célebre trabalho de James Strachey, afirma que o analista, pode vivenciar momentos mais ou menos duradouros de perturbação de sua



escuta e, em consequência, da interpretação (Caper, 1995). O analista, nesses momentos, quando os conteúdos projetados no setting lhe atingem um ponto sensível de seu psiquismo, projeta seus conteúdos de volta ao analisando, o qual passará a assumir um papel mais concreto e rígido, segundo as fantasias do próprio analista. Caper diz que o analisando se converte numa espécie de superego ideal ou persecutório do analista, satisfazendo as ansiedades e pulsões deste (Caper, 1995). Os momentos de perturbação da função interpretativa revelam uma falha do trabalho do negativo pelo analista cujas expressões evidentes são a perda da capacidade de reconhecimento do 'não' das representações e o estancamento da análise. Há uma correlação, em consideração à dinâmica pulsional, entre a falha do trabalho do negativo e uma defusão das pulsões de vida e morte, servindo, a última, à paralisia do progresso da análise. Green foi um dos autores pioneiros na investigação da clínica contemporânea e observou que os pacientes desta clínica apresentam, em consonância com as dificuldades de tolerar frustrações, significativos distúrbios de simbolização (Green, 1975). O analista se vê assim obrigado a deslocar-se para o centro da experiência emocional, vivido sob fortes sentimentos contratransferenciais, para realizar o trabalho representativo que o sujeito se mostra incapaz de



fazer. Os fenômenos da contemporaneidade desafiam intensamente o contexto analítico tradicional – o das neuroses de transferência – e a identidade interpretativa, os quais configuram o ‘não’, a inibição dos objetivos das pulsões. Como mencionado, o espaço do ‘não’ é experimentado pelo sujeito contemporâneo não como um espaço potencial, mas como um ‘vazio mortífero’ a ser eliminado (Green, 1975). Cabe ao analista o esforço de adaptar-se aos constantes ataques infligidos ao trabalho do negativo e à interpretação, através do uso massivo de sua *reverie*, com o objetivo de garantir a formação do espaço potencial representativo.

Encerrada a análise, se espera que o analisando tenha introjetado para si, a partir da relação analítica, essa função representativa (Zimerman, 2003) alicerçada no trabalho do negativo e na vivência de um espaço como potencial de novas maneiras de representar a si e sua realidade. Talvez seja essa a mais próxima definição de uma ‘cura psicanalítica’. A *reverie*, a capacidade negativa, a atuação do analista como instrumento de inibição dos objetivos pulsionais e que coloca em cheque as percepções rígidas e inflexíveis do analisando, tudo isso compõe a interpretação em seu sentido mais ampliado, o de uma identidade psicanalítica. Como sugeriu Herrmann,

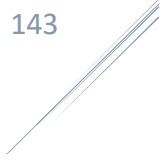


independentemente da corrente teórica seguida pelo analista, é este sentido da interpretação que promove a evolução do processo e a 'cura'. A interpretação corresponderia ao método epistemológico da psicanálise, base de todo conhecimento psicanalítico produzido (Herrmann, 2001).

REFERÊNCIAS

- Bion, W. (1967). Notas sobre memória e desejo. The Psychoanalytic Forum.
- Caper, R. (1995). Sobre a dificuldade de fazer uma interpretação mutativa. International Journal of Psycho-Analysis.
- Green, A. (1975). O analista, a simbolização e a ausência no contexto analítico. The International Journal of Psycho-Analysis.
- Herrmann, F. (2001). Introdução à teoria dos campos. Casa do psicólogo.
- Paim Filho, I. (2016). Metapsicologia: um olhar à luz da pulsão de morte. Movimento.
- Renik, O. (2000). A subjetividade e a objetividade do analista. Em Livro Anual de Psicanálise (pp. 99-109).
- Rezende, A. M. (1993). Bion e o futuro da psicanálise. Campinas: Papyrus.
- Segal, H. (1957). Notas a respeito da formação de símbolos. Em A obra de Hanna Segal. Rio de Janeiro: Imago.
- Zimerman, D. E. (2003). Bion: da teoria à prática. Porto Alegre: Artmed.





CAPÍTULO VII



UMA VISÃO DO PERÍODO PRIMITIVO

Sílvia Farrapeira Cabral¹

¹Psicanalista, Membro Associado da Sociedade Psicanalítica do Recife - SPRPE.

RESUMO

A autora deseja aqui abordar um tema de extrema importância para a psicanálise e para a formação do sujeito, o período primitivo. Uma fase arcaica, responsável pela formação e integração do ego a partir de um corpo erógeno, estudada por vários autores desde os pioneiros aos mais contemporâneos. Fala sobre mecanismos de defesas como clivagem, seu funcionamento e sua importância para uma constituição saudável, a partir do pensamento de Thomas Ogden; e a identificação projetiva, um dos conceitos fundamentais no pensamento e no trabalho Kleiniano. Detalha seus significados, alguns conceitos e artigos de autores, como Klein, Bion e Ogden, os quais dedicaram seus escritos à sua relevância.

Palavras-chaves: Primitivo; Esquizoparanóide; Fantasias; Clivagem; Identificação Projetiva.

Introdução

Freud desenvolveu o conceito de inconsciente e concentrou seus estudos e pesquisas, principalmente, nos pacientes neuróticos, aqueles que possuem um maior enriquecimento representacional conseqüentemente, sujeitos à simbolização. Portanto esses possuem um ego mais integrado. Melanie Klein, foi além, estudou a fase primitiva do bebê, também conhecida como posição esquizoparanóide, fase do desenvolvimento na



qual o self existe predominantemente como objeto, pensamentos e sentimentos acontecem com o bebê ao invés de serem pensados e sentidos por ele. As fantasias geradas nesta fase objetal desempenham um papel crucial na formação do sujeito, à medida que essa integração é iniciada, Klein diz que este bebê está passando da posição esquizoparanóide para a posição depressiva.

Para tentar entender como o bebê inicia o processo de fantasiar, faz-se necessário imaginá-los fora do sistema de símbolos verbais, esses pertencem aos adultos. Para Klein, o bebê inicialmente cria sua realidade: “A realidade mais primitiva da criança é totalmente fantasiosa” (Klein, 1930/1996, p. 238). Ou seja, o Bebê projeta seu mundo interno nos objetos externos. “Quando as boas experiências predominam sobre as más, o ego adquire crença na predominância do objeto ideal sobre os persecutórios, do instinto de vida sobre o instinto de morte” (Segal, 1964, p. 37).

Trago Segal como uma discípula de Klein para enfatizar que a medida que as experiências boas predominam sobre as más, há um fortalecimento egóico e conseqüentemente uma diminuição dos objetos persecutórios.



Para Klein, a primeira tarefa psicológica do bebê é o manejo do perigo gerado pelo instinto de morte. E o modo mais básico de manejo do perigo é a separação entre o ameaçador e o que está sendo ameaçado. A mãe que alimenta e é amada é a mesma que é odiada e invejada por ter o que ele, o bebê, acha que não tem e desesperadamente precisa ter. Nessa fase a clivagem acontece não apenas como uma defesa psicológica primitiva, mas também como uma forma basicamente de organização binominal da experiência, separando-as em categorias, amor e ódio, prazer e desprazer, perigo e segurança. O sentimento durante a mamada satisfatória gera um self amado, por outro lado, uma alimentação frustrante gera um self odioso.

“Esses aspectos amorosos e danosos da experiência (relacionamentos com objetos parciais) são isolados uns dos outros, pois é muito perigoso para o bebê com sua organização primitiva, amar o objeto que ele odeia, e odiar o objeto que ele ama e de quem é absolutamente dependente. Em vez disso ele faz uso de pensamento onipotente, projeção, introjeção, negação, idealização e identificação projetiva, para reorganizar seu mundo objetal interno em um esforço para separar os aspectos ameaçados do self



e do objeto de seus aspectos ameaçadores” (Ogden, 1986, p. 59).

Diante da citação de Ogden acima entende-se que a clivagem ocorreu de forma positiva, possibilitando uma maior segurança ao bebê. A clivagem quando é bem-sucedida, permite ao bebê amar e odiar em segurança, separar o amado do odiado, sem desenvolver uma ansiedade destrutiva pelo objeto que ama e o medo de ser destruído por ele, sendo um requisito necessário para uma eventual integração dos objetos parciais e das partes do self em objetos integrais. A identificação projetiva é uma elaboração do processo de clivagem, na qual o sujeito usa outra pessoa para vivenciar, à distância, aquilo que não quer ou não consegue experienciar por si mesmo.

Voltando a Klein, em 1946, ela introduziu o conceito de identificação projetiva no pensamento analítico e destacou sua importância considerável na clínica.

“Identificação projetiva”, refere-se, antes de mais nada, a um processo de cisão do ego arcaico, no qual ou as partes boas ou as partes más do self são excindidas do ego e, a seguir, projetadas com amor ou ódio para dentro dos objetos externos, o que leva à fusão e identificação das



partes projetadas do self com os objetos externos” (Klein, 1946/1991).

Através da identificação projetiva é possível compreender a forma pela qual o bebê consegue emergir do seu mundo psicológico interno. Ao sobrepor seu mundo fechado interno sobre o externo, a mãe pode se permitir ser utilizada em um processo pelo qual a entidade mãe –bebê é criada, um produto dos dois, permitindo o bebê mover-se além de si mesmo. Na identificação projetiva, o sujeito que projeta induz no outro um sentimento que ele mesmo não consegue sentir de forma consciente. Quando o receptor da projeção é a mãe, ela não apenas metaboliza, como devolve a ele de uma forma que ele possa utilizá-la. Se a receptividade do bebê permanece inalterada durante o processo, não haverá mudança na sua forma de vivenciar suas percepções. “A mãe bebê de uma exitosa identificação projetiva é uma entidade maior do que qualquer indivíduo, capaz de gerar uma qualidade de ser que nenhum individuo sozinho seria capaz de criar” (Ogden, 1986.p. 44). Nesse sentido percebemos a importância que Ogden dá na relação mãe-bebê para a construção do sujeito.

O conceito de Bion (1962/1991) de continente e contido representa de forma mais precisa como se dá o vínculo entre



mãe-bebê. Continência envolve não somente uma alteração do que foi projetado, mas também uma alteração daquele que projeta (o bebê) no processo de criação do tipo de conexão emocional envolvida na identificação projetiva. Se a mãe não servir como continente para as identificações projetivas do bebê, ele está condenado a uma existência autista ou psicótica. A mãe continente, proporciona ao bebê ser capaz de vivenciar a si mesmo, ser o intérprete de suas percepções, nascendo como sujeito. A partir do momento que o sujeito tem ciência do outro como sujeito e objeto, ele pode sentir preocupação por outra pessoa, sendo capaz também de sentir culpa, e de desejar fazer reparações. Nasce o sujeito e inicia-se a posição depressiva (Klein, 1948).

Klein conseguiu deixar claro como a capacidade para preocupar-se e para sentir culpa é uma conquista. Na opinião de Winnicott (1960/1988), a posição depressiva é a contribuição mais importante de Klein, tão importante quanto o conceito de Freud do complexo de Édipo.

Na metapsicologia Freudiana na primeira tópica, temos o desenvolvimento, em 1914, da teoria do narcisismo primário, nela percebemos como os pais exercem influência nessa fase primária do bebê. Muitas atitudes dos pais para com seus filhos



são reproduções de vivências do seu próprio narcisismo, as vezes, abandonado. Os pais tentam através de seus filhos resgatar esse narcisismo abandonado e atribuir à criança todas as perfeições e esquecer todos os defeitos. A megalomania de outrora, sua majestade o bebê, concretiza os sonhos não realizados pelos pais, onde a segurança é obtida refugiando-se na criança. “As coisas devem ser melhores para as crianças do que foram para seus pais. Doença, morte, renúncia, restrição da própria vontade não devem vigorar para a criança” (Freud, 1914/1996).

Essas perturbações a que está exposto o narcisismo original da criança repercutem de forma cruel na vida adulta.

“Ele não quer se privar da perfeição narcísica de sua infância, e se não pôde mantê-la, perturbado por admoestações durante seu desenvolvimento e tendo seu juízo despertado, procura readquiri-la na forma nova do ideal do Eu. O que ele projeta diante de si como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido da infância, na qual ele era seu próprio ideal” (Freud, 1914/1996. p. 40).

Essa busca pelo ideal do Eu para satisfazer o narcisismo primário perdido, às vezes despedaçado, pode se tornar uma



busca atormentadora levando a um nível de excitação que a mente não é capaz de suportar, podendo provocar o surgimento de um estado psicopatológico.

Em Luto e melancolia, Freud (1917/2014) realiza uma profunda comparação entre o estado de ter perdido alguém, o luto e o estado depressivo, a melancolia. A melancolia teria uma predisposição patológica caracterizada por um abatimento doloroso, falta de interesse pelo mundo, perda da capacidade de amar e uma diminuição da autoestima, um enorme empobrecimento do Eu, gerando recriminações e ofensas à própria pessoa como um ato de punição, sendo esse último, a perda da autoestima, o principal traço que a difere do luto. O trabalho realizado pelo luto exige a retirada da libido de suas conexões com o objeto de forma consciente. Essa retirada ocorre aos poucos num processo de desligamento das lembranças e expectativas mantidas na psique. No luto o mundo se torna pobre e vazio. Após a consumação do trabalho do luto, o Eu torna-se livre para novas escolhas de objetos. Na melancolia a perda do objeto se caracteriza pela sua subtração à consciência, o sujeito sabe quem, mas não o que perdeu nesse alguém. Com o Eu empobrecido, o doente descreve-se como indigno, incapaz e desprezível. O quadro desse delírio moral



surge associado a insônia, recusa de alimentação e uma desvalorização à vida. A perda pode ser de um bem, de um encontro, de um amor ou de algo que não tínhamos, mas que desejávamos e agora sabemos que será impossível obter.

Ainda no texto de 1917, a identificação é vista como um meio pelo qual o indivíduo não apenas se lembra, mas parcialmente substitui emocionalmente um objeto externo perdido por um aspecto de si mesmo que fora modelado após a perda do objeto externo. A perda do objeto se transformou numa perda do Eu.

Na melancolia a relação com o objeto não é simples, muitas batalhas são travadas em torno do objeto, a ambivalência, o amor e o ódio lutam entre si, um para desligar a libido do objeto, o outro, para manter essa posição da libido contra o ataque. As autoacusações de um melancólico não se adequam muito a sua própria pessoa, mas sim, a uma outra, que o doente ama, amou ou devia amar.

“Na melancolia o Eu pode se matar apenas quando, graças ao retorno do investimento objetal, pode tratar a si mesmo como um objeto, quando é capaz de dirigir contra si a hostilidade que diz respeito a um objeto, e que constitui a reação original do Eu a objetos do mundo externo” (Freud, 1914/1996, p. 185).



Sair da melancolia e fazer o luto não é uma tarefa simples, mas necessária para que o investimento libidinal possa abandonar finalmente o objeto e se retirar para o lugar do Eu, de onde havia partido. Após essa regressão da libido, o processo pode tornar-se consciente.

O luto leva o Eu a renunciar o objeto, declarando-o morto e oferecendo ao Eu a possibilidade de continuar vivo.

A modernidade é um momento da civilização ocidental que se caracteriza pela solidez das grandes instituições, refiro-me à família, educação, política e religião, as quais tem o poder de determinar, com exclusividade, a maneira possível e desejável de pensar, sentir e agir.

Freud revisou o termo, “sentimento de culpa inconsciente” para “necessidade de punição ou castigo nas mãos de um poder parental”. Podemos agora falar sobre a instância do Super-eu. Um processo pelo qual as funções do objeto externo são instaladas na psique. Essa instância representa tanto o Id como o mundo externo. O Super-eu se originou da introjeção, no Eu, dos primeiros objetos libidinais, os pais, conservando



características essenciais das pessoas introjetadas, seu poder, sua severidade, sua inclinação a vigiar e punir.

“As mesmas pessoas que continuam a atuar no Super-eu como instância da consciência moral, após haverem deixado de ser objetos dos impulsos libidinais do Id, são parte igualmente do mundo externo real. Dele foram retiradas; seu poder, atrás do qual se escondem todas as influências do passado e da tradição, era uma das mais palpáveis manifestações da realidade”. (Freud, 1924/1996; p. 199).

Novas defesas são geradas como forma de assegurar a satisfação narcísica a partir do ideal do Eu. Enquanto o Super-eu se caracteriza pela severidade e crueldade, devidas à introjeção de objetos revestidos do sadismo, o ideal do eu, provém dos objetos internos idealizados, correspondentes àqueles objetos que receberam as projeções dos sentimentos bons e das partes valorizadas do Eu da criança e desempenha, normalmente, funções de proteção e estímulo. Mas o ideal do eu também pode ser tirânico, dominador, patológico, exigindo metas elevadas e difíceis de atingir, expondo o sujeito não apenas a frustração, mas também a desvalorização do Eu, podendo levar à um movimento melancólico, aprisionador.



Conclusão

A fase primitiva nos revela o quanto é importante a continência, o holding da mãe, para nascer um sujeito saudável. As fantasias criadas nesse período permeiam durante toda uma vida, libertando ou aprisionando o sujeito numa repetição inconsciente e penosa, dificultando para paciente abandonar vínculos patológicos envolvidos em relacionamentos objetivos internos. Na análise, a dupla mãe-bebê segue representada pela dupla analista-paciente criando possibilidades, através da nova continência, de transformar as experiências vividas em experiências sentidas, narradas, metabolizadas, podendo assim, gerar mudanças.

REFERÊNCIAS

- Bion, W. R. (1991). O Aprender com a experiência. Imago (Trabalho original publicado em 1991).
- Ferro, Antonino. (2002). Fatores de doença, fatores de cura. Editora Blücher.
- Freud, S. (1981). Novas lições introdutórias à psicanálise. In: Obras Completas (pp. 3101-3206). Biblioteca Nueva (Trabalho original publicado em 1933).
- Freud, S. (1996). Introdução ao Narcisismo. In: Obras Completas, Vol. 12. Editora: Companhia das Letras (Trabalho original publicado em 1914).



- Freud, S. (1996). A perda da realidade na neurose e na psicose. Freud, S. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 19. (Trabalho original publicado em 1924).
- Freud, S. (2011). O Eu e o Id. Obras Completas, Vol. 16. Companhia das Letras (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (2014). Luto e melancolia. Editora Cosac Naify. (Trabalho original publicado em 1914).
- Kirschbaum, I. (2017). Breve introdução a algumas ideias de Bion. Editora Blucher.
- Klein, M. (1948). Uma contribuição para a teoria da ansiedade e da culpa. *Jornal Internacional de Psicanálise*, 29, 114.
- Klein M. (1991). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In M. Klein, Inveja e gratidão, e outros trabalhos (1946-1963) (pp. 20-43). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1946).
- Klein, M. (1996). "A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego". In: Obras completas de Melanie Klein, Vol. I. Melanie Klein, amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945). Imago. (Trabalho original publicado em 1930).
- Klein, M. (2023). Inveja e Gratidão e Outros Trabalhos. Imago. (Trabalho original publicado em 1946-1963).
- Ogden, T. (2013). *Reverie e Interpretação: captando algo humano*. São Paulo, Escuta.
- Ogden, T. (1986). *Matriz da Mente*. Editora Blucher
- Segal, H. (1964). *Introdução à obra de Melanie Klein*. Imago.
- Winnicott, D. (1960). "Teoria do Relacionamento Paterno Infantil". In: *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Artes Médicas.





CAPÍTULO VIII



SUJEITOS HIPERCONECTADOS E RESIGNAÇÃO TRANSICIONAL: UMA COMPREENSÃO PSICANALÍTICA

Carolina Pereira Holanda¹; Vitor Hugo Lima Barreto²

¹Psicóloga com formação clínica em Psicologia pela Universidade Católica de Pernambuco (2002). Formação em Clínica com Crianças: uma perspectiva psicanalítica pelo CPPL (2021). Sócia da TGI Consultoria, do INTG - Instituto da Gestão, da ÁgilisRH e da Revista Algomais. Diretora Pedagógica do Ponto Cidadão.

²Psicanalista da Sociedade psicanalítica do Recife, membro da Sociedade Britânica Psicanálise. Médico de família na prefeitura do Recife. Professor Adjunto da UFPE.

RESUMO

O termo resignação transicional foi criado pelos autores do artigo para descrever um estado psíquico em que muitos adolescentes e jovens adultos da Geração Z encontram-se fixados no espaço transicional, decorrente do uso excessivo de tecnologias e o consequente desinvestimento no mundo externo. Esse artigo utiliza-se de referenciais teóricos da Psicanálise essencialmente os de Freud e Winnicott para levantar questões e reflexões acerca da formação da identidade desses sujeitos, do impacto dos cuidados parentais, da relação entre objeto transicional, ego-auxiliar e daydream com a tecnologia. Além das questões teóricas, são consideradas particularidades do contexto social, econômico, político e cultural contemporâneo e como o mundo virtual vem gerando impacto na formação de novos traços de subjetividade. Apresenta, também, um caso clínico que tem como objetivo ilustrar as dificuldades vivenciadas pela paciente ao lidar com situações concretas do mundo externo.

Palavras-chaves: Geração Z; Tecnologia; Espaço Transicional; Adolescência.



Introdução: Geração Z e o Entendimento Psicanalítico Sobre Gerações

Entendimento Psicanalítico sobre Gerações

As mudanças geradas pelo mundo digital têm impactado as pessoas, como elas pensam e se comportam, ou seja, sua subjetividade. Para melhor entender essas mudanças que acontecem em determinados períodos, tem-se classificado desde o século XX as gerações em categorias, como Baby Boomer (nascidos entre 1946 e 1964), Geração X (nascidos entre 1965-1984), Geração Y (nascidos entre 1985-2000) e Geração Z (nascidos entre 1995-2000).

Muitos desses estudos têm como objetivo universalizar, categorizar e criar normativas como forma de assegurar determinado controle sobre como se relacionar com as novas gerações, o que tem como consequência um grande risco de anular o que para a Psicanálise é essencial: a singularidade do sujeito. A sociedade atual busca fórmulas mágicas, receitas prontas e garantias em todos os aspectos da vida, principalmente, no que diz respeito aos vínculos sociais.

Refletir sobre esta temática à luz da Psicanálise, é fundamental para uma compreensão mais ampla sobre a



Geração Z e os seus processos de subjetivação. O entendimento psicanalítico sobre o sujeito considera além de questões psíquicas, o contexto histórico, social, ideológico, político, econômico e cultural de cada época. Segundo Dario Leskauskas (2020), todas essas variáveis que prevalecem na criação das crianças e adolescentes impactam na formação da identidade.

Compreende-se que embora cada geração seja marcada por traços semelhantes que permitem uma classificação, não se deve desconsiderar a singularidade de cada um e a conjuntura familiar que o envolve. O sujeito para Psicanálise é diferenciado pela sua capacidade de atribuir sentido às suas experiências e inclusive de produzi-lo, além de ser o sujeito do inconsciente, ou seja, ser subordinado a uma lógica que é irracional, atemporal e que determina grande parte dos seus comportamentos.

A Psicanálise vai na contramão dessa lógica de categorização e normatização. Seu objetivo é se ocupar do sofrimento humano, suas expressões e possibilidades de subjetivação. Porém, não é possível desconsiderar a nova realidade da lógica digital e como a internet ocupa um lugar no psiquismo desses sujeitos, gerando novas manifestações de funcionamento e de sofrimentos psíquicos.



Outra variável a ser considerada nessa reflexão é o conceito de realidade, que tem sido amplamente debatido na filosofia, especialmente em relação à distinção entre o mundo físico e o mundo virtual. Pensadores como Bostrom, Chalmers e Baudrillard levantam questões fundamentais sobre o que consideramos "real", especialmente à luz das tecnologias digitais.

Embora esse tema seja central para o entendimento contemporâneo da experiência humana, o presente artigo não buscará aprofundar essas discussões filosóficas. Ao invés disso, ele focará nos aspectos práticos da interação com o mundo digital e suas implicações mais imediatas para a subjetividade e o comportamento humano.

Ressaltadas essas questões, o mundo digital desafia o saber psicanalítico tanto na compreensão do dinamismo dos processos sociais quanto na dimensão das intervenções clínicas.

Quem é a Geração Z

Eventos históricos importantes (como guerras, crise econômica, emergência mundial sanitária etc.) e grandes mudanças (como as Revoluções Industriais) ocasionam



alterações sociais e caracterizam traços da geração de cada época. Atualmente, estamos vivendo a 4a Revolução Industrial, que é marcada pela conexão de tecnologias físicas, virtuais e biológicas, sendo as principais, a inteligência artificial, a internet das coisas e o uso da robótica nos diversos segmentos. Dessa forma, a força e o imperativo do mundo digital vêm gerando grandes mudanças, não só na economia, política, cultura, mas principalmente na subjetividade das pessoas, ou seja, no desenvolvimento psíquico (percepções, possibilidades de vivenciar experiências, formas de lidar com as emoções, sentimentos e expectativas).

Esses sujeitos estão sendo caracterizados como a Geração Z, nascida entre 1995 e 2010, conhecida como nativa digital, hiper conectada e que cresceu de um modo muito diferente das gerações anteriores imersa nas tecnologias digitais (principalmente internet e smartphome) e tem gerado novas demandas e necessidades, para quais é necessário pensar em novos padrões de atendimento e interação.

Por conta dessa variável, é a geração mais distante das interações presenciais e mais focada em interações virtuais. Em parte, isso acontece pela imersão no mundo digital gerando uma grande facilidade de acesso ao celular e também pelo modelo



de parentalidade que está sendo modificado pela dificuldade de colocar limites, falta de confrontação e superproteção dos pais no mundo real devido ao contexto social de violência e insegurança. Ao superproteger no mundo real, os pais concedem uma maior autonomia e liberdade aos filhos no mundo virtual, que tem como consequência uma maior privação do brincar, do experimentar relações sociais e de se lançar no mundo com todos os sentimentos que vivências reais permitem ao sujeito ter.

Conforme o doutor em psicologia social, Jonathan Haidt (2024), a distância das interações entre grupos sociais, prejudica diretamente a capacidade desses sujeitos de lidarem com frustração, situações de conflito ou a gerenciar seus próprios sentimentos.

“Quando as pessoas são criadas em comunidades das quais não podem escapar com facilidade, fazem aquilo que nossos ancestrais fizeram ao longo de milhões de anos: aprendem a gerenciar relacionamentos e a gerenciar a si mesmas e as suas emoções com o intuito de preservar esses relacionamentos tão preciosos. Com certeza há muitas comunidades na internet que encontraram maneiras de criar compromissos interpessoais e



uma sensação de pertencimentos fortes, porém no geral, quando crianças são criadas em múltiplas redes mutantes, em que não há necessidade de usar o nome verdadeiro e das quais é possível sair apertando um simples botão, elas ficam menos propensas a desenvolver tais habilidades” (JONATHAN HAIDT, 2024).

O fato de crescerem nesse contexto fez com que a geração Z, que vem de Zap, ou seja, agilidade, energia, rapidez, tivesse alguns traços como uma maior capacidade de aprender em diversos canais, maior velocidade e facilidade de lidar com mudanças e uma relação natural com a tecnologia, mas também imediatismo, dificuldade de lidar com frustração, ansiedade para atingir o desejado e receio de experimentar vínculos sociais.

Quem São os Pais da Geração Z

Como já mencionado, o processo de subjetivação de uma geração é impactado pelos modelos de parentalidade que, também, são atravessados pelas mudanças nos modos de produção, pelo impacto de práticas neoliberais, pelo movimento feminista e por uma narrativa social influenciada pela psicologia



positiva na qual estimula uma busca exaustiva pela perfeição no exercício da paternidade e da maternidade.

Não se pretende, nesse artigo, mergulhar em cada uma dessas questões, mas refletir como a função materna e paterna se apresentam atualmente diante das múltiplas possibilidades de conjugalidade e parentalidade.

Christian Dunker (2021) destaca que a chegada de um filho, independente da sua via, “cria um novo casamento, uma nova constelação de desejos e forças que fizeram com que aqueles se encontrassem, naquele momento, para dar à luz aquele sujeito”, alterando a configuração familiar, na medida que cada um assume um novo papel, como o de pai ou mãe.

O autor também ressalta a idealização social de que ter filho é a maior realização que um sujeito terá na vida e por isso deve exercer seu papel (de pai ou de mãe) de modo perfeito. A realidade impõe algumas questões que são difíceis e muitas vezes contraditórias, pela própria falta de experiência do adulto que é levado a tentar seguir receitas mágicas e pela própria condição humana a qual é subordinado: à lógica do inconsciente.

Por isso, Ducker (2021) afirma que cada impasse no âmbito familiar é “vivido em três planos: (a) o da(o) filha(o) ela(e)



mesmo, com suas necessidades e interesses próprios, com suas verdadeiras singularidades, com seus hábitos opacos e indecifráveis, com seus exasperantes e adoráveis professores, amigos e namorados(as); (b) o de nossa identificação, por meio do qual fantasiamos a correção e o ajuste de tudo aquilo que ficamos devendo em nossa própria história desejante...como se tivéssemos aprendido tudo sobre educação julgando como nossos pais erraram e acertaram, ajustando o sinal de acordo; (c) o de nossa negociação com o(a) parceiro(a) de empreitada cuidadora e educativa”.

O filho do imaginário de seus pais nunca é o mesmo que existe. Em geral, está aquém das expectativas criadas pela sua família e, mesmo assim, continua sendo o fiel depositário dos sonhos e anseios daqueles que o cuidam. A parentalidade não está livre de todos os conflitos conscientes e inconscientes da trama familiar e demanda um processo individual de cada responsável, que acontece de acordo com sua história e no seu tempo, em tornar-se responsável por uma criança.

Voltando às questões sociais, os pais diante das exigências e da demanda de trabalho impostos pela lógica neoliberal, muitas vezes, delegam o exercício de suas funções a terceiros (como avós, babás, escola, tecnologias etc.) e não assumem o



papel de autoridade que lhes cabe. Conforme Dario Leskauskas (2020), os pais “não querem ser autoritários ou controladores e rejeitam estritamente a imposição da sua autoridade sobre as crianças. Ao mesmo tempo, abstém-se da transmissão intergeracional dos ideais do ego e dos limites do superego, tão importantes na formação da identidade durante o processo secundário de separação-indivuação da adolescência”.

O autor ressalta que a falta de orientação e limites têm efeito negativo nos filhos e como consequência um maior retraimento emocional, dependência e o estabelecimento de um vínculo de muita confusão (qual o lugar e papel de cada um da família), que impacta na formação de identidade desses sujeitos e demanda a busca por um substituto das funções parentais, que será tratado mais adiante.

Voltando à questão da idealização social em relação ao exercício dessas funções parentais, há uma quase total desconsideração ao processo natural dos conflitos e um estímulo ao uso de uma espécie de cartilha, como forma de assegurar o sucesso da família.

Essa ilusão de perfeição já foi considerada por Freud em 1927, uma vez que é necessária para suportarmos as



dificuldades da vida. A cada época, são criadas ilusões na tentativa de se dar conta dos desafios. Porém, como a falta, o limite e a frustração são necessários a qualquer sujeito, os pais regidos por esse ideal de harmonia, muitas vezes, não inserem a transmissão da falta estruturante na dinâmica familiar, ou seja, os filhos podem tudo, como desejam, causando um furo no processo de subjetivação da nova geração.

Para Lebrun (2010): “os adeptos da parentalidade se arriscam a não mais transmitir à geração seguinte os instrumentos psíquicos indispensáveis para encarar aquilo que, entretanto, cabe a todos nós”. Em outras palavras, abrem mão de exercer sua autoridade e o papel de contingência tão necessários à formação dos sujeitos, gerando filhos inseguros, pouco identificados com as figuras parentais, perdidos e sem referências de ideias.

Desenvolvimento Psíquico da Geração Z

Infância na Contemporaneidade

A invenção da internet e a criação do mundo digital têm um impacto profundo na vida contemporânea e nos processos de constituição do psiquismo humano, ao possibilitar interações virtuais, compartilhamento de ideias, acesso a informações em



diversos e simultâneos canais com pessoas de diferentes lugares do mundo. Como consequência, tem-se percebido uma generalização de costumes, ritos e gostos, diluindo significativamente os traços das culturas locais e o entendimento de cada sujeito na sua singularidade.

Antes de avançar no desenvolvimento psíquico da Geração Z, é importante retomar a teoria de Freud (1905) sobre a formação da identidade do sujeito. Para o fundador da Psicanálise, esse desenvolvimento se dá frente à combinação de algumas variáveis, sendo as principais: (1) a interação entre as instâncias psíquicas id-ego-superego, cada um com sua própria função e dinamismo, tendo como resultado o comportamento humano; (2) o desenvolvimento das fases psicosexuais, que são estágio oral (do nascimento até cerca de 1 ano e 6 meses), anal (de 1 ano e 6 meses a 3 anos), fálico (dos 3 aos 6 anos), latência (dos 6 anos até a puberdade) e genital (a partir da puberdade); (3) a formação do superego; e (4) as experiências sociais.

Em relação ao desenvolvimento das fases sexuais, Freud ressalta a importância dos quatro primeiros anos de vida como essenciais. “Esse estágio é seguido por seis ou sete anos de um período de latência, durante o qual ocorre pouco ou nenhum



crescimento sexual. Então, na puberdade, há um renascimento da vida sexual, e o período genital é introduzido. O desenvolvimento psicosexual, por fim, culmina na maturidade” (FEIST et al, 2015). É preciso considerar como o sujeito foi se constituindo, vivenciando cada uma dessas fases e formando sua subjetividade. “Com isso, pode ser compreendido que parte da personalidade do homem é resultado das situações vivenciadas durante os períodos, e pode ser responsável por contrastes entre a personalidade de um homem e de outro” (FARIAS et al, 2015).

A identidade também é resultado da identificação com as figuras de referência. A formação do superego se dá pela internalização dos valores e normas representados por essas figuras parentais, ajudando a definir o comportamento moral do sujeito.

Bernardo e Silva (2002) enfatiza a importância da construção de vínculos sociais, de interações pessoais e com o mundo para um desenvolvimento psíquico saudável. “Psicanaliticamente falando, este ser em desenvolvimento precisa ser constituído, ou seja, ser inserido no mundo da realidade, no universo dimensional humano, e, este curso se dará através das trocas com os sujeitos que já compõem e



alteram a realidade constitucional, em um processo de internalização e de projeção dos elementos psíquicos e comportamentais, fundamentando assim uma base estrutural de funcionamento da personalidade, como resultado deste processo” (BERNARDO e SILVA, 2022).

Ao descrever o processo de inserção do sujeito em uma realidade social, Winnicott traz a importância do brincar ao observar os fenômenos transicionais através do uso de um objeto qualquer ou de uma técnica transicional, até situações que demandem habilidade dos sujeitos para criar experiências culturais. O fenômeno transicional, na perspectiva psicanalítica desenvolvida por Donald Winnicott (1975), refere-se a uma área intermediária de experiência que ocorre entre o mundo interno subjetivo e o mundo externo objetivo, essencial para o desenvolvimento psíquico saudável. Segundo o autor, esse fenômeno se manifesta quando a criança começa a explorar o mundo fora de si mesma, mas ainda em um contexto de dependência emocional dos cuidadores. O fenômeno transicional possibilita uma vivência em que a criança, ao interagir com objetos e o ambiente ao seu redor, desenvolve uma sensação de controle e autonomia progressiva, ao mesmo



tempo em que ainda se sente apoiada pela presença protetora de seus pais.

Esse fenômeno é considerado uma área "potencial" ou de "ilusão", onde a criança pode brincar e criar, imaginando uma realidade intermediária entre fantasia e realidade objetiva. Nesse espaço, a criança pode experimentar uma transição gradual entre a dependência e a independência, o que é crucial para a formação do self e da criatividade. Winnicott (1975) destaca que, por meio do fenômeno transicional, a criança começa a construir a capacidade de distinguir entre o que pertence ao seu mundo interno e o que faz parte da realidade externa, facilitando a capacidade de lidar com frustrações e a separação gradual dos pais.

Para ele, "o brincar tem um espaço e um tempo. Não é dentro, em nenhum sentido do termo. Nem é fora. Ou seja, não faz parte do mundo repudiado, o não eu, que o indivíduo decidiu reconhecer como verdadeiramente externo (a despeito das dificuldades e mesmo do sofrimento) e que está fora do controle mágico. Para controlar o que está fora, é preciso fazer coisas, não apenas pensar ou desejar, e fazer coisas demanda tempo. Brincar é fazer" (Winnicott, 2019). Para o autor, é no brincar que a criança é capaz de desenvolver sua subjetividade, criar,



imaginar e fantasiar, vincular-se socialmente, aprender a se comunicar, a lidar com conflitos internos e com outros sujeitos, a identificar seus sentimentos.

Winnicott destaca que todas as experiências vividas pelo sujeito desde o seu nascimento são importantes e influenciam seu desenvolvimento emocional, portanto fica claro o impacto de um ambiente adequado nesse crescimento, ou seja, a capacidade dos responsáveis pelo bebê exercerem as funções materna e paterna. “Devido à extrema dependência emocional da criança, seu desenvolvimento ou sua vida não podem ser estudados à parte da consideração do cuidado que lhe é fornecido” (Winnicott, 1896). Na sua teoria, uma criança de um ano já começa a desenvolver uma personalidade integrada, o que significa que ela já possui um self, se diferencia do mundo externo e o corpo e o psiquismo já aprenderam a interagir (Winnicott, 1896).

Ainda nessa fase, boa parte das crianças escolhem objetos (como brinquedos, travesseiros etc.) com os quais passam a ter uma relação diferenciada principalmente em momentos de ansiedade ou tristeza e que funcionam como um objeto intermediário entre o mundo interno e o externo. Winnicott denominou de objeto transicional e considerou que ele está



diretamente relacionado ao fenômeno transicional, representando um intermediário simbólico entre o cuidador e a autonomia crescente da criança, que emerge a partir de um cuidado suficientemente bom. Trata-se de um objeto físico, geralmente escolhido pela criança, que assume uma importância simbólica no processo de separação do cuidador principal, funcionando como um intermediário entre a presença materna (ou do cuidador) e a ausência. Esse objeto, que pode ser um cobertor, um bichinho de pelúcia ou qualquer outro item com valor afetivo, representa para a criança uma zona de conforto que a ajuda a lidar com a ansiedade de separação e com o desenvolvimento da autonomia (Winnicott, 1975).

O objeto transicional é usado pela criança como uma extensão de si mesma e de seu vínculo com o cuidador, permitindo a ela manter uma sensação de continuidade e segurança enquanto começa a explorar o mundo externo. Ele não pertence nem totalmente ao mundo interno da fantasia, nem ao mundo externo da realidade objetiva; sua função está na interface entre esses dois mundos. Através da relação com o objeto transicional, a criança gradualmente internaliza a capacidade de se consolar e se estabilizar emocionalmente, o que é crucial para o desenvolvimento da capacidade de estar só



(Winnicott, 1958). O autor enfatiza que o objeto transicional não pode ser visto simplesmente como uma "ilusão" da criança, mas como um ponto de apoio necessário para seu crescimento emocional e psíquico. O abandono do objeto transicional ocorre de forma natural e gradual, à medida que a criança desenvolve mecanismos internos de regulação emocional e confiança na sua capacidade de lidar com as ausências e frustrações inerentes à vida.

O espaço transicional é também fundamental para o desenvolvimento da subjetividade e da experiência cultural. Nesse sentido, ele não se restringe aos primeiros anos de vida, mas continua presente na vida adulta na forma de atividades culturais, lúdicas e criativas. Para Winnicott (1975), essas atividades permitem que o indivíduo mantenha um equilíbrio entre as pressões da realidade externa e as necessidades do seu mundo interno, sem cair em rupturas psicóticas ou fantasias irrealistas. Assim, o espaço transicional sustenta a capacidade de viver em sociedade de forma saudável, mediando o mundo interno e externo de cada sujeito, facilitando a criatividade e a capacidade de lidar com o real.

No entanto, há situações em que o indivíduo pode se fixar no espaço transicional, o que ocorre quando o processo de



transição entre o mundo interno e externo não é bem-sucedido. Em tais casos, a pessoa pode permanecer presa a uma relação simbólica com o objeto transicional, utilizando-o como uma defesa contra a ansiedade e a insegurança em relação à realidade externa. Segundo Winnicott (1975), essa fixação surge quando o ambiente materno não é suficientemente bom para facilitar uma transição saudável, gerando uma dependência contínua de fantasias ou objetos que oferecem controle sobre as angústias. Ogden (1985) complementa essa análise, indicando que a fixação no espaço transicional reflete uma falha na integração do self, onde o indivíduo não consegue diferenciar de forma adequada entre o que é interno e o que é externo, levando a comportamentos regressivos e dificuldade de enfrentar a realidade adulta.

Atualmente, há um grande prejuízo no processo de transição entre o mundo interno e externo. O primeiro ponto a destacar diz respeito à frouxidão autoritária das figuras de referência e a facilidade de encontrar conhecimento (o que antes só era possível a partir da experiência dos mais velhos e dos livros físicos).

Além disso, há uma grande privação do brincar devido a uma superproteção dos pais em relação ao mundo real e uma



grande liberdade em relação ao mundo virtual com uma ilusão de manter o filho sob controle e em segurança. Esse comportamento das referências parentais estimula uma hiperconexão com o mundo digital, o que gera relações predominantemente virtuais e uma distância natural das relações presenciais. As tecnologias como smartphones, tablets, computadores passam a ocupar o lugar de outros objetos transicionais.

Como consequência dessa realidade e privados da experiência ao ar livre e da interação direta com os pares, as crianças dessa geração têm uma maior dificuldade de lidar com suas emoções, os conflitos, as frustrações que fazem parte da dinâmica de vida de qualquer sujeito e de internalizar regras e leis sociais.

O cuidado exercido adequadamente pelos responsáveis gera um sentimento de segurança na criança, embora permaneça a necessidade de verificar se pode continuar confiando nos seus pais. Essa necessidade tende a aumentar na adolescência, quando são testados inúmeras vezes as regras, os comandos e as diretrizes impostas pelos responsáveis. Para Winnicott, “as crianças sadias necessitam de quem lhes imponha um certo controle; mas os indivíduos que impõem a



disciplina devem poder ser amados e odiados, desafiados e chamados a ajudar; os controles mecânicos não têm aí qualquer utilidade, e o medo não é instrumento mais adequado para estimular a colaboração. É sempre um relacionamento vivo entre duas pessoas que abre espaço ao crescimento. ” (Winnicott, 1986).

Adolescência Hiperconectada

A adolescência é um período da vida compreendida como o tempo, segundo Freud (1905), de elaborar simbolicamente o desligamento da autoridade das figuras parentais e de se identificar com pares através do estabelecimento de laços sociais. Essas questões apontadas pelo fundador da Psicanálise continuam atuais, mas acrescidas de um grande desafio contemporâneo, que é a hiperconexão virtual.

Os adolescentes permanecem vivenciando essa fase da vida com muitas questões semelhantes às das gerações anteriores como a construção de uma nova imagem do seu corpo e de si próprio, possibilidade de escolhas em diversos âmbitos, criação de círculo de amizade que lhe permita se sentir pertinente a uma tribo. Porém, essa fase está atrelada também ao mundo digital. Gozlan (2016) usa o termo “virtualescência”,



que significa “o processo pelo qual o adolescente encontra no espaço virtual um lugar para a elaboração de seus conflitos da puberdade”.

Se todos são influenciados pelo ambiente social que estão inseridos, pode-se considerar que os adolescentes estão sendo impactados pelo que se é produzido no universo digital e pela lógica de performatização do sujeito. O que gera novos traços de subjetividade através da possibilidade de experimentar diversas formas de ser, ampliando um sentimento de onipotência, já que não se tem limites para os seus desejos e se pode habitar vários espaços e realidades culturais, inclusive apresentando diversas identidades.

Esse universo digital também se apresenta como alternativa de uma falsa ampliação de possibilidades de socialização, do sentimento de pertencimento a um grupo e de uma maior liberdade em relação aos controles parentais.

Segundo Collete Soler (2018), é no período da adolescência, que a identidade contém um traço da diferença com o outro, o que provoca a necessidade de ser original e um traço do que o sujeito já é, ou seja, a necessidade de reconhecer a si próprio. Isso acontece porque o adolescente está em luto pelo corpo da



infância e pelos laços construídos nesse período, que já não fazem mais tanto sentido.

É o momento de reconstrução da sua identidade, que se encontra fragilizada, insegura e confusa, como consequência do declínio dos processos identificatórios que foram estabelecidos no início da vida com as figuras parentais e a demanda pelo estabelecimento de novos processos identificatórios com os pares. Esses processos são marcados, na atualidade, por uma mudança intensa na forma de construir vínculos, que agora podem ser facilmente criados, cancelados, bloqueados ou curtidos.

Uma reflexão a ser considerada sobre o processo da adolescência dessa geração é a relação entre o ego-auxiliar e o conceito de espaço transicional de Donald Winnicott (1975), que enfatiza a importância do suporte externo como um facilitador do desenvolvimento psíquico. Nesse contexto, o ego-auxiliar atua como um suporte inicial oferecido pelo ambiente (geralmente na figura dos pais, amigos e professores), permitindo que o adolescente explore esse espaço com a segurança de que pode recorrer ao apoio externo sempre que necessário. Durante o processo de desenvolvimento do sujeito, o ego-auxiliar, que não é permanente, deve ser gradualmente



internalizado conforme o adolescente desenvolva sua capacidade de autorregulação.

Como observam Turkle (2017) e Lemma (2014), as tecnologias digitais podem funcionar como um ego-auxiliar moderno, oferecendo uma zona de conforto onde o sujeito pode lidar com suas ansiedades e emoções sem confrontar as incertezas e complexidades do mundo real. Por meio de redes sociais e jogos online, por exemplo, o indivíduo pode regular suas interações, buscando validação e gratificação imediata de maneira controlada. Nesse contexto, as tecnologias assumem o papel de um mediador entre o sujeito e a realidade, facilitando a função transicional ao criar uma área segura para a exploração emocional e social. Afasta o indivíduo de egos-auxiliares reais como os pais, professores, amigos, mestres, etc. Ao invés de internalizar gradualmente a função de autorregulação e autonomia emocional, o indivíduo passa a depender permanentemente de um suporte externo – no caso, as novas tecnologias – para lidar com suas emoções e ansiedades.

Zepf (2010) descreve como essa dependência de um ego-auxiliar digital pode gerar uma forma de pseudo-adaptação, onde o indivíduo se sente seguro e controlado no espaço virtual,



mas não consegue transferir essa segurança para o mundo real. Assim as tecnologias representam uma expansão do espaço transicional desenvolvidos a partir da infância e um substituto do ego-auxiliar na adolescência.

A fixação no espaço transicional mediado pelas novas tecnologias apresenta tanto benefícios primários quanto secundários que podem ser analisados à luz da psicanálise contemporânea.

- **Benefícios Primários**

Os benefícios primários da fixação nesse espaço transicional se referem à função imediata de alívio dos conflitos, tensões e angústias relacionadas à realidade externa. Assim como os objetos transicionais descritos por Winnicott (1975) oferecem à criança uma forma de suportar a separação e a ausência do cuidador, as tecnologias contemporâneas permitem que os indivíduos encontrem refúgio em um espaço seguro e controlado, onde podem regular seu afeto e se distanciar de situações ansiogênicas. Por meio de jogos, redes sociais e aplicativos de streaming, os indivíduos podem experimentar um grau elevado de autonomia e controle sobre suas interações, o que facilita a exploração de diferentes



aspectos de sua subjetividade sem os riscos inerentes às interações face a face (Turkle, 2017).

Por outro lado, o espaço transicional mediado por tecnologias pode possibilitar o desenvolvimento da criatividade e da imaginação. Plataformas como jogos online ou redes sociais oferecem um espaço lúdico onde o indivíduo pode experimentar diferentes papéis e formas de ser, semelhante ao brincar descrito por Winnicott. Lemma (2014) sugere que essas ferramentas digitais atuam como uma extensão do potencial criativo do sujeito, permitindo que ele explore novos cenários e narrativas de maneira controlada, o que pode ser especialmente útil para indivíduos que enfrentam dificuldades em lidar com o mundo real. Nesse sentido, as tecnologias atuam como um facilitador do desenvolvimento subjetivo, proporcionando uma forma de contenção psíquica.

- **Benefícios Secundários**

Os benefícios secundários envolvem ganhos indiretos, como o fortalecimento de vínculos sociais, a manutenção de uma sensação de pertencimento e a evitação de conflitos emocionais complexos. Através das redes sociais, por exemplo, o indivíduo pode se sentir conectado a um grupo, recebendo



feedback positivo e constante validação, o que pode aliviar a sensação de isolamento (Turkle, 2017). Ao mesmo tempo, essas plataformas permitem uma forma de interação mais controlada e mediada, onde o indivíduo pode regular como é visto e interpretado pelos outros, o que minimiza o risco de rejeição ou frustração. Isso pode oferecer uma sensação de estabilidade e segurança emocional, ainda que temporária.

No entanto, esses benefícios secundários também podem reforçar a fixação no espaço transicional, prolongando a evasão da realidade externa. Como destaca Turkle (2011), a capacidade de controlar a forma como nos apresentamos online pode se tornar uma defesa contra a complexidade e a imprevisibilidade das relações interpessoais, resultando em uma preferência pelo mundo virtual em detrimento do mundo real. Esse tipo de fixação pode trazer alívio a curto prazo, mas a longo prazo, pode impedir o desenvolvimento da capacidade de lidar com os desafios emocionais e sociais que fazem parte da vida adulta. Lemma (2014) observa que, ao evitar confrontos com a realidade através dessas interações digitais, o indivíduo pode se manter em um estado de "pseudo-adaptação", sem enfrentar plenamente as tarefas de desenvolvimento emocional.



Embora o espaço transicional mediado pelas novas tecnologias ofereça benefícios imediatos, como a regulação emocional e a exploração criativa, ele também pode gerar uma dependência a longo prazo, impedindo o indivíduo de enfrentar as exigências da realidade externa. Tanto os benefícios primários quanto os secundários contribuem para a manutenção desse estado de fixação, com efeitos potencialmente regressivos no desenvolvimento emocional.

Implicações na Subjetividade e Resignação Transicional: Uma Nova Reflexão Teórica

Resignação Transicional

O conceito de "resignação transicional" pode ser descrito como um estado psíquico em que o indivíduo, frequentemente um adolescente ou adulto jovem, encontra-se fixado no espaço transicional mediado pelas novas tecnologias e, ao invés de usá-lo como uma etapa temporária para a exploração do real, desinveste progressivamente das relações e responsabilidades do mundo externo. Neste estado, o sujeito encontra conforto e segurança nas plataformas digitais – como redes sociais, jogos online e aplicativos de streaming – e demonstra uma apatia ou falta de interesse em transitar para formas mais maduras de



engajamento com a realidade física. A "resignação" refere-se, portanto, à aceitação passiva desse estado como algo definitivo, resultando em uma estagnação emocional e social.

Pode-se relacionar o conceito de resignação transicional com o personagem Sísifo, que no mito grego é condenado eternamente pelos deuses a rolar uma grande pedra da montanha após trair Zeus e enganar a morte, com o objetivo de vê-la rolar de volta todas as vezes que chega ao topo. O personagem resignado aceita sua punição, mas não consegue se livrar do ciclo de sofrimento, fazendo com que se torne o símbolo da resignação diante de uma situação sem saída. Na resignação transicional, porém, ao contrário de Sísifo que vive sua condenação com sofrimento e penitência, existe uma experiência de prazer ou gozo. O mundo virtual oferece uma experiência de excitação constante, de prazer imediato e proteção impenetrável. Como se fosse possível imaginar que Sísifo pudesse viver extremamente excitado com ato de subir a rocha montanha acima para se deslumbrar com a trajetória da mesma ladeira a baixo. Repetindo o processo com o mesmo grau de excitação da primeira vez e absolutamente desconectado do seu entorno.

- Características da Resignação Transicional



A resignação transicional representa um fenômeno em que o espaço transicional, que originalmente serviria como uma área temporária de exploração criativa e desenvolvimento da autonomia (Winnicott, 1975), torna-se um refúgio permanente. O indivíduo resigna-se a este estado de dependência emocional e simbólica das tecnologias, encontrando uma forma de segurança na mediação digital, o que, paradoxalmente, enfraquece seu desejo de explorar o mundo real. O processo de transição que deveria culminar em uma interação mais plena com o mundo externo é interrompido, e o sujeito passa a rejeitar, ou ao menos desinvestir, das possibilidades que o mundo real oferece.

Para muitos adolescentes e adultos jovens, as novas tecnologias proporcionam um controle do espaço e das relações sociais que o mundo real frequentemente não permite. Turkle (2017) argumenta que as interações digitais oferecem uma forma de "solidão compartilhada", onde os indivíduos podem estar conectados superficialmente sem se engajar plenamente nas complexidades das relações humanas reais. Este controle é atrativo, especialmente para aqueles que se sentem ansiosos ou frustrados com as demandas da realidade externa. A "resignação" nesse contexto pode ser vista como



uma resposta a essa ansiedade, onde o indivíduo escolhe se manter em um espaço protegido e previsível, renunciando ao risco e à imprevisibilidade do mundo externo.

- Fatores que contribuem para a Resignação Transicional

Um dos fatores que facilita a resignação transicional é o próprio design das tecnologias. Jogos online, redes sociais e aplicativos de entretenimento são projetados para proporcionar recompensas imediatas e constantes, criando um ambiente de gratificação instantânea que pode ser viciante (Zepf, 2010). Para um adolescente ou adulto jovem, que ainda está em processo de construção da identidade e da autonomia, essas recompensas podem ser particularmente atraentes, especialmente quando comparadas às frustrações e complexidades da vida real. A facilidade com que esses ambientes podem ser acessados faz com que o espaço transicional se transforme em um estado permanente, e não em uma fase de transição.

Outro fator importante é o contexto social contemporâneo, onde as pressões por sucesso e desempenho são exacerbadas, especialmente entre jovens. Esses indivíduos, muitas vezes,



encontram nas tecnologias uma fuga dessas pressões, o que pode fortalecer sua fixação no espaço transicional digital. Como aponta Lemma (2014), o ambiente digital oferece uma forma de autoexpressão menos arriscada, onde o sujeito pode evitar a dor do fracasso e da rejeição que faz parte do processo de individuação.

Resignação Transicional, *Daydreaming* e Espaço Transicional: Uma Teia Conceitual

A relação entre os conceitos de "*daydreaming*" (sonhar acordado), espaço transicional, resignação transicional e o uso das novas tecnologias na psicanálise pode ser explorada para compreender como esses fenômenos se conectam no desenvolvimento psíquico e no comportamento dos sujeitos na contemporaneidade.

- *Daydreaming* e Espaço Transicional

O "*daydreaming*", ou sonhar acordado, é um processo psíquico em que o sujeito cria fantasias e imagina cenários que o ajudam a lidar com tensões internas ou frustrações da realidade externa. Esse fenômeno está intimamente ligado ao conceito de espaço transicional de Donald Winnicott (1975). O "*daydreaming*" pode ser entendido como uma expressão desse



espaço transicional, onde o indivíduo transita entre o mundo interno e externo, criando fantasias que aliviam tensões emocionais e permitindo a exploração de desejos inconscientes.

Assim como o espaço transicional facilita a exploração criativa e a transição entre dependência e autonomia, o "*daydreaming*" permite ao sujeito um espaço psíquico onde pode brincar com ideias, desenvolver fantasias e ensaiar possíveis cenários da realidade. Freud (1908) já havia descrito o "*daydreaming*" como uma forma de realização de desejos inconscientes, que oferece ao indivíduo um alívio momentâneo das frustrações da realidade. No entanto, Winnicott (1975) vai além ao enfatizar que essas fantasias desempenham um papel crucial no desenvolvimento da criatividade e na capacidade de lidar com o real, especialmente quando apoiadas por um ambiente suficientemente bom.

As novas tecnologias oferecem uma forma de gratificação imediata e controle, que pode substituir a função do "*daydreaming*" ao proporcionar uma realidade virtual controlada e constantemente acessível. Plataformas como jogos online, redes sociais e aplicativos de streaming permitem ao indivíduo evitar as frustrações e os riscos inerentes à vida real, oferecendo, de forma similar ao "*daydreaming*", uma



realização de desejos em um espaço seguro. Porém, diferentemente do “*daydreaming*”, onde o sujeito ainda mantém uma conexão com seu mundo interno, a fixação nas tecnologias pode promover uma desconexão emocional, onde o indivíduo se resigna a permanecer em um espaço transicional virtual, comprometendo seu desenvolvimento emocional e sua capacidade de enfrentar a realidade externa (Lemma, 2014).

A “resignação transicional” pode ser entendida como uma versão contemporânea e patológica da fixação no espaço transicional, onde o sujeito permanece preso em um estado de ilusão e controle, utilizando a tecnologia como substituto para o “*daydreaming*” saudável e para as interações criativas com o mundo externo, inibindo a criatividade e a capacidade de fantasiar.

Esse estado é facilitado pelo design das tecnologias, que são projetadas para oferecer recompensas imediatas e feedback constante, reforçando a fixação nesse espaço virtual e dificultando a transição para formas mais maduras de relacionamento com a realidade externa (Zepf, 2010).

A História de Diana: Refugiada no Mundo Digital



Diana é uma mulher de 27 anos, apresenta-se no consultório de modo apático e indiferente, com os cabelos desarrumados, óculos arranhados e roupa e maquiagem pretas, com um estilo gótico. Traz como queixa principal ouvir os vizinhos criticando o fato de ela não sair de casa e as pessoas zombando dela na rua por ser “roqueira”, como se conseguisse escutar os pensamentos alheios.

A paciente relata ser a segunda filha de uma família com 3 filhos, sendo duas mulheres e um homem. Diz ter poucas memórias da infância e se coloca como uma criança quieta e que gostava de brincar de massa de modelar na casa de uma das suas avós sempre com sua irmã ou sua prima. Durante a adolescência, diz que era tímida, interagia apenas o necessário com colegas da escola por serem chatos e por ter desavenças devido ao estilo musical e jeito de se vestir. Suas amizades eram via redes sociais, onde encontrou pessoas que tinham o mesmo interesse que ela, gerando uma “grande sensação de alívio”, conforme seu relato. Ainda na adolescência, deixou de frequentar a casa do tio devido a comentários machistas e assim se afastou da família.

Considerava a escola fácil, com dificuldade apenas em matérias exatas. Devido a um elogio da professora de



português, resolveu escrever um blog, mas em seguida perdeu o interesse. Realizou faculdade online, mas nem sempre tinha vontade de fazer as tarefas porque eram “chatas”. Após a conclusão do curso, buscou empregos que fossem remotos, mas não encontrou e por isso nunca exerceu uma função remunerada. Atualmente, é sustentada pela irmã e mora na casa dos pais, mas a figura paterna não é presente ou não representa impacto na vida de Diana, levantando questões sobre como as figuras masculinas podem ter influenciado o desenvolvimento emocional e as inseguranças da paciente.

Em relação à vida amorosa, já teve dois encontros agendados pelo Tinder com outras garotas, mas que não progrediram. Hoje ela vê o ambiente de aplicativos de encontro como algo perigoso. Descreve que fica muito irritada ao interagir com desconhecidos na rua.

Quando questionada sobre seus sonhos, a paciente diz não se lembrar de muitos, mas descreve dois principais. O primeiro em que é ameaçada por um assaltante e outro de cunho sexual com Billie Joe, vocalista do Green Day, em um barco.

Durante os atendimentos, chamam atenção alguns traços importantes como baixa interação social, falta de perspectiva de



vida, modulação afetiva limitada, comportamento infantilizado, levantando a hipótese de TEA (Transtorno do Espectro Autista). Observa-se ainda nos relatos uma desconexão entre o que fala e o valor que a paciente dá verbalmente às críticas (diz que não se importa, mas aparenta se incomodar), mas sem uma clara caracterização de alucinação.

Diana relata essas situações sem preocupação ou incômodo, demonstrando certo desinvestimento emocional em questões que geralmente afligem outras pessoas, como também desconexão com a vida real, sustentada por uma percepção de que o problema está no mundo externo.

A hipótese é que a paciente se encontra fixada na resignação transicional, ao demonstrar conformidade e aceitação ao estado que se encontra, pela dificuldade que ela tem de se relacionar com pessoas em um ambiente mais íntimo e por fazer uso das plataformas digitais como proteção ao mundo real.

Diana considera a vida fora do mundo digital tão ameaçador que para ela a única maneira de lidar com seus sentimentos é projetá-los nos sonhos e nas interações virtuais, como se fosse um refúgio emocional, que lhe protege do medo de se expor ao



juízo, ao fracasso e à vulnerabilidade que as interações sociais trazem.

A aparente falta de preocupação com sua situação e a dificuldade de se implicar fisicamente e emocionalmente em relacionamentos reforçam a ideia de que a paciente está presa em um estágio mais inicial da adolescência, sem ter passado pelas frustrações e desafios da vida adulta, emocionalmente desconectada e com um nível significativo de disfuncionalidade.

Outra questão importante a considerar é a aparente desconexão com as figuras masculinas em sua vida pessoal e a maneira distorcida que aparecem nos seus sonhos, revelando dois polos: um que representa perigo (o assaltante) e o outro que é inalcançável (o cantor), colocado em um pedestal da fantasia. Pode-se pensar que embora a paciente tenha medo de ter intimidade com homens, ao mesmo tempo, existe um desejo de conexão que ela não consegue realizar na vida real.

É preciso, também, considerar o papel dos pais na construção dessa identidade tão isolada e resistente à socialização, já que parece não terem investido o suficiente em ajudá-la a desenvolver habilidades socioemocionais necessárias para enfrentar os desafios da vida adulta. Os pais



não aparecem no seu discurso como uma referência psíquica negativa ou positiva.

Durante o processo analítico, é preciso levantar mais pistas sobre o contexto e relações familiar, os receios do mundo real e como se deu o processo de construção da sua subjetividade, de modo a possibilitar que Diana construa novas possibilidades de se inserir no mundo real sem se sentir tão ameaçada para interagir e que de modo gradual, ela consiga desenvolver habilidades para seguir caminhos que a levem a experiências concretas mesmo que desafiadoras.

Considerações Finais

O artigo investigou como as novas tecnologias, ao mediar a transição para o mundo externo, constituem um "espaço transicional virtual", conceito inspirado na teoria de Winnicott. Esse espaço, que deveria servir como um estágio temporário e facilitador para o desenvolvimento emocional e social, tem se tornado um refúgio permanente para muitos indivíduos. A transformação de um ambiente de transição em um local de estagnação apresenta consequências como apatia, alienação emocional e limitação do desenvolvimento psíquico, dificultando o engajamento com a realidade e o crescimento emocional.



As novas tecnologias, por meio de dispositivos como smartphones, redes sociais e plataformas de entretenimento, atuam como uma extensão contemporânea do conceito de espaço transicional. Embora essas ferramentas possam oferecer conforto e uma forma de regulação emocional semelhante à que os objetos transicionais proporcionam na infância, a fixação nesse espaço digital pode criar obstáculos significativos para a interação direta com o mundo externo. Isso reflete a possibilidade de que o controle e a previsibilidade oferecidos pelas tecnologias dificultam o enfrentamento das complexidades e desafios das relações e experiências do mundo real.

A dependência de plataformas digitais para gratificação imediata e validação social, observada em comportamentos como o consumo excessivo de conteúdo online e a busca por likes e seguidores, reforça a perpetuação desse estado de "resignação transicional". Os benefícios aparentes, como o alívio emocional e o sentimento de pertencimento social, acabam por manter os indivíduos presos a esse espaço, impedindo o desenvolvimento de habilidades emocionais e sociais mais maduras. A fixação nesse refúgio tecnológico



impede a transição necessária para uma vida psíquica mais integrada e adaptada ao mundo externo.

Diante desse cenário, o artigo propõe reflexões importantes para a clínica psicanalítica, especialmente no trabalho com crianças, adolescentes e jovens adultos. O desafio terapêutico reside em ajudar esses indivíduos a sair do refúgio proporcionado pelas tecnologias, construindo uma subjetividade que lhes permita engajar-se com o mundo real de maneira saudável. Isso requer um processo de desconstrução das defesas e uma reconstrução do self, sempre considerando a singularidade de cada sujeito e a forma como ele utiliza as tecnologias em sua relação com o mundo e consigo mesmo.

REFERÊNCIAS

- Bernardo, C. E.; Silva, D. V. (2022). Os processos dinâmicos de estruturação da personalidade humana à luz da psicanálise freudiana: aspectos inconscientes e o fator social na constituição do sujeito. *Revista Saúde em Foco*, n. 14, p. 923. Disponível em: revistaonline@unifia.edu.br. Acesso em: 10.09.2024.
- Farias, T. M. S.; Nantes, E. S.; Aguiar, S. M. (2015). *Fases psicosexuais freudianas*. Universidade Estadual de Maringá. Acesso em: 10.09.2024.
- Feist, J.; Feist, G. J.; Roberts, T. (2015). *Teorias da Personalidade*. In: *Introdução à teoria da Personalidade*. 8. ed. São Paulo: McGraw Hill.

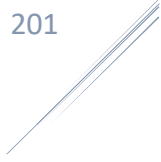


- Freud, S. (1927). O futuro de uma ilusão. In: Obras Incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- Freud, S. (1908). "Creative Writers and Daydreaming". Standard Edition, 9, 143-153.
- Freud, S. (2005). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1905.
- Freud, S. (2010). O ego e o id. Edição padrão das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Volume XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1923.
- Freud, S. (2010). A formação do eu. Edição padrão das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Volume XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1939.
- Haidt, J. (2022). Geração Ansiosa: Como a Cultura do Medo Está Afetando a Juventude e o que Podemos Fazer a Respeito. Tradução de Roberto B. L. da Silva. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Kohut, H. (1971). *The Analysis of the Self: A Systematic Approach to the Psychoanalytic Treatment of Narcissistic Personality Disorders*. University of Chicago Press.
- Lebrun, J.P. (2010). O mal-estar na subjetivação. Porto Alegre: CMC Editora.
- Lemma, A. (2014). *The Digital Age on the Couch: Psychoanalytic Practice and New Media*. Routledge.
- Leskauskas, D. (2020). Generation Z - everyday (living with an) auxiliary ego. *International Forum of Psychoanalysis*, 29(1), 32-41. <https://doi.org/10.1080/0803706X.2020.1719841>
- Ogden, T. H. (1985). "On Potential Space: Autistic Phenomena and the Language of Psychoanalysis". *International Journal of Psycho-Analysis*, 66, 129-141.
- Soler, C. (2018). Rumo à identidade. São Paulo: Aller.
- Teperman, D.; Garrafa, T.; Iaconelli, V. (Org.). *Parentalidade*. 1. ed.; 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. (Coleção Parentalidade & Psicanálise).
- Turkle, S. (2011). *Life on the Screen: Identity in the Age of the Internet*. Simon & Schuster.
- Turkle, S. (2017). *Alone Together: Why We Expect More from Technology and Less from Each Other*. New York: Basic Books.



- Winnicott, D. W. (1958). "The Capacity to be Alone ". *International Journal of Psychoanalysis*, 39, 416-420.
- Winnicott, D. W. (1975). "O brincar e a realidade". Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. W. (2005). *A família e o desenvolvimento individual*; tradução Marcelo Brandão Cipolla - 3a ed. - São Paulo: Martins Fontes.
- Zepf, S. (2010). Addiction to the Internet and online gaming. *Journal of Psychoanalysis and Technology*.





CAPÍTULO IX



O QUE CAPTO E O QUE NÃO CAPTO NOS OLHOS DO PAI: HOJE SENTI GRAVITAR A SUA SOMBRA

Cristina Lúcia Costa Maurício de Macedo¹

¹Psicóloga Clínica, Mestre em Literatura, Doutoranda pela Universidade de Ciências Empresariais e Sociais-Argentina e Analista em Formação pelo Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Recife-SPRPE.

RESUMO

Este trabalho tem o propósito de rerepresentar o conceito inicialmente desenvolvido pela psicanalista Betty Joseph (1975) - O paciente de difícil acesso (PDA) a fim de trazer para o campo da reflexão como ele se manifesta hoje na clínica analítica. A saber, que nenhuma teoria se fecha sobre si mesma, e que lidar com algo que já foi dito, é também poder fazer com que esse algo possa conversar com o presente, na medida em que o passado poderá ser ensaiado sob uma nova luz. A autora apresenta o evento em que o paciente parece cooperar com o desenvolvimento da sua análise, porém o que de fato acontece é uma pseudo-colaboração. O analista será mantido à distância, e com muita dificuldade de acessar a parte regredida e frágil do ego de seu analisando. O trabalho também contará com fragmentos de sessões para uma melhor compreensão da experiência emocional da dupla analítica.

Palavras-chaves: Paciente de difícil acesso; Pseudo-cooperação; Experiência emocional; Transferência; Contratransferência.

Querido Pai,
Tu me perguntaste recentemente por
que afirmo ter medo de ti. Eu não soube,
como de costume, o que te responder,



em parte justamente pelo medo que tenho de ti, em parte porque existem tantos detalhes na justificativa desse medo, que eu não poderia reuni-los no ato de falar de modo mais ou menos coerente... e porque a grandeza do tema ultrapassa de longe minha memória e meu entendimento (KAFKA, 2000, p. 17).

Aquilo que não havia, acontecia (ROSA, 1988, p. 33).

Introdução

Esse estudo se torna importante tendo em vista que: no fazer analítico, o paciente de difícil acesso-PDA, como o próprio nome diz, torna-se inacessível no que tange à transferência. Ele vai então falar, contribuir e até elogiar o trabalho que está sendo realizado, todavia oculta aspectos mais profundos da sua dor psíquica. Para facilitar o manejo da análise onde aparece esse tipo de defesa, o analista necessita se dar conta de estar diante desse mecanismo em que se torna difícil a percepção de partes tão sutis da personalidade, e, contudo, perder a capacidade de intervir favoravelmente.

A pioneira dos estudos referentes ao PDA foi Betty Joseph. Segundo o observatório da FEBRAPSI, Joseph foi uma



respeitada psicanalista didata, pertencente à Sociedade Britânica de Psicanálise. Nascida em Birmingham, cidade da Inglaterra em 7 de março de 1917 e falecida no dia 07 de abril de 2013, em Londres. Trabalhou como assistente social psiquiátrica na Segunda Guerra Mundial. Teve o incentivo do seu analista, Michael Balint, para ir morar em Londres em 1949. Depois foi analisanda da Paula Heimann e teve em Hannah Segal uma troca profissional bastante profícua.

Juntamente com Bion, Hannah Segal e Herbert Alexander Rosenfeld, mais conhecido como Rosenfeld, a psicanalista Joseph pôde dar continuidade aos estudos de Melanie Klein ao aprofundar seus postulados clínicos, tais como o conceito de projeção, identificação projetiva, transferência e contratransferência.

Um fato curioso é justamente o seu interesse pelo paciente inacessível (1975). Para isso ela se debruça sobre a relação analista-paciente, sobretudo, como cada pessoa dessa dupla vivencia seus sentimentos na transferência e na contratransferência.

A transferência e a contratransferência constituem aspectos importantes experimentados pelo paciente nas suas



experiências emocionais revividas com o analista. Contudo nesses casos específicos elas costumam ser imprevisíveis e muitas vezes intensas.

É importante salientar o quanto os estudos relativos ao paciente de difícil acesso tem se ampliado ao longo do tempo. Considerado por muitos como casos irreversíveis e impossíveis de serem analisados. Essa dificuldade de acesso tem suas razões, uma vez que essas pessoas têm um limiar de tolerância muito baixo, possuem uma organização psicológica defensiva e oferecem uma resistência tamanha para suas necessidades de associações e conseqüentemente de transformações.

Vemos na leitura de Melanie Klein hoje (1940), no artigo do qual estamos aprofundando, que a problemática “do paciente inacessível” também foi tema de estudo de outros autores. Em 1942 Helen Deust estuda a personalidade, Winnicott (1960) postula sobre o falso self, Meltzer (1966) desenvolveu um trabalho sobre pseudomaturidade e Rosenfeld (1964) abordou a excisão das partes dependentes do self nos pacientes narcisistas, entre outras.

Todas essas contribuições propiciam reflexões acerca de pessoas que possuem defesas semelhantes em sua forma



de se comunicarem, muito embora com nuances singulares. Esses aportes são valiosos no sentido de facultar o manejo do analista para que ele não somente viva contratransferencialmente esse clima emocional fugidio, mas que possa transformá-lo no processo de integrar e elaborar juntamente com o seu analisando as partes não compreendidas do psiquismo, tornando-o mais autêntico, e capaz de boas relações com objetos totais.

Compreendendo a personalidade do paciente de difícil acesso

Um dos mecanismos de defesa utilizados pelo paciente de difícil acesso é a cisão. Essa defesa foi estudada por Klein (1946), a qual explica que a cisão é um dos mecanismos utilizados pelo bebê para se proteger das intensas ansiedades as quais o ego rudimentar é submetido.

Uma das fantasias do bebê diz respeito à relação que ele estabelece com os objetos, inicialmente a mãe. Portanto o que era vivido como prazeroso estava relacionado ao objeto bom, e o contrário, sensações desprazerosas estavam ligadas ao objeto mau. O papel da cisão é o de separar esses objetos em bom e mal, para garantir e proteger os objetos bons que são de extrema importância para a sobrevivência da criança. Dito de



outro modo, preserva-se o que é bom e se expulsa por meio da projeção os maus objetos.

Mais adiante, Klein vai relacionar a cisão de objetos bons e maus, a uma cisão que pertence ao ego da criancinha. E por esse limite ser tão próximo é que dele deriva as identificações projetivas, que visam expelir para dentro do corpo da mãe tudo que é incomodo, protegendo assim o seu aparelho mental.

Em Notas sobre alguns mecanismos esquizoides (1982, p. 319), Klein descreve sobre esse mecanismo: “Acredito que o ego é incapaz de cindir o objeto – interno ou externo – sem que ocorra uma cisão correspondente dentro dele. Desse modo, as fantasias e sentimentos sobre o estado do objeto interno influenciam vitalmente sobre a estrutura do ego. Quanto mais o sadismo prevalece no processo de incorporação do objeto e quanto mais o objeto é sentido como estando em pedaços, mais o ego corre perigo de cindir-se em correspondência aos fragmentos do objeto internalizado”.

É através da fantasia que a criança parte o objeto e o self, e tudo isso parece ser extremamente verdadeiro, por isso com o desenvolvimento do pensamento, os sentimentos, emoções e relações ficam espalhados um do outro.



De volta para o mecanismo de projeção, quando o bebê evacua partes más do seu ego para dentro da mãe, ele sente a mãe como uma pessoa separada dele, e ela é que é má. Porém a persecutoriedade passa a ter um predomínio sobre a vida mental do infante, ele pode ter mais vontade de atacar essa mãe ou de se retrair para poder proteger-se.

Relatos de alguns pacientes que evocam sentimentos desconfortantes, e às vezes aterrorizantes carregados de ansiedades claustrofóbicas podem ter origem nesse mecanismo, uma vez que os sentimentos de culpa se sobressaem.

Quando as identificações projetivas envolvem as partes boas do self, podemos dizer que esse processo é parte do desenvolvimento normal da relação mãe-bebê. Aqui encontramos a base do amor e da empatia. Tudo isso numa medida razoável, porque quando o amor excede, iremos observar o empobrecimento do ego e uma forte dependência da mãe, ou da pessoa que contém as partes boas do self, substitutos dessa mãe.



Um olhar sobre o paciente de difícil acesso hoje

No artigo Falha de continência primária e caminho da compulsão a re-petir: isolamento, defesa, maníaca e atualização na transferência (2018) da psicanalista Teresa Haudenschild, a autora expande a nossa visão sobre o paciente de difícil acesso.

Em sua prática clínica ela acompanhou alguns pacientes durante seis a doze anos e observou que falhas de continência primária na relação primária. As mães que tinham dificuldades de *reverie* poderiam contribuir com a dificuldade de constituição de um aparelho para pensar pensamentos. Essas crianças são também marcadas por um enfraquecimento para enfrentar a realidade (por não ter desenvolvido meios para tal). Assim mesmo, eles se apegam nas defesas de contato com o outro, por medo e terror de enlouquecer.

É exatamente aí que se opera o que chamamos a falsa análise, onde o analista fica impossibilitado de operar, e que se tem a nítida sensação de que a análise está caminhando. O que temos são defesas fortíssimas do paciente que se afasta de seus sofrimentos, sua dor e das suas vivências profundas,



terror sem nome, estudado por Bion (1962) a partir de experiências clínicas com psicóticos, segundo Sandler (2021).

Handenschild (2018) chama atenção para que o analista se atenha a esse detalhe de não integração do funcionamento mental, para que através da diminuição das defesas e com a integração da parte cindida do self, a proximidade psíquica aconteça no aqui e agora das sessões. Mesmo salientando o quanto isso vai demandar um imenso trabalho na relação analista-analisando.

Caso Clínico

Miro é o seu nome fictício, tinha 29 anos de idade quando me procurou há cinco anos. Tem uma irmã de 40 anos, seguido de um irmão com 38 anos, ele é o caçula.

Em suas primeiras entrevistas percebo muito medo em seu olhar, apresenta uma fala ansiosa e ao mesmo tempo contida. Seus cabelos penteados para cima com tranças (disse-me uma vez que ali residia a sua força). Externamente transmite algo impenetrável, onde esconde a sua sensibilidade.

Seu pai era comerciante do ramo de agricultura, plantava e vendia seus produtos. Quando Miro completou 5 anos, seu pai



faleceu subitamente próximo da sua casa, e alguns dias depois um parente bem próximo que trabalhava com o seu genitor. Quando criança sempre fez perguntas a sua mãe sobre a morte que decaiu sobre a sua família. Ouvia constantemente a seguinte frase: “acontece”.

Sua mãe, a quem ele diz ter muito amor, a maior parte do tempo dedicava-se a cuidar dos afazeres da casa, dos filhos e do marido. Com o passar do tempo descobriu que seu pai tinha outra família, e um irmão que ele desconhece. Tem muito orgulho da sua profissão, e se diz muito grato à universidade pública. É funcionário de uma escola particular na periferia da cidade. Em suas entrevistas iniciais comigo se queixa de sintomas de fobia social, crises de ansiedade, insônia, medo de ser pego e ser agredido na rua. Afirmava a possibilidade de isso tudo acontecer, uma vez que o presidente recém-eleito no Brasil expressava a sua intolerância ao negro e ao homossexual.

Meu paciente tinha sonhos e pesadelos muito intensos: sonhava ser pego pela polícia e ser esbofeteado, até morto. Passou a ter cuidado ao andar na rua, ficou cada vez mais taciturno e isolado.



Trazia uma tristeza por não ter sido aprovado numa seleção de mestrado. Mas me diz que iria continuar tentando cada vez mais, o que de fato aconteceu.

Observei o quanto suas sessões eram permeadas de narrativas referentes ao seu cotidiano, falava de diversos assuntos, inclusive assuntos relacionados ao sofrimento dos amigos. Dizia-se preocupado e desejoso de ajudá-los. Citava autores e trechos de livros que lia. Relatava eventos de seu trabalho, de seu relacionamento. Preocupava-se com a alienação familiar, e demonstrava desejo de poder fazer com que a família tivesse um posicionamento crítico, político e social.

O meu sentimento era de que Miro estava e não estava comigo. Algo ele comunicava, porém, não havia expressividade emocional, eu tinha a sensação de que a sua comunicação parecia notícias de rádio ou de jornal, explico: suas intensas verbalizações continham na verdade atuações na própria linguagem, elas se encadeavam sem exercitar as associações livres.

Betty Joseph traduz esse fenômeno descrito acima como uma fala dirigida a outro paciente, mas nunca ao paciente que está na sala de análise. A parte mais frágil e dependente



permanece cindida, com muita dificuldade de se colocar em comunicação. Sentimentos de dependência, rivalidade, inveja intensa e ansiedades compõem a parte cindida, via de regra são afastadas das figuras parentais, impasses relacionados as dificuldades de separação.

Thomas Ogden em seu livro, *Reverie e Interpretação* (2013) traz para o campo da clínica uma observação admirável: anota ele que é muito importante na análise observar o sentimento de vitalização e desvitalização na transferência e na contratransferência. Essa medida é um termômetro para compreender como estão sendo vividos os sentimentos a cada momento no processo analítico. E lança a seguinte pergunta: quando foi a última vez que os participantes sentiram a análise com vida? (Ogden, 2013, p. 38).

“Há uma vitalidade disfarçada? Que tipo de formações substitutivas podem estar mascarando essa falta de vida?”

Ogden (2013) pergunta: “excitação maníaca? Prazer perverso? Atuações histéricas? Construções “como se”, dependência parasitária da vida íntima do analista?”



Esse era o meu sentimento o de desvitalização e ao mesmo tempo alguma ligação, um vínculo. Miro estava presente, dificilmente faltava.

De alguma maneira, as suas sessões em um ano comigo, talvez tenham tido um efeito de diminuir suas ansiedades persecutórias. Uma vez que ao longo desse período, observei que sua queixa inicial, o medo de ser pego e machucado na rua pela polícia havia diminuído e ou “desaparecido”.

Miro faz a seleção para o mestrado e passa na colocação de primeiro lugar. Com isso ficara muito feliz e orgulhoso, mas a fragilidade que eu podia perceber se caracterizava quando: nem com o seu companheiro conseguia verbalizar qualquer insatisfação, provavelmente, isso acontecia no nosso caminho de análise. Também não avançava nas suas conversas comigo no que tange a um contato emocional mais próximo e verdadeiro.

Passou mais de um ano e seis meses dizendo de suas conquistas, do quanto estava “feliz” e etc. Eu me perguntava: o que então estou fazendo? Como é que posso me aproximar mais intimamente dele? Será que isso vai acontecer?



Miro havia me indicado alguns amigos para análise, e neles eu via outro tipo de comunicação surgindo, mais verdadeira, mais próxima e íntima e por que com ele não?

Algumas vezes tive vontade de desistir, sentia na contratransferência algo que desafinava, um desestímulo, pois parecia que “tudo estava bem” no *setting* analítico, e eu sentia que ele omitia o que era doloroso, na vida dele havia catástrofes profundas. Seu pai manifestava condutas violentas, era duro demais, autoritário, quase um tirano com ele, e com os seus irmãos. Não eram raras discussões violentas entre o casal parental.

Miro manifestava medo do pai, muito medo. Nunca o olhou nos seus olhos.

- Fragmento de uma sessão 1.

Um dia, passado dois anos comigo, Miro fala:

P. Estou travado não consigo falar nada, não sei o que dizer. Fico pensando por que estou assim.

Pausa...



Mas você pensa, não é? Você sonha, o psiquismo está sempre em movimento. Quando você diz não saber, temos o que buscar para tentar saber.

(Penso comigo que há algo que está impedindo a sua comunicação).

P. Sim, eu sempre tive essa dificuldade de falar, não quando estou falando sobre diversos assuntos, ou apresentando um trabalho, não. Esse é o meu eu performático. A minha dificuldade é quando estou diante de pessoas que gosto.

A. Lembro o quanto você sofre quando tem que conversar com L. (seu companheiro), sobre assuntos que lhe incomodam na convivência com ele.

P. Sim, isso é uma grande dificuldade.

Pausa: 5 minutos

P. Eu lembrei agora de uma coisa. Um dia meu pai estava dormindo no quarto, era de tarde e eu tinha de 3 para 4 anos. Eu entrei no ambiente e fui mexer no ventilador. O objeto caiu e o meu pai se levantou furioso, me chutou, me espancou, eu não tinha como fazer nada estava esmagado no chão. A minha sorte foi que minha mãe correu, me tirou de lá, e pediu para que ele parasse. Eu recorro dos seus olhos cheios de fúria, era muito ódio mesmo.



P. Sempre tive essa memória como algo que era uma espécie de sonho ou até mesmo ficção, mas não, Cristina, isso foi realidade. Eu sempre tive muito medo. Eu estou com vontade de chorar.

Ele se emociona. Chora. Eu me calo atenta. Ele agradece por ter podido falar pela primeira vez desse episódio tão traumático da sua vida.

Mentira por verdade assim se manifesta o inconsciente para Freud. O inconsciente que se mostra disfarçado, oblíquo, negado.

Esse paciente me faz refletir sobre o paciente de difícil acesso de Betty Joseph, sobretudo no que diz respeito às defesas de Miro. Era exatamente assim que eu sentia, afastada, impossibilitada de me aproximar de seu self verdadeiro. Me sentia como uma depositária de seu tropel de palavras em fugas.

Mesmo quando eu tentava assinalar algum sentimento, ou alguma tentativa de interpretação, o certo era ele me agradecer por estar “bem”, encaminhava outro assunto e escapava.

Exceto essa sessão que me pareceu que alguma camada defensiva se rompeu, e agora nascia a esperança de uma proximidade, de algo íntimo e imensamente doloroso.



James Grotstein (2017, p. 95) ao falar da função analítica, explica que ela tem a tarefa de “fornecer uma segunda opinião” ao analisando para que ele possa perceber melhor aquilo que já sabia. O mesmo que Freud havia dito com outras palavras – que o paciente sabe, mas pensa que não sabe, percebemos o que já sabíamos inconscientemente.

Uma experiência emocional crua deve ser alfabetizada – É a Função alfa, conceito desenvolvido por Bion. Se faz necessário amparar a dúvida, o peso da angústia e a imprevisibilidade do diálogo.

Nosso trabalho segue, apesar das suas verbalizações conterem ainda aspectos de um *acting out*, uma fresta se abre, e ela traz a possibilidade de compartilharmos sentimentos, uma parte excluída de sua personalidade se tornou disponível, com possibilidades de uma maior integração de seu ego.

- Fragmentos de uma sessão 2

P. Cristina, depois da nossa última sessão abriu-se muitas janelas em mim. Vieram algumas lembranças de quando o meu pai faleceu. Lembro da minha mãe com muita tristeza, preocupada com a sobrevivência familiar. Minha mãe desconversava ou mudava de assunto quando eu perguntava



sobre aquele tempo, e sobre como era o meu genitor. Sabe, pela primeira vez tive um olhar de agradecimento e beleza sobre o meu pai.

P. Ele estava construindo uma casa para todos nós e havia presa, muita presa. Será que ele estava doente e por isso correu com a construção? Ele queria deixar todos nós amparados.

P. Meu Deus, eu fico até emocionado de pensar... minha irmã mais velha assumiu o lugar dele – as vezes me castigava por qualquer coisa, me batia. Não tinha medo dela como tinha do meu pai. Ela tem o mesmo olhar dele. Eu nunca tive coragem de olhar para o meu pai, morria de medo. A minha irmã tem esse olhar de ódio, mas tem também ternura.

P. Lembro de quando andava com a minha mãe na rua e ela expressava aquele olhar sisudo quando passava perto do trabalho do pai.

P. Antes da morte dele fomos morar na casa que ele construiu. Lá teve um aniversário meu, pouco antes dele falecer. Mas no fatídico dia, recorro de algumas pessoas chegando, revirando a nossa casa, colchão, tudo em busca de alguma coisa que não sei.

P. Nossa, que lembrança que tive agora. Lembrei ontem em casa que eu estava no colo do meu pai, havia um desconforto. Eu não me sentia bem, hesitava.



P. Poxa vida, pelo menos estou vendo algo bom nele, eu não contava com isso.

P. A sessão termina com Miro muito emocionado.

Tereza Rocha Leite Haudenschild vai nos dizer que a criança é marcada antes mesmo dos seu nascimento pelas expectativas dos pais. Essas expectativas passam pela cultura e são guiadas por fatores constitucionais, ambientais explícitos – culturais e sociais implícitos baseados nas configurações psíquicas dos pais e de suas projeções inconscientes sobre a criança – na denominação de gênero.

Para Haudenenschid em seu artigo A infância e a adolescência violentadas (2008, p. 52), quando a mãe tem uma bissexualidade psíquica bem estruturada, com uma boa internalização de seu casal parental, e de sua relação com cada um deles, ela pode oferecer ao bebê, desde o nascimento um olhar que o acolhe em sua singularidade.

Tudo começa com a simbiose saudável e a valorização do bebezinho com suas diferenças. Na experiência de ser um com a mãe, é que o bebê começa a experimentar e constituir o seu



feminino, a sua capacidade de se envolver. Estando presente a masculinidade contida na bissexualidade materna.

Bion, vai nos dizer que isso só é possível de ser exercitado se a mãe tiver amor pelo pai da criança. Dar continência aos conteúdos expulsos pelo bebê, e lhes devolver de forma tolerável, dando-lhes significado. Favorece a capacidade de simbolização e de comunicação interpessoal.

Na entrada do pai que já vem sendo construída devagar, acredito que não seja de modo imediato. Com essa chegada a criancinha é destituída de sua majestade, o bebê. É nesse instante, por volta dos três meses que o bebê entra em contato com essa realidade vindo a elaborar de sua maneira possível.

O pai com o desempenho da função paterna é muito importante para o desenvolvimento de seu filho. Ele também precisa ter a sua bissexualidade psíquica bem estruturada, assim como a mãe.

Além do Miro ter perdido o pai cedo, ele não pôde reconhecê-lo como pai. Os fatores são inúmeros e não pretendo enumerá-los aqui. Sabe-se que a relação adesiva com a sua mãe somado a alguns atos de violência familiar impediram Miro



de apreciar esse pai, de se identificar, como também de desenvolver afeição e amor por ele. Seus olhos não puderam enxergar e em seguida integrar as ambivalências paternas até então.

Na sessão seguinte, meu paciente falta. Penso que o psiquismo precisa as vezes de um repouso, para continuar em elaboração. Mas não sei o que se passou. Ele me avisou de última hora que estava com um problema em casa e ia tentar resolver, pede desculpas.

- Fragmentos de uma sessão 3

P. Eu estava em casa e o meu gatinho ficou doente. Percebemos (Eu e L.), que havia algo com ele, levamos ao veterinário. Também eu fiquei muito chateado com o resultado do concurso, embora que eu não estudei para valer, fiz para tentar. Eu não consegui vir para sessão. Não passei, tinha lhe falado que a prova tinha sido muito boa. Não sei o que aconteceu. O L. passou, e eu estou feliz por ele. De tarde, quando saiu o resultado, liguei para ele muito triste e como sempre ele calmamente disse: fica tranquilo, eu chego já, vamos ficar juntos, vamos conversar.



P. Percebo que a minha vida está em ascensão, não posso fazer como antes, seria horrível. O que um dia você me falou, olhar para trás para enxergar o que foi construído.

A. Miro você pode relembrar como era o seu comportamento antes? Como você reagia?

P. Eu iria me punir como sempre, iria dizer que sou a pessoa mais burra do mundo, um fracassado. Preciso pensar que passei no mestrado em primeiro lugar, fui aprovado com louvor, passei em algumas seleções para trabalhar. E ainda fiz uma cirurgia.

A. Verdade. Foram muitos desafios e conquistas.

A. Você lembra quando era criança como reagia aquilo que não conseguia?

P. Eu lembro da minha mãe fazendo tudo por mim, eu só andava de mãos dadas com ela.

A. Até que idade?

P. 18 anos

P. Ela sempre dizia – isso você não sabe fazer, isso deixe que eu faço para você, porque você não sabe. A minha mãe faz tudo por todos os filhos, ainda hoje. Em casa ela sabe exatamente onde tudo está.

P. Foi difícil romper com esse padrão, mas consegui. Agora me dou conta que a questão da fala também tem a ver com a



minha mãe. Ela falava por mim, pensava por mim. Mas hoje eu posso me expressar sem tanto medo do abandono.

(Uma observação importante é que Miro saiu da casa familiar aos 23 anos para morar com L. Denota que seu companheiro é uma pessoa cuidadosa e dedicada. Isso já se vão mais de dez anos).

A. Tenho percebido o quanto você tem relatado experiências muito íntimas da sua vida. Está em contato consigo. Fala por si mesmo. Esse sinal é muito bom, faz parte do seu crescimento aqui.

P. E isso tem me proporcionado uma autonomia incrível. Tenho pensado que em algum momento vou precisar conversar com a minha mãe, ela é a dona dessa história. Eu sempre perguntava muito e devo dizer que também sempre fui detalhista. Vamos ver o que vai sair dela, pois percebo que talvez sofra ao falar do meu pai. Agora estou interessado para descobrir o que posso. Vou em busca.

Em uma Dificuldade no caminho da Psicanálise, Freud (1976, p. 177) diz textualmente: “O que está em sua mente não coincide com aquilo de que você está consciente.” Há uma diferença entre o que se sabe e o que de fato acontece”. Essa sintonia vai sendo interligada ao passo em que o processo analítico pode avançar.



Frase de Freud em *Análise terminável e interminável* (1975, p. 271): “Durante o tratamento, nosso trabalho terapêutico está constantemente oscilando para trás e para frente, como um pêndulo, entre um fragmento de análise do id e um fragmento de análise do ego”. Mas as resistências contra o restabelecimento estarão presentes.

E nos brinda com essa célebre frase. O que um dia veio à vida, aferra-se tenazmente à existência. Fica-se às vezes inclinado a duvidar se os dragões dos dias primevos estão realmente extintos (FREUD, 1975, p. 260).

Talvez não extintos exatamente, mas vistos em proporções menos assustadoras para o que eram – “Dragões”.

Considerações Finais

Se tornam importantes os estudos das teorias e das técnicas em psicanálise, elas são como lentes, na medida em que é através delas que podemos avaliar a nossa prática analítica, como também observar o quanto as nossas interpretações estabelecem contato emocional verdadeiro com o paciente, ou se ele se distancia e evita qualquer proximidade com a dor.



Esse estudo, me refiro ao “O paciente de difícil acesso” escrito há quase 50 anos pela Betty Joseph oferece a possibilidade de prestarmos atenção ao risco das relações acomodadas, em que o analista é convocado para estar junto com o seu paciente num conluio, capaz de manter preso e estagnado todo o processo analítico.

Ouvimos toda fala do nosso paciente, não para acudi-la, mas para ampliá-la, deslocá-la, esclarecê-la, desmanchá-la em outras falas. Uma comunicação com um peso intelectual, ainda que racional pode se dissolver em sofrimento.

Pude através desse trabalho e dos autores citados me aproximar, mais de uma vez, de maneira mais respeitosa, do meu paciente Miro (citado acima), e pude compreender o quanto entrar em contato com experiências de dor, carregadas de afetos requerem um cuidado e uma coragem parcimoniosa da dupla analista/analizando, afinal, todos nós humanos um dia precisamos nos vestir de capas impermeáveis, às vezes de pedra endurecidas para sobreviver o assalto das vivências dolorosas.

Temos o outro em nós, com os legados dos objetos bons ou maus. Viver a solitude é desenvolver em si, a capacidade de



tolerar o luto pelos objetos e lidar com a ansiedade de separação. Ao contrário disso a lógica do meu paciente parecia ser - Discordar = o mesmo que perder para sempre/separar/destruir.

Quiçá, Miro possa encarar a medusa (olhos do pai), sem olhar diretamente em seus olhos, como fez o herói Perseu que não recusou a realidade, e pôde vencer a luta através do reflexo do espelho, pelo modo da visão indireta, assim como se propõe a Psicanálise, a cada dia uma nova descoberta, mas nunca a “verdade’ diretamente e nem totalmente.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, R. (Org.). (1994). Conferências Clínicas sobre Klein e Bion. Tradução de Berlinda Haber Mandelbaum. Rio de Janeiro: Imago Ed.
- BARROS, E. M. R. (Coord.). (1991). Melanie Klein Hoje: desenvolvimento da teoria técnica. Tradução de Belinda Haber Mandelbaum. Rio de Janeiro: Imago Ed., v. 1.
- BARROS, E. M. R. (Coord.). (1991). Melanie Klein Hoje: desenvolvimento da teoria técnica. Tradução de Belinda Haber Mandelbaum. Rio de Janeiro: Imago Ed., v. 2.
- BION, W. R. (2021). Aprender da experiência. Tradução de Ester Hadassa Sandler. São Paulo: Blucher.
- FREUD, S. (1975). Análise terminável e interminável (1937). Rio de Janeiro: Imago.
- FREUD, S. (1976). Uma dificuldade no caminho da psicanálise (1917). Tradução de Eudoro Augusto Macieira de Souza. Rio de Janeiro: Imago.



- GROTSTEIN, J. S. (2017). "...no entanto, ao mesmo tempo e em outro nível...": teoria e técnica psicanalítica na linha Kleiniana/bioniana. Tradução de João Paulo Machado de Souza. São Paulo: Blucher, v. 1.
- HAUDENSCHILD, T. R. L. (2008). A infância e a adolescência violentadas psíquicamente. *Psicanálise em Revista*, Recife, v. 6, n. 2, pp. 218-229.
- HAUDENSCHILD, T. R. L. (2018). Falha de continência primária e caminhos da compulsão a re-petir: isolamento, defesa maníaca e atualização na transferência. In: MELLO, Rita Andréa Alcântara de; SANTOS, Walkiria Nunes Paulo dos (Orgs.). *Des-amparo e a mente do analista*. São Paulo: Blucher.
- KAFKA, F. (2000). Carta ao pai. Tradução de Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM.
- KLEIN, M. (1982). Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In: KLEIN, M. et al. *Os progressos da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- KLEIN, M. (1991). Inveja e gratidão e outros trabalhos. Tradução de Elias Mallet da Rocha e Liana Pinto Chaves. Rio de Janeiro: Imago Ed.
- OGDEN, T. (2013). *Reverie e interpretação: captando algo humano*. Tradução de Tania Mara Zalcborg. São Paulo: Escuta.
- ROSA, G. (1988). A terceira margem do rio. In: *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.





CAPÍTULO X



A ESCOLHA DO OBJETO E SUAS IMPLICAÇÕES NA MELANCOLIA E NAS CONFIGURAÇÕES BORDERLINE E NARCÍSICA

Renato Fabio Alberto Della Santa¹

¹Membro em formação da Sociedade de Psicanálise do Recife (SPRPE).
Graduação em Medicina (UFPE). Médico Intensivista pela Associação de
Medicina Intensiva Brasileira (AMIB).

RESUMO

As configurações borderline e narcísica são cada vez mais comuns na sociedade atual, caracterizada por um aumento significativo no número de pacientes com depressão e melancolia. Dentro desse contexto, analisaremos a escolha do objeto e as implicações advindas dessa escolha fundamental, com ênfase nas repercussões do funcionamento mental do indivíduo, bem como dos aspectos psicanalíticos que caracterizam esses pacientes.

Palavras-chaves: Objeto; Melancolia; Borderline; Narcisismo; Complexo de Édipo.

Introdução

O estudo da escolha do objeto ocupa uma posição central na psicanálise. É a partir da escolha de um determinado objeto que a pulsão poderá atingir a sua meta, ou seja, a satisfação. Todavia, no estudo da metapsicologia Freudiana, sabemos que nem sempre a satisfação de uma pulsão significa um bem-estar psíquico. Isso porque o investimento pulsional no objeto, ao invés de melhorar, poderá iniciar ou perpetuar o sofrimento



mental, principalmente em situações em que o Ego se encontra fragilizado, quando predominam as defesas psíquicas rígidas e arcaicas. No presente trabalho, discutiremos a importância do objeto, a sua escolha na melancolia e nas configurações borderline e narcísica.

A teoria do objeto

A teoria do objeto foi desenvolvida por Freud, em vários textos, ao longo dos anos¹. Garcia-Roza ressalta que o objeto tem uma representação mental, a qual é investida pela pulsão. Em outras palavras, entra a pulsão e o objeto existe o desejo e a fantasia (pp.92-96). Ao escrever os “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (p. 21), Freud traz inicialmente o conceito de objeto sexual (“a pessoa da qual vem a atração sexual”) e de meta sexual (“a ação a qual o instinto impele”, que impulsiona).

Por sua vez, no texto “das pulsões e seus destinos” (pp. 57-60), Freud aborda com mais detalhes os termos relacionados a teoria das pulsões (“elementos pulsionais”): a fonte da pulsão (“processo somático em um órgão ou parte do corpo, cujo estímulo é representado na psique pela pulsão”), impulso (a

¹ Garcia-Roza afirma que em 1895, no “*Projeto*”, já havia a descrição da catexia como sinônimo de investimento (*Besetzung*) nas representações (p.96).



pressão, a medida de trabalho realizado), a meta (a satisfação da pulsão) e o objeto (“é aquele com o qual ou pelo qual a pulsão pode alcançar a sua meta”).

É importante ressaltar que o objeto é o elemento da pulsão que tem a maior possibilidade de variação. Além disso, citando Alfred Adler, Freud chama atenção para o “entrelaçamento pulsional”, onde o mesmo objeto poderia, em tese, satisfazer várias pulsões. Nesse sentido, entendemos que o entrelaçamento pulsional reforça o poder que um objeto pode representar para um indivíduo, como uma espécie de dependência extremada de um objeto, com implicações significativas na clínica das configurações narcísicas e borderlines.

A descoberta e a escolha do objeto

A primeira satisfação sexual está intimamente relacionada com a ingestão do alimento, razão pela qual Freud concluiu que o objeto estaria fora do corpo da criança: o exemplo clássico é o prazer sexual obtido quando a criança suga o leite materno, tendo como objeto o seio da mãe (três ensaios, pp.142-143).



Essa interação é de grande importância na escolha do objeto, que nessa fase, é considerado um objeto parcial². Este objeto será perdido, posteriormente, quando a criança tiver a percepção da pessoa que tem o seio, ou seja, a mãe. A partir deste momento, o instinto sexual será autoerótico.

Freud desenvolve a teoria que diz respeito à escolha inicial do objeto, que ocorreria em três³ tempos (ou ondas): a primeira acontece entre os dois anos e os cinco anos. Ela é caracterizada pela “natureza infantil de suas metas sexuais”. A escolha do objeto nessa fase terá consequências da maior importância, que serão revividas na puberdade. Ela tem como fundamento a teoria do apoio, ou seja, as pulsões sexuais utilizam-se das pulsões de autoconservação (da vida) para a sua satisfação.

Em outras palavras, a criança obtém prazer sexual com diferentes partes do próprio corpo (ou seja, órgãos, como a boca, a região anal e o pênis) existindo múltiplas possibilidades

² Laplanche/Pontalis lembram que a expressão “objeto parcial” foi introduzida por psicanalistas kleinianos, onde partes do corpo, reais ou fantasísticas (seio, fezes, pênis), estão relacionadas com os seus equivalentes simbólicos. Todavia, *“a ideia de que o objeto da pulsão não é necessariamente a pessoa total já está explicitamente em Freud”*. p. 325.

³ Inicialmente, as fases são: oral e anal. A nota 60 de 1924, acrescenta a 3ª fase, conhecida como a fase fálica. Entre o término da fase fálica e o início da puberdade (fase genital), a criança passa pela fase da latência. Comentários no texto.



de prazer sexual, de caráter auto erógeno, razão pela qual Freud afirmou que a criança teria uma “predisposição de ser polimorficamente perversa (pp.98-99).

Em 1905, fica evidente a percepção que Freud tinha da dificuldade de aceitação da sua teoria da sexualidade, ao constatar que as mães ficariam assustadas (seria percebido como um “sacrilégio”) com o fato de que o seu cuidado para com o bebê seria uma grande fonte de excitação sexual para a criança (p.146).

Essa fase “tenra” é interrompida pela latência, por volta dos 5-6 anos, a qual tem duração até a puberdade. Após a latência, a segunda etapa teria início, com a puberdade (fase genital) “determinando a configuração definitiva da vida sexual” (p.111), acontecendo a escolha do objeto total (objeto de amor ou objeto genital, Laplanche/Pontalis pp.323-324).

Eles enfatizam que durante a latência, ocorre a intensificação do recalque, originando uma amnésia com relação aos primeiros anos de vida (pp.263-264).

Apesar do recalque, a latência é de extrema importância na vida psíquica de todos os indivíduos. Uma das consequências da latência é o retardo da maturação sexual. Dentro desse



contexto, Freud entende que esse atraso na maturação permite o surgimento de uma “barreira contra o incesto”, com a internalização das “prescrições morais” da sociedade, tendo como consequência principal a proibição da escolha dos pais como objeto sexual (pp.147-152).⁴

As fases da organização genital e o complexo de Édipo

Como sabemos, Freud realizou várias atualizações no texto dos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. Ao comentar a respeito “Das fases do desenvolvimento da organização sexual”, Freud descreveu as fases pré-genitais: A primeira foi denominada de fase oral, onde a atividade sexual encontra-se relacionada com a ingestão de alimentos.

A meta sexual é a incorporação do objeto, com implicações muito importantes no processo da identificação. A segunda fase pré-genital é a sádico-anal, caracterizada por um antagonismo de opostos, do “ativo versus passivo”.

Nesse sentido, Freud ressalta que esses opostos não devem ser confundidos com masculino e feminino, afirmando que o sadismo e o masoquismo seriam perversões relacionadas com

⁴ Nota 77, pp. 147-148 dos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”: Freud cita o exemplo de Totem e Tabu (1912-1913) como um exemplo.



o instinto sexual dos indivíduos: o sadismo como “o componente agressivo” direcionado ao objeto sexual e o masoquismo representando “todas as atitudes passivas ante o sexo e o objeto sexual”, onde a satisfação é vinculada a uma dor física ou psíquica.

A terceira fase da organização genital é a fase fálica, introduzida oficialmente⁵ por Freud no texto “A organização genital infantil” (1923, pp. 169–173). Freud afirma que a existência da fase fálica tem como pressuposto a constatação de que o primado⁶ dos genitais não se realizava (“ou muito imperfeitamente”) na primeira infância.

Nas palavras de Freud⁷: “o menino descobre que o pênis não é um bem comum a todos os seres semelhantes a ele. A visão casual dos genitais de uma irmãzinha ou companheira de brinquedos fornece a oportunidade para essa descoberta”.

Essa descrição de Freud traz implicitamente dois complexos fundamentais: o complexo de Édipo e o complexo de castração. Com relação ao último, Freud entende que a compreensão do

⁵ A título de exemplo, o assunto já vinha sendo abordado em outros textos, como “O pequeno Hans”, “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” e a “Dissolução do complexo de Édipo”.

⁶ Primado como sinônimo de superioridade, primazia.

⁷ A organização genital infantil, p. 172. (1923/2011).



complexo de castração somente pode ser apreciada na percepção de seu surgimento na fase fálica (“de primazia do falo”).

Com relação ao complexo de Édipo, este terá grande influência na constituição do Superego e do Ideal do Ego. As implicações do complexo de Édipo na formação do Superego e suas repercussões no Id e no Eu, foram assim resumidas:

“O Superego é o herdeiro do complexo de Édipo, e, desse modo, expressão dos mais poderosos impulsos e dos mais importantes destinos libidinais do Id. Estabelecendo-o, o Ego assenhorou-se do complexo de Édipo e, ao mesmo tempo, submeteu-se ao Id. Enquanto o Ego é essencialmente representante do mundo exterior, da realidade, o Superego o confronta como advogado do mundo interior, do Id. Conflitos entre o Eu e o superego refletirão, em última instância - agora estamos preparados para isso - , a oposição entre real e psíquico, mundo exterior e mundo interior” (Freud 1923/2011, p. 45).

Em o “Ego e o Id”, Freud chama atenção para novas considerações a respeito da relação entre o Ego e o Id. Em linhas gerais, no início da vida, considerando que o Ego está em



formação, o Id acumula toda a libido dentro de si. À medida que o Ego vai se desenvolvendo, ele recebe os investimentos objetais eróticos. Dessa forma, “o Ego se fortalece e tenta apoderar-se da libido objetal e impor-se ao Id como objeto de amor” (O Ego e o Id, p.58).

Aprofundando sobre o tema da fase fálica, Laplanche/Pontalis trazem à tona as seguintes considerações: 1) o par de opostos atividade-passividade característico da fase anal é substituído pelo par fálico-castrado; 2) A dissolução do complexo de Édipo no menino está relacionada com a ameaça de castração, ainda que inicialmente, o menino possa não acreditar nessa possibilidade. Todavia, a ausência do pênis na menina torna real a possibilidade da castração; 3) A existência de uma organização fálica na menina (o clitóris), dando ensejo ao surgimento do complexo de Édipo através da inveja do pênis, tendo como consequências “um ressentimento com a mãe, que não deu o pênis, e a escolha do pai como objeto de amor, na medida em que ele pode dar o pênis ou o seu equivalente simbólico, o filho”. A resolução do complexo de Édipo na menina ocorre quando ela aceita o fato de não ter o pênis (pp.178-179).

A quarta fase da organização genital é a fase genital propriamente dita, que se inicia na puberdade. Freud ressalta



que a escolha do objeto nos adolescentes é realizada predominantemente na imaginação, através de suas fantasias, o que Freud denominou de “ideias não destinadas à concretização”, equivalente de fantasias incestuosas (três ensaios, pp. 148-150). Essas fantasias retrocedem até o período da latência e são predominantemente inconscientes. Elas exercem grande influência na origem dos sintomas neuróticos, uma vez que “estabelecem as formas que os componentes libidinais reprimidos encontram a satisfação” (três ensaios, p. 148, nota 78).

Cumprir registrar que as fantasias são percebidas como experiências vividas, sendo representadas no inconsciente. A fixação da libido trata de um aspecto em que essas vivências mantém o indivíduo conectado a determinadas formas de satisfação, de caráter arcaico, na relação com o objeto.

A tentativa de superação dessas fantasias é concomitante ao processo mental de questionamento e de oposição à autoridade dos pais, de grande importância para a construção da individualização da pessoa e de seus mecanismos de defesa (três ensaios, p. 151).



O objeto no luto e melancolia

O luto e a melancolia são caracterizados por uma tristeza, um desinteresse pelo mundo exterior, causados pela perda de um objeto. É importante ressaltar que o objeto perdido pode ser concreto (uma pessoa amada) ou abstrato (um ideal). Todavia, o que diferencia o luto da melancolia é que nesta última constatamos uma diminuição da autoestima e um empobrecimento do Eu. Com muita propriedade, Freud afirma que “No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio Eu” (Freud, 2010/1917, pp.171, - 176).

Ao analisar o aspecto econômico, Freud enfatiza que no luto, percebe-se uma retirada gradual das conexões entre a libido e o objeto perdido, surgindo a possibilidade de novos investimentos da libido em outros objetos. Por outro lado, na melancolia, não ocorre a retirada das conexões entre a libido e o objeto perdido (ou ameaçado de ser perdido). Para Freud, o funcionamento mental do melancólico caracteriza-se pela existência de uma inibição enigmática, “pois não conseguimos ver o que tanto absorve o doente”, podendo inclusive levar o paciente a um distanciamento da realidade e um apego patológico ao objeto, que Freud sinaliza como uma “psicose de desejo alucinatorio”. Além disso, a perda do objeto na



melancolia atinge um patamar onde o indivíduo “sabe quem perdeu, mas não sabe o que perdeu”.

Freud também enxerga uma discrepância nas autorrecriações do paciente melancólico: muitas vezes são críticas dirigidas para o objeto amado, que retornam para o próprio eu. Nas palavras de Freud: “A libido livre não foi deslocada para outro objeto, e sim recuada para o Eu. Mas lá, ela não encontrou uma utilização qualquer: serviu de uma identificação do Eu com o objeto abandonado. Assim, a sombra do objeto caiu sobre o Eu, e a partir de então, este pôde ser julgado por uma instância especial como um objeto, o objeto abandonado”.

Citando Otto Rank (2010/1917, pp.181 - 183), Freud afirma que na melancolia, a escolha do objeto “toma uma parte de suas características do luto e outra parte da regressão, da escolha de objeto narcísica para o narcisismo”.

Por outro lado, ao mesmo tempo que o paciente melancólico se autodeprecia, ele poderá ter a expectativa, o desejo, de punir e/ou de ser punido. São sentimentos ambivalentes, sadomasoquistas.



Freud (2010/1917, pp. 184-185), alerta que na melancolia, “o investimento amoroso do melancólico em seu objeto, experimentou um duplo destino: parte dele regrediu à identificação, mas outra parte, sob a influência do conflito da ambivalência, foi remetida de volta ao estágio do sadismo (...) Apenas esse sadismo nos resolve o enigma da inclinação ao suicídio, que torna a melancolia tão interessante – e tão perigosa (...) a análise da melancolia nos ensina que o Eu pode se matar apenas quando, graças ao retorno do investimento objetal, pode tratar a si mesmo como um objeto, quando é capaz de dirigir contra si a hostilidade que diz respeito a um objeto”.

A configuração borderline (“limítrofe”)

De acordo com Roosevelt Cassorla (pp.95-105), as definições das configurações borderline e narcísicas não são unânimes, entendendo que muitas vezes são utilizadas como sinônimos. O termo “configurações” enfatiza o dinamismo e a complexidade do grupo. No presente texto, para fins didáticos, analisaremos separadamente a configuração borderline da configuração narcísica. Cumpre ressaltar que tanto uma como a outra predisõem o indivíduo a uma maior possibilidade de ideações suicidas e de suicídio.



Para Cassorla, o ponto de partida que serve como referência para a construção do seu pensamento é a adolescência, período com predisposição para instabilidade emocional, em razão do processo da separação da família (Cassorla cita a separação “dos pais, da criança que foi, do corpo infantil, a fantasia da bissexualidade”), para a construção de sua identidade como adulto. Essa separação implica em perdas, ou seja, na elaboração dos lutos, na necessidade de encontro de novos objetos.

Cassorla também considera a importância dos traumas vividos pelo bebê, que serão revividos na adolescência: o seu mundo interno fragilizado, sentindo-se ameaçado, com necessidade de simbiose, de fusão com o objeto protetor.

Portanto, o período da adolescência se caracteriza por uma intensidade pulsional própria, levando o adolescente à procura de um novo objeto idealizado, considerado como “protetor” (Cassorla cita como exemplos: uma namorada, o líder de um grupo na escola, amigos, entre outros).

É importante ressaltar que objetos idealizados (e fusionados) são ao mesmo tempo desejados e ameaçadores,



passando a fazer parte de uma relação simbiótica com o indivíduo.

Uma elaboração saudável (mas sempre difícil) dos lutos possibilitará o desenvolvimento da capacidade de viver na alteridade (ou seja, de viver separado do outro), mas ao mesmo tempo, de também elaborar novas experiências com outras pessoas (“realidade triangular”), ressignificando as situações vivenciadas.

Todavia, Cassorla ressalta que durante a análise dos pacientes borderline, encontraremos inúmeras tentativas de manutenção da simbiose, dando ensejo a uma série “de defesas primitivas, fantasias edípicas mal elaboradas, terrores de abandono e de sufocamento, de estados confusionais, de defesas obsessivas, maníacas e psicopáticas, as quais também entram em jogo” (p.88). Além disso, as angústias de separação e de intrusão podem ter o significado um “não-ser” e de aniquilamento (p. 96), podendo, inclusive, coexistirem com outras partes cindidas que “mantêm” um contato razoável com a realidade”. Em outras palavras, percebemos a desfusão das pulsões, ou seja, a atuação em separado das pulsões de vida e de morte (Laplanche/Pontalis, pp.205-206).



A configuração narcísica: a patologia do narcisismo

De acordo com René Roussillon, as psicoses, as depressões severas (melancolia), os borderlines e os comportamentos antissociais apresentam uma característica em comum: “a centralidade da problemática de uma patologia do narcisismo, da relação do sujeito consigo mesmo”.

Para Roussillon, a definição de narcisismo pode ser entendida como um “investimento do sujeito em si mesmo, mantendo uma relação libidinal consigo mesmo: eu me amo, eu me detesto, eu me admiro, eu me adulo, eu me mataria” (p.14). Nesse sentido, ele ressalta que Freud não se limitou a descrever o objeto da melancolia como “objeto perdido”, mas também como um objeto “decepcionante” (p.31). Portanto, para Roussillon, o problema do narcisismo não se restringirá apenas à questão da satisfação pulsional e das fases do desenvolvimento genital, mas também (e principalmente) à pulsão organizada pelo Ego e sua relação com o Superego.

Seguindo essa linha de raciocínio, Roussillon traça um paralelo entre o narcisismo e a necessidade de investimento. Ele entende que o ser humano não pode viver sem um investimento amoroso, o que não impede a existência de um



sentimento (e de um investimento) de ódio para com objeto. Citando Winnicott, Roussillon enfatiza que a quantidade de investimento precisa ser suficiente, coexistindo com a qualidade do investimento (Esta última seria inclusive mais importante do que a quantidade).

Citando Piera Aulagnier, Roussillon assinala que um outro aspecto importante seria a problemática da autorrepresentação e do auto investimento dos processos (processo sendo definido como um investimento no Ego e no corpo). O investimento precisa ser coeso, mantendo unidas as “partes do Ego”, com o intuito de evitar a vulnerabilidade às angústias de fragmentação e da sensação de despedaçamento (p.20-21).

Continuando o seu raciocínio, Roussillon reforça a importância da coerência, intimamente relacionada com “o sentido das coisas”, o que propiciará a compreensão, pelo indivíduo, permitindo assim a integração do que foi compreendido.

Um outro aspecto que deve ser considerado é o sentimento de identidade que o paciente apresenta. A identidade consistiria em continuar sendo si mesmo, apesar das oscilações, por exemplo, do humor, percebendo-se como não tendo mudado



(acrescento, a sua essência, o seu âmago), apesar de uma irritação extrema, mas transitória. O paciente ainda se reconhece. O problema surge quando o paciente não mais se reconhece ou afirma não ser “como as outras pessoas”.

Por sua vez, Cassorla entende que quando existe um predomínio das defesas narcísicas, estaremos diante das configurações narcísicas. A princípio, ele afirma ser útil a divisão entre os dois tipos básicos: o narcisismo libidinal e o narcisismo autodestrutivo.

O narcisismo libidinal é relacionado com o investimento do Ego pela pulsão de vida, tendo como consequência a idealização e supervalorização. O que for considerado valioso deverá ser controlado. Por outro lado, o que for desprezível, será projetado. As decepções nos investimentos objetivos podem levar a um sentimento de dependência, o qual tentará evitar a todo custo, sob pena de colapso da auto idealização, dando margem para o surgimento do narcisismo autodestrutivo, sendo revividas humilhações e decepções primitivas, resultado da fusão das pulsões de vida e de morte, predominado essa última (pp.102-104).



Conclusões

Na psicanálise Freudiana, o estudo do objeto e da sua escolha é da maior importância para a compreensão dos fenômenos psíquicos. A representação de um objeto tem inúmeros significados, dando ensejo ao surgimento de diferentes defesas, impactando na saúde mental dos indivíduos.

As vivências sexuais demonstram ter um papel fundamental na vida de todas as pessoas, influenciando os diferentes comportamentos e mecanismos de defesa. As fases da organização genital sinalizam o longo caminho das vivências percorrido pelo indivíduo, que serão reativados após o período da latência.

A questão do complexo de Édipo é inevitável, central e essencial. Com a 2ª tópica, o objeto passou a ser compreendido dentro do contexto da análise do Ego e do superego do paciente, com uma série de implicações no seu comportamento, das suas vivências e das defesas psíquicas utilizadas.

No contexto atual, percebe-se que os pacientes que apresentam quadros depressivos mais graves (melancolia) e os pacientes *borderlines* e narcísicos são cada vez mais frequentes. Eles constituem um grupo de pacientes considerado



como um verdadeiro desafio no tratamento psicanalítico. Além disso, a fragilidade do Ego predispõe esses indivíduos a uma chance aumentada de comportamentos de risco e de ideações suicidas e suicídio. Apresentam em comum a utilização de defesas arcaicas e rígidas. A capacidade de abstração é pobre, dificultando a relação transferencial-contratransferencial. Ocorre uma fragmentação das representações (“difusão da identidade”).

As configurações narcísicas podem oscilar entre o narcisismo libidinal (auto idealização, insensíveis, distantes) e o narcisismo autodestrutivo (colapso da auto idealização). A estruturação do Ego é essencial para a qualidade do investimento objetal, característica mais importante do que a quantidade de investimento.

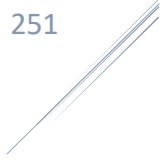
REFERÊNCIAS

- Cassorla, R.S.M. (2021). Estudos sobre suicídio: Psicanálise e saúde mental. Configurações borderline e narcísicas. São Paulo: Blucher, 2021.
- Freud, S. (2011a). A organização genital infantil. In S. Freud, Obras completas. (trad. Paulo César de Souza. volume 16). São Paulo: Companhia das Letras. (trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (2011b). O Ego e o Id. In S. Freud, Obras completas. (trad. Paulo César de Souza. volume 16). São Paulo: Companhia das Letras. (trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (2015). In S. Freud, Obras completas. Luto e melancolia. (Tradução Paulo César de Souza, volume 12). São Paulo:



- Companhia das Letras. 2010. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, Obras completas. (trad. Paulo César de Souza. volume 06). São Paulo: Companhia das Letras. (trabalho original publicado em 1905).
- Garcia-Roza, L.A. (2018). Artigos de metapsicologia, vol 3. 1914-1917. O objeto da pulsão 1ª edição. pp. 92- 96. Rio de Janeiro. ZAHAR. 1995.
- Laplanche, J.; Pontalis, J.B. (2016). Vocabulário da psicanálise. 4ª edição. (Tradução Pedro Tamen). 1987. Livraria Martins Fontes Editora Ltda, São Paulo.
- Roussillon, R. (2023) O narcisismo e a análise do Eu. Problemática e paradoxos do narcisismo. São Paulo, Blucher.





CAPÍTULO XI



OBJETO EM FREUD

Lenira Vasco dos Santos¹

¹Psicanalista em Formação pela Sociedade Psicanalítica do Recife-SPRPE.

RESUMO

Este artigo traça uma linha de evolução do pensamento freudiano tendo como corte epistemológico o objeto. Esse conceito é central na doutrina psicanalítica, no entanto, no início a sua construção não foi um foco, ele estava presente, como estímulo necessário para o funcionamento mental, mas a sua atuação somente ganha relevância tempos depois, seja com a análise dos Três Ensaio, seja com a detalhada descrição das formas de escolha de objeto no Narcisismo. Com o desenrolar dessa linha de evolução do conceito de objeto é possível identificar as diversas fases da teoria de Freud e como pouco a pouco o objeto, enquanto elemento externo, cresce em importância para explicar as dinâmicas dos processos mentais.

Palavras-chaves: Teoria freudiana; Identidade; Psicanálise; Escolha de objeto.

Introdução

Analisar o objeto em Freud passa por estudar a relação do humano com o seu ambiente, investigação apta a traduzir um clássico questionamento sobre a dimensão e as formas da influência da cultura na construção do humano.

Seria o humano algo dado desde a sua origem ou seria algo construído com o desenvolvimento do indivíduo em sociedade?



A filosofia já trouxe várias respostas para essas indagações, incluindo aquela adotada por, Peter Sloterdijk, um filósofo alemão atual. Sua teoria evidencia um humano produto das relações erigidas ao longo da vida:

O fato do ser humano ter se tornado o ser que está no mundo tem raízes na história da espécie, raízes que se deixam entrever pelos conceitos profundos da precocidade do nascimento, da neotenia e da imaturidade animalesca crônica do ser humano. O ser humano poderia ser definido como a criatura que fracassou em seu ser animal e em seu permanecer animal. Ao fracassar em ser animal, esse ser indeterminado tomba para fora de seu ambiente e ganha o mundo (...). Se o homem está no mundo é porque toma parte de um movimento que o põe no mundo e o abandona ao mundo. O lactente passa a ser habitante de um mundo sendo totalmente despreparado para isso, se esse êxodo não for acompanhado de acolhimento são gerados animais psicóticos (Sloterdijk/2000, f. 35/36).

O olhar para a origem de um indivíduo revela sua condição dependência absoluta ao aportar neste mundo, sem acolhimento e cuidado está fadado à morte, como disse Freud: "... adentramos o porto da filosofia de Schopenhauer, para quem



a morte é, afinal, “o verdadeiro resultado” e, nesse sentido, a finalidade da vida ...” (FREUD, 1920/2020, f. 167), esse destino interrompido traduz a importância do objeto e revela à Sloterdijk o conceito de coexistência que, segundo ele, precede a existência e sobre a coexistência será edificada a consubjetividade, identidade voltada a habitar as esferas, espaços que organizam um estar-com-o-outro, recanto desejado pelo humano desde que “abandonado” pelo útero, busca que anuncia sempre um |“retorno para casa”, casa que vai sendo substituída e construída no âmbito das relações sem jamais ser alcançada na sua inteireza.

A propósito de esclarecer a tese de Sloterdijk, Maurício Fernando Pitta e José Fernandes Weber, na resenha: *Esfera I: bolhas*, de Peter Sloterdijk, trazem como alegoria o mito grego do poeta Orfeu.

O mito conta a história do poeta Orfeu que pelos dentes de uma serpente perdeu sua amada esposa para o mundo de Hades, Orfeu, então, desceu no submundo e convenceu Hades a devolver Eurídice ao plano dos vivos, contudo, para que o acordo fosse ultimado havia uma condição, Orfeu deveria seguir sempre em frente, jamais olhar para trás até o fim da jornada



rumo ao mundo da vida. Prestes a concluir o caminho, Orfeu não resistiu e olhou para trás à busca de Eurídice, perdendo-a, dessa vez de modo irremediável. O poeta, então, passa o resto de sua existência cantando odes à perda da sua amada.

Com os olhos voltados para essa perda originária, relação perfeita ocorrida na sua gênese, busca em cada objeto que ingressa na sua esfera a Eurídice para sempre perdida, ainda assim, é nessa busca que se torna Orfeu o poeta de Eurídice, antes não era.

Assim como Orfeu, a cria humana se constrói humano, sempre com a visão fixa na sua Eurídice, é por isso que: "... para Sloterdijk, é ilusório crer que o humano se dá de pronto como um sujeito individual, independente e totalmente autônomo – antes, ele é resultado de uma partilha original, e sua condição existencial de ser em um mundo será sempre a de imersão em um contexto relacional novo, sempre uma supressão da ausência, sempre um "ser-em-esferas" (*Revista Natureza Humana*, São Paulo, v. 19, n. 1, pp. 149-158, jan./jul. 2017. F. 149/150).

A história do sujeito é uma história da relação de objeto, desde quando deixou de ser somente o ser e divisou o outro no mundo até quando cumpre o destino da vida, serão esses



encontros a marca da sua existência, o testemunho de sua breve passagem pela humanidade.

As palavras do poeta traduzem a saga da existência de todos nós, Orfeus à busca de Eurídice:

(...)
Não existe saudade mais cortante
Que a de um grande amor ausente
Dura feito um diamante
Corta a ilusão da gente
Toco a vida pra frente
Fingindo não sofrer
Mas o peito dormente
Espera um bem querer
E sei que não será surpresa
Se o futuro me trazer
O passado de volta
Num semblante de mulher

Composição: Paul Fraser / Terry Sttaford /
Aldir Blanc.

A psicanálise trouxe como corte epistemológico para desvendar a construção do sujeito o mal-estar e todas as suas causas, mirar no aspecto relacional de tudo aquilo que aporta no setting sob essa perspectiva é caminhar pelo desenvolvimento mental.



O intuito do presente exame é extrair alguns conceitos formulados por Freud sobre o objeto para com esse corte acompanhar a evolução da sua teoria através das diversas fases.

1895 – Projeto para uma psicologia científica

Voltando um pouco na história, no Projeto em 1895 Freud inicia sua incursão nos esquemas que se formam na mente humana, é o que revela esse trecho da famosa Carta 24 enviada Fliess: “Estou atormentado por dois objetivos: examinar que forma irá assumir a teoria do funcionamento mental, se introduzirmos considerações quantitativas, uma espécie de economia das forças nervosas, e, em segundo lugar, extrair da psicopatologia um lucro para a psicologia normal” (Masson, 1986. F. 130).

Dando concretude aos seus objetivos, Freud começou por descrever os caminhos percorridos pelo fluxo de energia gerado por estímulos internos e externos desde o preenchimento do neurônio por essa energia até o ponto de descarga do excesso de energia, passando por todas as transformações promovidas por e nesse caminho para a



construção de uma memória, desenhada por um sistema de resistências e facilitações.

A teoria do pai da psicanálise, como se pode observar do seguinte trecho do Projeto, é de que o aparelho mental é produto dessa dinâmica entre os estímulos internos e externos e a sua descarga, ou seja, produto das exigências da vida, entre as quais, aquelas oriundas do ambiente em que está inserido o indivíduo:

“Lembremos, portanto, que desde o início o sistema nervoso teve duas funções: a recepção do estímulo vindo de fora e a descarga de excitações de origem endógena. A rigor, foi desta última obrigação que, devido às exigências da vida, fez surgir a necessidade de um desenvolvimento biológico posterior. Poder-se-ia supor, então, que nossos sistemas de e tenham realmente sido os que assumiriam, cada qual, uma dessas obrigações primárias. O sistema seria o grupo de neurônios atingido pelos estímulos externos, enquanto o sistema conteria os neurônios que recebem as excitações endógenas. Em tal caso não teríamos inventado as duas [classes], e, e sim descoberto o que já existia” (FREUD, 1895/, f. 14).



Nesse mesmo sentido:

Desde o início, porém, o princípio da inércia é rompido por outra circunstância. À proporção que [aumenta] a complexidade interior [do organismo], o sistema nervoso recebe estímulos do próprio elemento somático — os estímulos endógenos — que também têm que ser descarregados. Esses estímulos se originam nas células do corpo e criam as grandes necessidades: como, respiração, sexualidade. Deles, ao contrário do que faz com os estímulos externos, o organismo não pode esquivar-se; não pode empregar a Q deles para a fuga do estímulo. Eles cessam apenas mediante certas condições, que devem ser realizadas no mundo externo (Cf., por exemplo, a necessidade de nutrição) (FREUD, 1895/, f. 10).

Realçando a relevância das fontes externas Freud conclui: “... não resta dúvida de que o mundo externo constitui a fonte de todas as grandes quantidades de energia ...” (Freud, 1895/, f. 10).

Essa é a semente plantada da relação do sujeito com o objeto, ou seja, aquilo em que e por que o humano procura atingir sua meta, a satisfação (Laplanche, 1991).



Como se pode observar, nessa fase apesar da presença dos estímulos externos na conformação do aparelho mental, não há uma teoria detalhada sobre uma relação de objeto. Ainda assim, lá estava o objeto.

Ignácio Paim em seus seminários sempre esclarece que Freud nunca concebeu o sujeito fora do encontro com o objeto, por isso, no Projeto, 1895, ele já colocava o postulado de que, para que psi (esboço da vida psíquica) acontecesse era necessária a ajuda alheia, o outro, o agente da ação específica.

Ao analisar o Projeto o psicanalista Pernambucano Benilton Bezerra deduz a seguinte síntese:

O atendimento à necessidade por meio do objeto oferecido pelo outro produz a inscrição de um traço mnésico (uma imagem mnêmica) do objeto que propiciou a satisfação (o seio, a mamadeira ou algo que funciona como representação parcial da figura materna). No estado de necessidade anterior, o montante de excitação havia transposto as barreiras que separam psi do interior do corpo, alcançando ômega e provocando a sensação consciente de desprazer e a reação reflexa de descarga. Após a ação específica destinada a atender à exigência causadora da excitação, o montante de Q volta a um



nível mais baixo e, embora constante, permanece agora abaixo do limiar imposto pelas barreiras. Por um tempo, o sistema volta a um estado de equilíbrio, e o desprazer da fome desaparece. Daí por diante, cada vez que se repetir o estado de tensão, haverá um impulso psíquico para ocupar as imagens mnêmicas (representações) do objeto que propiciou a vivência de satisfação original. É a esse impulso que Freud chama de desejo, e a ocupação dessa representação, realização do desejo. A satisfação obtida na experiência da primeira mamada e os traços por ela deixados ficam inscritos no aparelho psíquico, que daí por diante tenta revivê-la na sua plenitude, fracassando inevitavelmente. A satisfação da primeira experiência, e seu objeto, estão perdidos para sempre (Bezerra/2013, f. 111/112).

A troca da cria humana com o ambiente, ou seja, a provocação daquilo com que se depara no mundo, transforma o funcionamento mental criando, inclusive, estímulos internos, pois da satisfação oriunda daquele encontro são geradas algumas pulsões.



Antes, contudo, de adentrar ao exame das pulsões sob a ótica do objeto, importa olhar mais de perto um outro momento na construção desse importante conceito.

1905 – Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade

Com os três ensaios, Freud trouxe para o campo da psicanálise uma discussão que veiculou as maiores críticas a esse campo, algumas delas forjadas sem a necessária incursão nas teses freudianas, é verdade, mas o fato é que após um centenário o tema ainda suscita debates e críticas.

Em 1940, em seu Compêndio, Freud trouxe um resumo desses “achados”, já um pouco mais elaborados, mas que tocam em todos os pontos enfrentados pelo texto dos Três ensaios:

A vida sexual não começa somente com a puberdade, mas inicia-se sim, e com claras manifestações, logo após o nascimento.

É necessário diferenciar nitidamente os conceitos de sexual e de genital. O primeiro é mais amplo e compreende muitas atividades que nada têm a ver com as genitálias.



A vida sexual abrange a função da obtenção de prazer das zonas do corpo que são colocadas posteriormente a serviço da reprodução. Frequentemente, ambas as funções não chegam a coincidir por completo (FREUD, 1940/2018, f. 35).

No texto de 1905, o pai da psicanálise enveredou no método, muitas vezes repetido em sua investigação científica, de extrair das patologias indicadores sobre o funcionamento ordinário do aparelho psíquico.

Das patologias foram extraídos alguns indícios sobre como se dá a escolha do objeto no desenvolvimento sexual humano, é o que se pode deduzir de sua própria fala: “Vamos introduzir duas expressões técnicas: se denominarmos objeto sexual a pessoa da qual vem a atração sexual, e meta sexual a ação à qual o instinto impele, a observação, cientificamente filtrada, indica numerosos desvios no tocante aos dois, objeto sexual e meta sexual, e a relação entre eles e a norma suposta requer uma investigação aprofundada” (Freud, 1905/2016, f. 14).

O objeto agora se concretiza e aparece como a pessoa da qual vem a atração sexual.



A multiplicidade dos objetos sexuais desafiou o exercício argumentativo de Freud que, na qualidade de homem vitoriano, descreveu a atividade sexual como aquela voltada para a reprodução e, a partir dessa premissa, descreveu as escolhas desviantes do objeto sexual.

Entre os desviados estariam os invertidos, ou seja, aqueles cuja libido, já em sua fase genital, dirige-se a pessoas do mesmo sexo.

Apesar de estar imerso num ambiente culturalmente avesso a olhar esse fenômeno de modo mais científico, supera os entraves culturais da época e consegue descrever a independência entre a escolha de objeto e outros aspectos tais como traços de caráter ou intelectualidade, ademais é contundente ao rebater a classificação dessa escolha objetal como uma atitude degenerativa e ao refutar as teorias sobre conseguir explicar se esse fenômeno se dá de modo originário ou adquirido, de modo diverso a essas tendências constrói o importante conceito da bissexualidade humana e com ele explica a possibilidade de uma inversão sexual como uma tendência universal.



Sua narrativa revela um olhar científico que trouxe para o exame dos fenômenos que permeiam a escolha de objeto elementos que somente foram trazidos à luz da cultura muito recentemente, tal como a diferença entre gênero e escolha de objeto, tema tão atual diante das variadas combinações desses dois conceitos, nesse sentido, oportuno dar destaque ao seguinte trecho de seu artigo: “É provável que o instinto sexual seja, de início independente de seu objeto e talvez não deva sequer sua origem aos atrativos deste” (FREUD, 1905/2016, f. 16).

Voltando ao instinto sexual, com os Três Ensaios, ele ganhou um novo olhar, desvinculou-se do determinismo biológico, ainda assim, a questão sobre os detalhes dessa definição do objeto sexual humano continuou e continua aberta.

Essa ainda é a fase da teoria do desejo e da satisfação. As construções freudianas são atravessadas por esse vetor que somente foi visto de outro modo a partir da segunda tópica, pela introdução da compulsão da repetição não orientada pelo prazer. Por isso ao examinar o objeto no desenvolvimento sexual humano a satisfação foi seu referencial.

No início o prazer seria alcançado por ações de autoerotismo, o bebê se satisfaz com ele mesmo, ainda que de



modo distorcido pela ilusão de completude com a mãe. Na sequência, o prazer encontra suporte nas atividades fisiológicas essenciais, é a fase oral que desemboca na fase anal, zonas do corpo que ganham prioridade na produção do prazer.

Nesse sentido o resumo sobre as formas de satisfação na evolução sexual humana: “a) imitando uma satisfação experimentada com outros processos orgânicos, b) pela adequada estimulação periférica de zonas erógenas, c) como expressão de alguns “instintos” cuja procedência ainda não nos é inteiramente compreensível, como o instinto de olhar e o instinto de crueldade” (Freud, 1905/2016, f. 64).

Nesse desenvolvimento sexual são criadas as chaves adotadas na escolha de objeto pelo indivíduo já maduro, depois de atravessadas as fases infantis e o período de latência sexual, quando ele aporta na fase propriamente genital.

O adolescente, ao constatar sua meta fisicamente genital, paralelamente, no lado psíquico, descobre o objeto, construído passo a passo desde a primeira infância, por isso que Freud esclarece: “A descoberta do objeto é, na verdade, uma redescoberta”, ela remete ao momento em que houve as primeiras experiências de satisfação (Freud, 1905/2016, f. 81/82).



A investigação do conceito de objeto na obra freudiana, como se pode ver, traz à luz a relevância do investimento libidinal ofertado pelos cuidadores, pois é nessa relação que o humano vai construindo a ideia de satisfação e com ela delineando os objetos aptos a lhe proporcionarem prazer durante toda a sua vida.

É o cuidador que ensina a criança a amar, não importa se está ou não preparado para essa tarefa ela será realizada. Essa é a grande lição dos Três Ensaios sobre a Sexualidade Humana, onde se está diante de um conceito de objeto vinculado ao que traz prazer para o sujeito.

Em “Pulsões e seus destinos”, 1915, esse tema é aprofundado e o objeto é relacionado entre os elementos da pulsão que são: fonte, meta, força e objeto, a visão sobre o tema se amplia um pouco.

1915 – Pulsões e seus destinos

Antes de adentrar com maior detalhe nessa importante obra freudiana, faz-se imprescindível introduzir algumas breves considerações acerca das traduções dos termos instinto e pulsões.



Uma das traduções para o português mais adotadas é aquela utilizada pela IMAGO na coleção Obras Completas de Freud, em edições que atravessaram décadas, trazida da obra de Freud vertida para o inglês, naquela ocasião, o tradutor traduziu a expressão alemã *trieb* como sinônimo de instinto, incorporando a versão inglesa da obra. A mesma opção foi adotada pelo tradutor Paulo César Lima de Sousa, responsável pela coleção da Companhia das Letras, atualmente a mais divulgada entre aquelas que traduziram Freud diretamente do alemão para o português.

Essa opção, no entanto, data máxima vênua, pode induzir a erro o estudioso da psicanálise, isso porque na obra freudiana há nítida diferenciação entre instinto e pulsão, por isso mesmo Freud nomeou o texto ora analisado de *Trieb und Tribschicksale*, deixando de fora o verbete alemão *instinkt*.

Além disso, o exame detalhado da obra de Freud mostra que pulsão é uma aquisição humana, se constrói tanto quanto a psiquê, o instinto, por sua vez, é algo dado ao humano por sua condição animal, pode ser analisada do ponto de vista biológico de modo bastante claro, já a pulsão, como conceitua Freud, encontra-se entre o físico e o psíquico.



Feito esse destaque, já é possível a análise do artigo Pulsões e seus Destinos com uma compreensão básica uniforme.

Como já foi adiantado, em 1915, o objeto foi trazido como elemento da pulsão.

Mas o que seria a pulsão?

Conforme a descrição do próprio Freud, pulsão é uma necessidade oriunda de um estímulo endógeno, ela pode precipitar modificações no aparelho mental por força de uma pressão constante para a satisfação de determinada exigência, é o "... representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo que alcançam a alma, como uma medida da exigência de trabalho imposta ao anímico em decorrência de sua relação com o corporal" (Freud, 1915/2021, f. 25).

Sendo que o recorte epistemológico adotado no presente estudo é o objeto e já se sabe que este nem sempre coincide com o estímulo interno, impende fazer essa relação entre pulsão, impulso endógeno, e objeto, um estímulo não necessariamente endógeno.



O que diz o próprio Freud: "... nada nos impede de supor que as pulsões mesmas sejam, ao menos em parte, precipitadas dos efeitos de estímulos externos que, no decurso da filogênese, atuaram de forma transformadora sobre a substância viva" (Freud, 1915/2021, f. 23).

A pulsão, marca inscrita no aparelho psíquico oriunda de estímulos endógenos, pode, ao menos parcialmente, ter origem em demandas externas, esse poderia ser o ponto de contato com o objeto, um elemento aparentemente externo ao indivíduo. No entanto, a esta altura, a conceituação de objeto enquanto elemento da pulsão impõe acréscimo: "O objeto de uma pulsão é aquele junto ao qual, ou através do qual, a pulsão pode alcançar sua meta" (Freud, 1915/2021, f. 25).

A partir desse acréscimo associado ao que já anunciado no Três Ensaio sobre a possibilidade de satisfação sexual ser atingida na interação com o próprio sujeito, vê-se que além daquele ente externo que provoca estímulos no indivíduo, o objeto pode se configurar como o próprio sujeito ou partes dele. O conceito inicial de objeto como algo externo ao sujeito que o determina e conforma começa a ganhar contornos mais complexos.



A pulsão traz para a composição dessa teoria um aspecto relevante. Existem demandas originadas no próprio indivíduo das quais ele não pode se furtar pela simples fuga, somente uma alteração interna pode permitir o domínio desses estímulos desconfortáveis, dessa pressão constante e perene, diante dessa constatação Freud conclui: "... são as pulsões, e não os estímulos externos, os verdadeiros motores dos progressos que conduziram o sistema nervoso, com sua infundável capacidade de realização, ao seu tão elevado patamar atual de desenvolvimento" (Freud, 1915/2021, f. 25).

O objeto não está, nessa narrativa, como protagonista da vida psíquica, mas é preciso não esquecer que as demandas que pressionam e transformam o aparelho mental dirigem-se a uma satisfação e ela somente será alcançada diante do encontro como objeto.

Sobre o Narcisismo: Uma Introdução (1914), apesar de ser anterior a Pulsão e seus destinos, como tem um foco maior no objeto foi tratado posteriormente, nele estão anunciados elementos relevantes para uma transformação maior que será introduzida a partir da percepção, por Freud, das demandas Além do princípio do prazer (1920).



1914 – Sobre o Narcisismo: Uma introdução

O artigo inicia discussões sobre a existência de um narcisismo primário, ou seja, sobre um momento inicial em que a libido é dirigida para o próprio eu, movimento que seria necessário e sempre presente no desenvolvimento sexual do humano.

Esse é um tema central na construção da teoria freudiana, ele introduz de forma resumida o que já vinha sendo mencionado em artigos anteriores sobre o tema do narcisismo e o desenvolvimento sexual, além disso, o texto incursiona na relação entre o Eu e os objetos, delinea os conceitos de libido do Eu e libido do objeto e introduz a noção de uma instância de censura, um representante interno dos objetos externos.

A questão do narcisismo surge em razão de ser um aspecto frequentemente encontrado em muitas situações de distúrbios ou perversões, entre eles Freud destaca a hipótese do homossexual, à época classificado de perversão, dessa constatação ele deduziu a possibilidade de o narcisismo fazer parte do curso regular do desenvolvimento sexual humano.



O narcisismo teria duas faces, num deles seria o limite para a influência do outro, parecendo ser vinculado ao instinto de autopreservação, mas quando muito acentuado poderia ser um obstáculo para o próprio tratamento do paciente, como, por exemplo, nos casos de demência precoce quando há a monopolização dos investimentos libidinais no Eu, sem espaço para influência externa.

Além do caso da demência precoce e da esquizofrenia, várias condições promovem essa reversão da libido para o Eu e um afastamento do sujeito do mundo externo, um movimento denominado de narcisismo, o objeto externo é substituído pelo próprio Eu, a hipótese de Freud ao observar essa movimentação é que ele estaria copiando um movimento anterior, a fase do narcisismo primário.

Essa inferência foi extraída da observação do desenvolvimento sexual humano. Os padrões para escolha de objeto no indivíduo adulto remetem às experiências de satisfação do bebê, ou seja, a escolha é feita sempre olhando para trás, tentando repetir algo do início. Esse mesmo voltar de olhos para trás ocorreria no deslocamento da libido para o Eu, ele é a repetição de algo que ocorreu nos primórdios da



existência do indivíduo, quando os investimentos da libido estavam concentrados nele.

Outra evidência do narcisismo primário seria a relação dos pais com os filhos, um amor infantil, renascimento do narcisismo dos pais em forma de amor objeto, o reviver da fase narcisista do desenvolvimento sexual, mas agora com a possibilidade de superação dos vários interditos que os castrou.

A essa altura importante destacar que esse artigo pode ser considerado preparatório para a inflexão de 1920 quando vários conceitos são revisitados e novos conceitos são introduzidos na teoria freudiana.

Quando Freud identifica um momento em que a libido está concentrada no Eu, tanto a libido de autopreservação quanto a sexual, ainda não vislumbra o que virá a constatar no momento posterior, um momento arcaico, primitivo, na existência do indivíduo, tempo ainda não regido pela lógica do desejo e pautado por fenômenos não percebidos nesse ponto da história da teoria psicanalítica, mesmo assim, anuncia uma fase em que o Eu ainda não foi desenvolvido, foi o que o levou a construir a seguinte relação entre o narcisismo primário e o autoerotismo:



(...) é uma suposição necessária, a de que uma unidade comparável ao Eu não existe desde o começo no indivíduo; o Eu tem que ser desenvolvido. Mas os instintos autoeróticos são primordiais; então deve haver algo que se acrescenta ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que se forme o narcisismo (Freud. 1914/2010, f. 12).

Como se sabe, a libido inicialmente investida no Eu acaba por ser desviada para objetos externos, do que surge uma indagação proposta por Freud: "... de onde vem mesmo a necessidade que tem a psique de ultrapassar as fronteiras do narcisismo e pôr a libido em objetos?" A resposta a essa indagação retrata um dos mais importantes temas da humanidade: "A resposta derivada de nosso curso de pensamento seria, mais uma vez, que tal necessidade surge quando o investimento do Eu com libido superou uma determinada medida. Um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas afinal é preciso começar a amar, para não adoecer, e é inevitável adoecer, quando, devido à frustração, não se pode amar" (Freud. 1914/2010, f. 21).

Voltando ao foco da investigação, ou seja, ao deslocamento das libidos, à dinâmica entre o Eu e o os objetos externos, de



cuja observação foi possível duas formas de escolha de objeto, a anaclítica orientada pelos objetos primários, ou seja, os cuidadores, e a narcisista quando o parâmetro é o Eu, seja o indivíduo que se é, o que se foi, o que se gostaria de ser ou ainda, alguém que já foi parte do Eu.

Ambos são critérios que remetem às experiências de satisfação do bebê, esse é o indicador decisivo nas escolhas de objeto. A forma de amar do sujeito estará sempre subordinada ao bebê que ele já foi e será esse bebê quem dará o tom da mescla entre o modo anaclítico e o narcisista de escolha para definir os destinos da libido do Eu e da libido objetal. Assim serão definidas as cores do amor daquele indivíduo em especial.

No apaixonamento a libido do Eu e a objetal são concentradas no objeto, há um empobrecimento do Eu em favor do objeto amoroso, o Eu será enriquecido quando houver correspondência, do contrário seguirá empobrecido. No modo narcisista, por outro lado, a escolha é balizada pelo afastamento de tudo aquilo que empobreça o Eu, nesse caso o indivíduo busca ser amado muito mais do que amar.



Esses são dois extremos, a combinação entre eles é infinita e individualizada, necessariamente em associação às experiências de satisfação do bebê que se foi.

Conclusão

Nesse ponto o cerne da relevância do objeto na individuação da cria humana e na formação de sua psiquê é revelado, sem o objeto o humano “não seria”, a prematuridade de seu nascimento vaticina esse fim, somente quando o outro aporta com a sua ação específica, propiciadora do Eu, esse fim pode ser adiado, postergado, jamais evitado.

Muito mais será acrescido à doutrina freudiana, os aspectos passivos do início da relação com o outro, a comovente constatação de que o fim da vida não é o prazer, mas sim a morte, essa sim, como diria Camões, é precisa trarão um novo pensar sobre essa relação, mas a construção do conceito de objeto se vê delineado de modo preciso, ao menos sob a perspectiva freudiana, já nesses textos, já é possível identificar no objeto como aquele que ensinará o sujeito a amar e doará para ele todos os seus instrumentos de relação objetal, vetor de toda a sua vida, suas relações.



A título de provocação, já que encerrada a descrição freudiana do tema, pede-se vênua para propor, a propósito da influência do objeto na construção do outro, a leitura de um artigo da revista *Hypescience*, de autoria de Natasha Romazoti, 22/02/2016, em que são reproduzidas imagens elaboradas por ensaio da fotógrafa alemã Julia Fullerton-Batten, "Feral Children", com base nas histórias de crianças que foram criadas próximas a objetos não convencionais, o outro nesses casos não foram os cuidadores padrão.

Um dos casos retratados por Fullerton-Batten é o de Oxana Malaya, ucraniana, que no ano de 1991, quando estava com 8 anos, foi encontrada vivendo ao lado de vários cães: "Ela estava nessa condição há 6 anos. Quando tinha apenas 2 ou 3 anos, ela entrou no canil e aninhou-se com os animais para matar o frio. Quando foi encontrada por seres humanos, agia mais como um cachorro do que como uma pessoa, andando de quatro, ofegando com a língua para fora e até mesmo arreganhando os dentes e latindo. Ela só sabia falar duas palavras, "sim" e "não". Oxana recebeu um tratamento intensivo para aprender habilidades verbais e sociais básicas, mas ainda assim nunca ultrapassou a capacidade mental de uma criança de cinco anos



de idade. Ela agora vive em uma clínica de Odessa, onde trabalha com animais sob a supervisão de seus cuidadores”.

Necessário concordar com Sloterdijk, o ser humano é um estado potencial, não é dado naturalmente, é um animal que se perdeu da sua natureza animal, perdeu seu lugar natural, passa a vida buscando um lugar para estar, onde se sentirá seguro e protegido das carências oriundas da falta de um habitat. Com a psicanálise podemos apontar que a construção desse lugar depende do objeto que recebeu o indivíduo na sua chegada ao mundo.

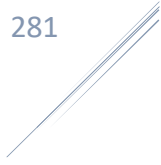
REFERÊNCIAS

- Sloterdijk, P. (2018). Regras para o parque humano. São Paulo: Estação Liberdade.
- Freud, S. (2010). Obras completas, volume 12. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2016). Obras Completas, volume 06. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2018). Obras Completas, volume 19. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2020). Além do Princípio do Prazer. Belo Horizonte: Autêntica.
- Freud, S. (2021). As Pulsões e seus destinos. Belo Horizonte: Autêntica.
- Freud, S. (2023). Projeto para uma psicologia científica conforme https://www.academia.edu/22477265/Freud_Projeto_para_uma_Psicologia_Cienti_fica, em 12/10/2023.



- Masson, J. M. A. (1986). correspondência de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904. Rio de Janeiro: Imago.
- Bezerra Jr, B. (2013). Projeto para uma psicologia científica: Freud e as neurociências. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.





CAPÍTULO XII



PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO: O APRENDER E O NÃO APRENDER DA CRIANÇA, NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR

José Jacinto Silva Santos¹

¹Psicólogo, Mestre em Ciências da Educação e Psicanalista em Formação pela Sociedade Psicanalítica do Recife.

RESUMO

Este trabalho surge de um olhar atento do autor para a aprendizagem da criança no ambiente escolar, e sua condição de aprender, que não corresponde ao que está sendo ensinado conforme a sistematização. Uma possibilidade de pensar tal processo e suas condições emocionais na eficácia dos objetivos estabelecidos. Tendo como referencial a psicanálise como ciência e método, ancorada na teoria Freudiana, conferência XXIII. Freud argumentou a necessidade de pensar as “manifestações dos sintomas na perspectiva do encontro da doença”. O autor sugere que o conhecimento de fenômenos conceituais da psicanálise venha contribuir para o entendimento de possíveis dificuldades de aprendizagens apresentadas como sintomas, estejam elas implicadas em suas experiências emocionais mais primitivas, que não foram elaboradas. Assim a psicanálise surge como um instrumento didático e continente no processo educativo pelo educador, como um mecanismo de contenção do sofrimento emocional da criança, possibilitando assim a condição do aprender.

Palavras-chaves: Criança; Ambiente escolar; Aprendizagem; Teoria Freudiana.

Parece-me que nos concentramos demais nos sintomas e nos interessamos muito pouco por suas causas. Ao educar as crianças só visamos a ser deixados em paz e não ter dificuldades, em suma, a formar uma



criança modelo, e prestamos muito pouca atenção a se tal curso de desenvolvimento é também para o bem da criança (Freud, 1909, p.148).

A construção deste trabalho é parte de um olhar inquieto do autor ao processo educativo sistematizado da criança, e as queixas enquanto resultados não obtidos deste processo pelo educador. Aproprio-me da teoria freudiana no sentido de possibilitar um diálogo entre a psicanálise enquanto ciência e a educação em um construto possível e mediador de tais dificuldades do professor entre teoria e prática. Tendo a psicanálise como uma ciência do desenvolvimento da psique humana, com seu diferencial que é o inconsciente como um sistema dinâmico e atemporal (Freud, 1915), que a torna peculiar em um sentido epistemológico da vida de cada indivíduo em sua mais tenra infância.

O conhecimento da Psicanálise como ciência na pedagogia pode propiciar uma prática mais eficaz e acolhedora no desenvolvimento das manifestações emocionais que afetam a capacidade cognitiva, como expressão do funcionamento mental, a partir de uma experiência afetiva, acolhedora e criativa. Não colocando o educador no lugar de psicoterapeuta,



mas conhecedor de uma ciência que possibilita o entendimento de fenômenos constitutivos ou adquiridos não elaborado pela criança em uma fase do seu desenvolvimento, e que pode ser reeditado na fase da educação escolar.

Tais fenômenos podem ser perceptíveis pelo educador a partir do conhecimento da psicanálise vivenciada em sua prática pedagógica, como facilitador do desenvolvimento psíquico e emocional da criança. Em que suas experiências emocionais mais primitivas serão determinantes na formação da psique, do pensamento e da simbolização.

Parafraseando Bion (1991), Dupas (2008, p.18) afirma “o pensar e o conhecer surgem por meio do amor materno, que se expressa pela *reverie*”. Assim tal experiência não vivada de forma satisfatória em sua mais tenra infância afeta o desenvolvimento emocional e posteriormente a capacidade criativa e sua aprendizagem cognitiva. Resultante de uma experiência emocional que não foi possível elaborar, movimentos que se entrelaçam a partir das vivências com as figuras parentais que forma o primeiro ambiente social da criança, e tais relações constitui-se representações que adentram a escola.



A escola, como espaço de transformação social, onde as manifestações internas de cunho subjetivo podem emergir em forma de sintomas que se tornam um obstáculo no processo educativo e da aprendizagem. O conhecimento dos conceitos e fenômenos psicanalíticos foi evidenciado por Freud como instrumento facilitador no processo educativo “Estou pensando nas aplicações da psicanálise à educação, à criação da nova geração (Freud, 1909, p.144)”.

Conforme este entendimento é possível pensar na condição de demandas de ordem psicológicas que a criança pode manifestar no processo educativo e em ambientes escolares, causando prejuízos em seu desenvolvimento emocional e cognitivo, decorrente de uma experiência traumática.

“O sintoma repete esta forma infantil de satisfação deformada pela censura, que surge pelo conflito, via de regra, transformada em uma sensação de sofrimento (Freud, 1917. p.427)”.

O sentimento da experiência traumática vivenciada pela criança, se não elaborada, consiste em uma condição vulnerável de pensamento, criação e simbolização, fatores essenciais para a aprendizagem. As dificuldades apresentadas pela criança no



processo educativo requerem um olhar atento e sistematizado em uma teoria advinda do desenvolvimento humano e da psique como é a psicanálise, em uma prática capaz de acolher e conter o desamparo da criança e possibilitando a reparação em um ambiente facilitador “a escola”, como diz Winnicott (Abram, 1996).

A psicanálise como ciência, segundo Dupas Margarida (2008, p.149) “tem uma sustentação epistemológica peculiar que leva em conta a dimensão inconsciente do ser humano, motor da vida e base da vida mental”. Assim seu conceito e fenômenos vêm a contribuir no desenvolvimento do ato de aprender da criança, como um recurso didático do educador como um conhecimento das ciências humanas, permitindo assim um diálogo vivo e permanente com outras áreas do conhecimento em uma teia de relações, sentimentos e emoções objetivando uma experiência afetiva e prazerosa movida pelo desejo de aprender.

Entendendo a importância destes elementos enquanto fenômenos da vida pulsional e psíquica é que as manifestações do educando (criança), enquanto ser em desenvolvimento e suas representações necessita do outro (o professor) que



desenvolve a função de continente em um ideal de objeto primário prazeroso, como diz Winnicott (Abram,1996) “uma mãe suficientemente boa”.

Esta capacidade atribuída ao professor, de forma inconsciente e transferencial, corresponde a fenômenos psicanalíticos vivenciados na experiência educativa e ao mesmo tempo desconhecida de sua importância neste processo. O desconhecimento de se, por parte do professor, surge como um obstáculo no acolhimento da criança, assim, a psicanálise com seu método e técnica torna-se uma ciência que cuida da saúde mental, e vem a corroborar na contenção do sofrimento psíquico do indivíduo fora do divã.

Sabido que o conhecimento da psicanálise não é inato, fazendo-se necessário ser apresentado ao professor, como um instrumento gerador de possibilidades em um mundo desconhecido que envolve todos os envolvidos no processo: família, escola e sociedade.

Na relação professor-aluno, este sofrimento psíquico da criança só poderá ser percebido pelo educador como uma condição de um estado mental, resultante de uma experiência traumática, isso se ele dispuser de um conhecimento mais



íntimo de se e da psicanálise. A formação de vínculos presente nesta experiência emocional converge em uma dialética entre teoria e prática, depois transformada em uma representação simbólica. Assim a capacidade criativa passa a ser um fio condutor de um processo da capacidade de pensar e aprender da criança. Ao que Bion denominou de vínculo K (Zimmerman, 2010), um estado mental capaz de processar as emoções vivenciadas na dupla professor aluno, que conduz o pensamento para transformação do conhecimento.

Aproprio-me de uma citação de Inúbia Duarte (1995), em seu artigo Epistemofília e Vínculo -K: A Proibição do Conhecer (Uma Ilustração Clínica), no sentido de suscitar uma atenção as manifestações apresentadas pela criança no ambiente escolar, como um espaço possível de uma percepção entre o que é normal (constitutivo do desenvolvimento da criança) e o que é sintoma.

“No trabalho psicoterápico com crianças, diversos aspectos suscitam meu interesse, mais um, em particular, chama-me mais atenção, talvez por sua complexidade e seu aparente paradoxismo: crianças extremamente inteligentes que apresentam problemas de aprendizagem. Pergunto-me: não



querem ou não podem aprender? Ou querem muito aprender e não podem? Por que o aprender se torna tão doloroso para algumas crianças? Por que, para alguma dessas crianças, é proibido conhecer a realidade? E qual a realidade que é proibida de ser conhecida, a interna -- o mundo dos objetos internos e das fantasias – ou a externa – mundo objetivo, fatos reais? (DUARTE e ZIMERMAN, 1995, p.221).

Neste entendimento, pensar o ensinar a criança valores, significados e possíveis expressões de se é também pensar em quem o ensina (o professor), assumindo um modelo de identificação: “como um objeto e como agente de saúde mental” (Dupas, 2008, p.151). Para vivenciar esta realidade na prática educativa é necessário o conhecimento de tal instrumento, a psicanálise. Perceber a dinâmica do desenvolvimento da criança e suas alterações em uma comunicação lúdica do seu mundo interno são as condições em que a criança apresenta dificuldades emocionais e o professor poderá identificá-las como sintomas de uma origem traumática da sua mais tenra infância, atribuindo uma atenção à saúde mental da criança, o que implica em todo seu processo criativo.



Foi escolhido o processo de escolarização sistematizada da criança no ambiente escolar, para abordar a importância do conhecimento da psicanálise como ciência, com seus conceitos e fenômenos no processo educativo, como um instrumento capaz de facilitar o entendimento de fenômenos em forma de sintomas, possíveis e existentes na relação professor/aluno, como algo estranho e desconhecido no percurso do ato de ensinar e aprender.

Sabendo que para o professor é uma tarefa difícil pôr em prática em seu cotidiano, sendo mais uma atribuição diante de algo novo e desconhecido. Esta realidade necessita ser enfrentada de forma dialógica e dialética implicadas entre o indivíduo e o sujeito, onde sua historicidade se manifesta em defesas, resistência e desconhecimento de se, assim, suas dificuldades de acesso a este instrumento abordado, e suas próprias experiências emocionais necessitam de um espaço facilitador. Assim o ambiente escolar como um ambiente formador e gerador de cuidados, não poderia ausentar-se de tamanha singularidade que é saúde mental dos envolvidos neste processo de escolarização, destacando o professor, pela sua representação simbólica, e o aluno, pela condição de suas



vivências afetivas e emocionais determinantes do ato de aprender.

Percebo que a psicanálise enquanto ciência possa ser um ponto de partida nesta caminhada no entendimento das dificuldades emocionais da criança em seu processo de aprendizagem enfrentado no ambiente escolar.

A base da formação da personalidade vem dos afetos, das relações parentais, da sociedade que formam as instituições, como a escola, que assume uma função primordial no desenvolvimento psicossocial da criança. Nesta perspectiva a teoria freudiana representa um instrumento capaz de dialogar com outras áreas das ciências humanas, introduzindo os conceitos psicanalíticos para o entendimento do sofrimento e dos conflitos da vida mental da criança.

Mediante o exposto, este trabalho objetivou proporcionar um diálogo permanente entre os conhecimentos psicanalíticos e a educação, em um recorte da prática educativa das crianças no ambiente escolar. Na possibilidade de diminuir agravos à saúde mental no processo de escolarização na sua mais tenra infância, um acompanhamento compartilhado, afetivo e criativo, partindo da imaturidade a maturidade da criança.



Assim as contribuições dos conhecimentos psicanalíticos na educação sistematizada é uma possibilidade. Encerro com a convicção de que, a educação e a psicanálise convergem para o aprofundamento do conhecimento e desenvolvimento dos seres humanos: na família, na escola e na sociedade desde os primeiros anos de vida.

REFERÊNCIAS

- ABRAM, J. A. (2000). *linguagem de Winnicott*; Rio de Janeiro: Revinter.
- AZEVEDO, M. D. (2008). *Psicanálise e educação: construção do vínculo e desenvolvimento do pensar*; São Paulo: Cultura Acadêmica.
- FREUD, S. (1969). *O Futuro De Uma Ilusão. (1927). Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago.*
- FREUD, S. (1969). *Conferências Introdutórias sobre psicanálise (1916-17 [1915-1917]), Conferência X, Simbolismo Nos Sonhos. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. XV. Rio de Janeiro: Imago.*
- FREUD, S. (1976). *Conferência XXIII, Os Caminhos da Formação dos Sintomas (1917 [1916-171]), edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. XVI. RJ.*
- KLEIN, M. (1991). *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963) Melanie Klein; tradução da 4ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Imago.*
- ZIMERMAN. D. (1995). *Duarte. Epistemofilia e Vínculo -K: A Proibição do Conhecer (Uma Ilustração Clínica), Bion, da teoria a prática. Uma leitura didática. Porto Alegre: Artes Médicas.*
- ZIMERMAN. D. (2010). *Os quatros vínculos: amor, ódio, conhecimento, reconhecimento na psicanálise e em nossas vidas; PA. Artmed.*





CAPÍTULO XIII



UM DIÁLOGO ENTRE ALMAS

Michael A. Henriques da Silva¹¹Poeta e Professor de Tecnologia da Informação.

Na mente, um labirinto de emoções,
Onde a poesia e a psicanálise se encontram.
Uma busca profunda, em união,
Para desvendar os segredos da alma.

A palavra, como um bisturi afiado,
Dissecando o inconsciente adormecido.
Versos que ecoam, como um grito libertado,
Trazendo à luz o que estava escondido.

Na análise, o divã convida à reflexão,
Um espaço seguro para a alma se revelar.
E a poesia, com sua voz de sedução,
Afasta as sombras e convida a sonhar.

Em cada verso, um universo a explorar,
Em cada sessão, um novo caminho a trilhar.
Poesia e psicanálise, lado a lado a caminhar,
Na busca incessante pelo autoconhecimento e amar.

Através da linguagem, a cura se faz presente,
Em cada palavra, um bálsamo para a mente.
Poesia e psicanálise, um elo permanente,
Na jornada da alma em busca do transcendente.

Michael A. H. da Silva



“Os capítulos aqui publicados são de inteira responsabilidade (linguística, semântica e ortográfica) de seus autores. As opiniões neles emitidas não exprimem, necessariamente, o ponto de vista da SPRPE/FEBRAPSI/IPA, da UFRPE e dos editores da obra”.





Editora
Universitária
da UFRPE



ISBN 978-650122417-6



9

786501

224176